



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

VALEC



MINISTÉRIO
DOS TRANSPORTES

**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL (EIA) DAS OBRAS DE
IMPLANTAÇÃO DA FERROVIA OESTE LESTE (EF 334),
ENTRE FIGUEIRÓPOLIS (TO) E ILHÉUS (BA)**

**VOLUME 2G - MEIO BIÓTICO
FAUNA - RESULTADOS MASTOFAUNA**

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL (EIA) DAS OBRAS DE IMPLANTAÇÃO DA FERROVIA OESTE LESTE - EF 334

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
5.2.3.3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - MASTOFAUNA	7
CARACTERIZAÇÃO DA MASTOFAUNA POR FITOFISIONOMIA	7
SAVANA ARBÓREA ABERTA (TOCANTINS) – ÁREAS 1 E 2	8
SAVANA PARQUE (TOCANTINS) – ÁREAS 3 E 4	9
FLORESTA ESTACIONAL (TOCANTINS) – ÁREA 5	11
SAVANA PARQUE (BAHIA) – ÁREA 6	12
SAVANA ARBÓREA ABERTA (BAHIA) – ÁREAS 7 E 8	13
FLORESTA ESTACIONAL (BAHIA) – ÁREA 9	15
ESTEPE ARBÓREA ABERTA A OESTE DO SÃO FRANCISCO (BAHIA) – ÁREA 10	15
ESTEPE ARBÓREA Densa (BAHIA) – ÁREAS 12, 13 E 14	16
ESTEPE ARBÓREA ABERTA A LESTE DO SÃO FRANCISCO (BAHIA) – ÁREAS 11 E 15	18
FLORESTA SEMIDECÍDUA (BAHIA) – ÁREA 16	19
FLORESTA OMBRÓFILA (BAHIA) – ÁREAS 17, 18 E 19	20
ESPÉCIES ENCONTRADAS X ESPÉCIES ESPERADAS	22
ANEXO 1 - TABELAS	32
APÊNDICE – NOMES POPULARES DAS ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE - FIOI	62
ANEXO 2 – FIGURAS E REGISTROS FOTOGRÁFICOS	66

ÍNDICE DE TABELAS

<i>TABELA 1 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)</i>	32
<i>TABELA 2 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)</i>	32
<i>TABELA 3 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM PARANÁ E ARRAIAS/CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREAS 3 E 4) COM SAVANA PARQUE</i>	34
<i>TABELA 4 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM PARANÁ E ARRAIAS/CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREAS 3 E 4) COM SAVANA PARQUE</i>	34
<i>TABELA 5 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA</i>	36
<i>TABELA 6. - ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA.</i>	37
<i>TABELA 7 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM RODA VELHA-SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 6) COM SAVANA PARQUE, BA</i>	38
<i>TABELA 8 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM RODA VELHA-SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 6) COM SAVANA PARQUE, BA</i>	38

TABELA 9 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREAS 7 E 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	39
TABELA 10 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREAS 7 E 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	39
TABELA 11 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM SÃO FÉLIX DO CORIBE, BA (ÁREA 9), COM FLORESTA ESTACIONAL	40
TABELA 12 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM SÃO FÉLIX DO CORIBE, BA (ÁREA 9) COM FLORESTA ESTACIONAL	41
TABELA 13 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S FRANCISCO, BA (ÁREA 10, SERRA DO RAMALHO, BA)	41
TABELA 14 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S. FRANCISCO, BA (ÁREA 10, SERRA DO RAMALHO, BA)	41
TABELA 15 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14) COM ESTEPE ARBÓREA Densa	42
TABELA 16 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14) COM ESTEPE ARBÓREA Densa	42
TABELA 17 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM RIACHO DE SANTANA/MATINA/PALMAS DE MONTE ALTO E MANOEL VITORINO, BA (ÁREAS 11 E 15) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA	44
TABELA 18 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM RIACHO DE SANTANA/MATINA/PALMAS DE MONTE ALTO E MANOEL VITORINO, BA (ÁREAS 11 15) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA	44
TABELA 19 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM UM PONTO AMOSTRAL (16, JEQUIÉ, BA) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA, BA	45
TABELA 20 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM UMA ÁREA AMOSTRAL (16, JEQUIÉ, BA) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA, BA	46
TABELA 21 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM FLORESTA OMBRÓFILA (ÁREAS 17 - ITAGIBÁ, 18 - URUÇUCA E 19 -ILHÉUS, BA)	46
TABELA 22 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM FLORESTA OMBRÓFILA (ÁREAS 17. ITAGIBÁ, 18. URUÇUCA E 19. ILHÉUS, BA)	47
TABELA 23 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA ESPERADAS E OBSERVADAS NO TOCANTINS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE - FIOL	48
TABELA 24 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS E ESPERADAS NA BAHIA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE - FIOL	54

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA (ÁREA 1) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	66
FIGURA 2 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM PEIXE (ÁREA 2) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	66
FIGURA 3 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)	67
FIGURA 4 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA (ÁREA 1) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	67

FIGURA 5 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM PEIXE (ÁREA 2) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	68
FIGURA 6 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)	68
FIGURA 7 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM PARANÃ, TO (ÁREA 3) COM SAVANA PARQUE	69
FIGURA 8 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREA 4) COM SAVANA PARQUE	69
FIGURA 9 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS NA FITOFISIONOMIA SAVANA PARQUE (ÁREAS 3 E 4)	70
FIGURA 10 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM PARANÃ, TO (ÁREA 3) COM SAVANA PARQUE	70
FIGURA 11 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREA 4) COM SAVANA PARQUE	71
FIGURA 12 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS NA FITOFISIONOMIA SAVANA PARQUE (ÁREAS 3 E 4)	71
FIGURA 13 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA	72
FIGURA 14 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA	72
FIGURA 15 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM RODA VELHA-SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 6) COM SAVANA PARQUE, BA	73
FIGURA 16 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 7) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	73
FIGURA 17 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	74
FIGURA 18 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREAS 7 E 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA	74
FIGURA 19 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM SÃO FELIX DO CORIBE, BA (ÁREA 9) COM FLORESTA ESTACIONAL	75
FIGURA 20 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S. FRANCISCO (ÁREA 10. SERRA DO RAMALHO, BA)	75
FIGURA 21 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S. FRANCISCO (ÁREA 10. SERRA DO RAMALHO, BA)	76
FIGURA 22 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM BRUMADO, BA (ÁREA 14) COM ESTEPE ARBÓREA Densa	76
FIGURA 23 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14).COM ESTEPE ARBÓREA Densa	77
FIGURA 24 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM CAETITÉ, BA (ÁREA 12).COM ESTEPE ARBÓREA Densa	77
FIGURA 25 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM LAGOA REAL, BA (ÁREA 13).COM ESTEPE ARBÓREA Densa	78
FIGURA 26 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14).COM ESTEPE ARBÓREA Densa	78
FIGURA 27 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM RIACHO DE SANTANA, BA (ÁREA 11) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA	79
FIGURA 28 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM RIACHO DE SANTANA E MANOEL VITORINO, BA (PONTOS 11 E 15) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA	79

FIGURA 29 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM JÉQUIÉ, BA (ÁREA 16) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA	80
FIGURA 30 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM JEQUIÉ, BA (ÁREA 16) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA	80
FIGURA 31 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ITAGIBÁ, BA (ÁREA 17) COM FLORESTA OMBRÓFILA	81
FIGURA 32 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM URUÇUCA, BA (ÁREA 18) COM FLORESTA OMBRÓFILA	81
FIGURA 33 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ILHÉUS, BA (ÁREA 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA	82
FIGURA 34 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ITAGIBÁ, URUÇUCA E ILHÉUS, BA (ÁREAS 17, 18 E 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA	82
FIGURA 35 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM ITAGIBÁ, BA (ÁREA 17) COM FLORESTA OMBRÓFILA	83
FIGURA 36 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM URUÇUCA, BA (ÁREA 18) COM FLORESTA OMBRÓFILA	83
FIGURA 37 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM ILHÉUS, BA (ÁREA 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA	84
FIGURA 38 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM ITAGIBÁ, URUÇUCA E ILHÉUS, BA (ÁREAS 17, 18 E 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA	84

APRESENTAÇÃO

Este estudo se destina à obtenção da LICENÇA PRÉVIA, segundo as Resoluções CONAMA 001/86 e 237/97, compreendendo a Avaliação da Viabilidade Ambiental da Ferrovia de Integração Oeste Leste (EF-334), conforme está Previsto no Plano Nacional de Viação, segundo a Lei Nº 11.772, de 17 de Setembro de 2008.

O EIA está subdividido em três volumes, sendo o segundo, correspondente ao diagnóstico ambiental subdividido em 13 tomos, para facilitar a leitura e o manuseio. O conteúdo de cada volume e tomo segue a itemização estabelecida no Termo de Referência, conforme está apresentado no Quadro abaixo.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE O ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL E O TERMO DE REFERÊNCIA

VOLUME	TOMO	CONTEÚDO (ITENS DO TR)
Volume 1 O Empreendimento	Único	1 - Identificação do Empreendedor e da Consultora 2 - Dados do Empreendimento 3 - Alternativas Tecnológicas e Locacionais 4 - Área de Influência do Empreendimento
Volume 2 Diagnóstico Ambiental	2A – Meio Físico	5.1.1 – Metodologia Aplicada 5.1.2 – Clima 5.1.3 – Geologia 5.1.4 – Geomorfologia 5.1.5 – Solos
	2B – Meio Físico	5.1.6 - Recursos Hídricos 5.1.6.1 – Hidrologia 5.1.6.2 – Hidrogeologia 5.1.6.3 – Qualidade da Água
	2C – Meio Biótico - Flora	5.2.1 – Metodologia Aplicada 5.2.2 – Flora (Caracterização da All, Caracterização da AID e Caracterização das áreas amostradas)
	2D – Meio Biótico - Flora	5.2.2 – Flora (Resultados, conclusão e Dados brutos)
	2E – Meio Biótico - Fauna	5.2.3 – Fauna 5.2.3.1 – Caracterização do Ecossistema da AID
	2F – Meio Biótico - Fauna	5.2.3.2 – Metodologia dos Levantamentos
	2G – Meio Biótico - Fauna	5.2.3.3 – Apresentação dos Resultados (Mastofauna)
	2H – Meio Biótico - Fauna	5.2.3.3 – Apresentação dos Resultados (Avifauna)
	2I – Meio Biótico - Fauna	5.2.3.3 – Apresentação dos Resultados (Herpetofauna)
	2J – Meio Biótico - Fauna	5.2.3.3 – Apresentação dos Resultados (Ictiofauna – Levantamento Preliminar)
	2K – Meio Biótico - Fauna	5.2.3.4 - Conclusões 5.2.4 – Unidades de Conservação

VOLUME	TOMO	CONTEÚDO (ITENS DO TR)
		5.2.5 – Corredores Ecológicos 5.2.6 – Bioindicadores 5.2.7 – Síntese
	2L – Meio Socioeconômico	5.3.1 – Metodologia Aplicada 5.3.2 – Caracterização Populacional 5.3.3 – Condições de Saúde e Endemias 5.3.4 – Estrutura Produtiva e de Serviços
	2M – Meio Socioeconômico	5.3.5 – Uso e Ocupação do Solo 5.3.6 – Reassentamento e Desapropriação 5.3.7 – Comunidades Tradicionais e/ou Quilombolas 5.3.8 – Comunidades Indígenas 5.3.9 – Patrimônio Histórico, Cultural e Arqueológico
Volume 3 Avaliação dos Impactos Ambientais	Único	5.4 – Passivos Ambientais 5.4.1 – Meio Físico 5.4.2 – Meio Biótico 6 - Análise Integrada 7 - Prognóstico e Avaliação dos impactos 8 – Medidas Mitigadoras, Compensatórias e Programas Ambientais; 9 – Conclusões; 10 – Bibliografia; e 11 – Glossário
RIMA	Único	Relatório de Impacto Ambiental - RIMA

Este é o Volume 2, Tomo 2G – Meio Biótico - Fauna – Apresentação dos Resultados (Mastofauna), conforme o quadro acima. Deste tomo constam além do texto: anexo 1 – tabelas; anexo 2 – figuras e anexo fotográfico.

5.2.3.3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS - MASTOFAUNA

Durante a presente campanha foram encontradas 62 espécies nas diferentes fitofisionomias do Estado do Tocantins e 72 espécies nas do Estado da Bahia. As áreas onde cada espécie foi encontrada e seus nomes populares estão no Apêndice. A descrição das comunidades de mamíferos presentes em cada fitofisionomia está a seguir.

Os estudos feitos nas 19 áreas resultaram em algumas adendas às listas regionais. Mais significativo, foram encontradas populações de espécies ameaçadas de extinção com ocorrência em poucas Unidades de Conservação de proteção integral existentes.

Espécies como *Tolypeutes tricinctus* e *Callicebus cf. nigrifrons*, foram encontradas em áreas sob influência do empreendimento, sugerindo o foco de algumas medidas compensatórias que podem ser avaliadas, como a criação de novas UCs a serem gerenciadas pelo Poder Público ou pelos concessionários do empreendimento.

Dentre as 19 áreas estudadas, ressalta-se a importância do conjunto das áreas de savana no Estado do Tocantins e da Área 6 (Roda Velha, São Desidério - Bahia) por abrigarem uma fauna de Cerrado que ainda inclui várias espécies de interesse para a conservação, como a onça-pintada *Panthera onca*, tamanduá-bandeira *Myrmecophaga tridactyla*, anta *Tapirus terrestris*, tatu-bola *Tolypeutes tricinctus* e veado-campeiro *Ozotoceros bezoarticus*. Destaca-se também a Área 12 por mostrar uma fauna transicional entre o Cerrado e a Caatinga.

As áreas de Mata Atlântica amostradas mostraram uma fauna empobrecida, exceto para morcegos, resultante da fragmentação de habitats e da intensa pressão humana, especialmente a caça. No entanto, ainda ocorrem em algumas área espécies de interesse para a conservação como *Callicebus cf. nigrifrons* e *Puma concolor*.

CARACTERIZAÇÃO DA MASTOFAUNA POR FITOFISIONOMIA

Este tópico descreve a mastofauna presente em cada uma das fitofisionomias amostradas, incluindo sua riqueza e diversidade de espécies, e a presença de espécies ameaçadas de extinção, recentemente descritas, endêmicas, cinegéticas e/ou migratórias.

Para uma descrição de cada Área de Amostragem e procedimentos metodológicos, veja o Tomo 2F.

A informação sobre a mastofauna de cada fitofisionomia é sumarizada em tabelas listando as espécies encontradas, suas freqüências e abundâncias relativas e aquelas de especial interesse por serem endêmicas, ameaçadas e/ou migratórias. Embora seja feita referência a estas espécies no presente tomo, uma discussão específica sobre espécies indicadoras, cinegéticas, invasoras e de interesse epidemiológico faz parte do Tomo 2K.

Para cada Área de Amostragem inserida em determinada fitofisionomia são apresentadas curvas de coletor (ou suficiência amostral), bem como é indicado o esforço de amostragem realizado em cada Área. Deve-se enfatizar que os resultados apresentados aqui se referem a uma única campanha de amostragem, a qual abrangeu um único período sazonal.

SAVANA ARBÓREA ABERTA (TOCANTINS) – ÁREAS 1 E 2

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos em Figueirópolis / Sucupira e Peixe, TO (Áreas 1 e 2) encontram-se na tabela 1, anexo 1. Para os pequenos mamíferos, ambos os tipos de armadilhas tiveram sucesso, capturando 39 indivíduos de 13 espécies diferentes. Na Área 1, foram capturados 34 indivíduos de nove espécies e na Área 2, cinco indivíduos de cinco espécies. Em relação aos morcegos, as redes de neblina capturaram 24 indivíduos de oito espécies. Destes, nove indivíduos de quatro espécies foram capturadas na Área 1 e 15 indivíduos de seis espécies na Área 2. A procura ativa só teve sucesso na Área 2, onde 18 indivíduos de duas espécies foram observados. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em transecção revelou um maior número de registros (163) e espécies (25) do que as câmeras fotográficas. De acordo com o censo, na Área 1 foram encontrados 86 registros de 18 espécies e na Área 2, 77 registros de 18 espécies; apenas dois registros de duas espécies foram obtidos pelas câmeras fotográficas nas Áreas 1 e 2.

Em ambas as Áreas, foram registradas 45 espécies de mamíferos, pertencentes a 22 famílias e nove ordens nas localidades de Figueirópolis / Sucupira e Peixe com fitofisionomia do tipo savana arbórea aberta (tabela 2, anexo 1). A riqueza encontrada na Área 1 foi de 28 espécies e na Área 2 foi de 30 espécies.

A ordem Rodentia foi representada por nove espécies de Cricetidae, um Echymidae, e quatro outras espécies (um Caviidae, um Cuniculidae, um Dasyproctidae, um Erethizontidae) que serão discutidos abaixo. O Echymidae *Thrichomys* sp. foi o mais comum, representando 25,6% do total de 39 capturas, seguido pelos Cricetidaeos, subfamília Sigmodontinae, *Oecomys bicolor* e *Oligoryzomys moojeni*, com 12,8% cada. Os demais roedores representaram 20,5% do total de capturas. Entre os marsupiais, *Gracilinanus agilis* representou 17,9% do total de indivíduos capturados (tabela 2, anexo 1). Foram observadas nove e cinco espécies nas Áreas 1 e 2, respectivamente.

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de dez espécies para a Área 1, muito semelhante a riqueza observada. A curva de acúmulo de espécies apresentou tendência à estabilização a partir do quarto dia de amostragem (figura 1, anexo 2). Para a Área 2, o estimador “Chao 1” indica riqueza em torno de quinze espécies, bem acima do observado. Embora a curva de acumulação observada não se apresente tão inclinada, a esperada indica crescimento acentuado (figura 2, anexo 2). Contudo, levando-se em conta ambas as áreas, “Chao 1” indica uma riqueza em torno de quinze espécies e a curva de de acumulação de espécies apresenta um plateau a

partir do sétimo dia de amostragem (figura 3, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,32, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,23 e o índice de Simpson foi de 0,41.

Oito espécies de morcegos pertencentes a três famílias, Emballonuridae, Phyllostomidae, e Molossidae, foram observadas nessas localidades (tabela 2, anexo 1). As duas espécies mais abundantes foram *Carollia perspicilata* (29,2%) e *Platyrrhinus lineatus* (20,8%), seguidas por *Artibeus literatus* e *Molossops temminikii* (12,5% cada). As demais espécies somaram 25% do total de capturas. O número de espécies registrados das Áreas 1 e 2 foi quatro e seis, respectivamente.

O estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de cinco e sete espécies para as Áreas 1 e 2, respectivamente; a curva de cumulação de espécies da Área 1 é 1 mais inclinada do que a da Área 2, embora ambas apresentem tendência crescente (figuras 4 e 5, anexo 2). Contudo, levando-se em contas ambas as áreas, “Chao 1” indica uma riqueza em torno de oito espécies e a curva de acumulação apresenta um plateau a partir do quarto dia de amostragem (figura 6, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,32, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,36 e o índice de Simpson foi de 0,46.

Entre os grandes animais, 25 espécies de 16 famílias foram registradas na Área durante a amostragem (tabela 2., anexo 1). Dentre os 163 registros obtidos durante o censo na transecção, a anta teve o maior número de observações (14,8%), seguida pelo lobo guará (12,8%) e o cachorro do mato (12,3%). Quando somados, o gênero *Mazama* foi responsável por 13,5 % dos registros e em conjunto representaram os registros mais comuns, após a anta (tabela 2., anexo 1). As famílias Canidae e Felidae foram as mais comuns, 27,6 e 19,0% do total de registros, respectivamente, sendo dois canídeos os únicos registrados também pelas câmeras fotográficas.

Entre os pequenos mamíferos registrados, *Thylamys karimii* é classificado como vulnerável pela IUCN e entre os grandes e médios mamíferos, seis espécies são consideradas vulneráveis e/ou quase ameaçadas de acordo com a lista brasileira e a internacional: tamanduá bandeira, jaguatirica, onça parda, onça pintada, lobo guará e a anta. Apenas a raposinha do campo é considerada endêmica do bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002).

SAVANA PARQUE (TOCANTINS) – ÁREAS 3 E 4

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos em Paranã e Arraias / Conceição do To, TO (Áreas 3 e 4) encontram-se na tabela 3, anexo 1. Para os pequenos mamíferos, apenas as armadilhas sherman tiveram sucesso, capturando 47 indivíduos de 11 espécies diferentes. Na Área 3 foram capturados 14 indivíduos de sete espécies e na Área 4, 33 indivíduos de oito espécies. Em relação aos morcegos, as redes de neblina capturaram 34 indivíduos de 14 espécies e nenhum registro foi obtido pela procura ativa. Destes, 15 indivíduos de nove espécies foram capturadas na Área 3 e 19 indivíduos e nove espécies na Área 4. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em

transecção revelou um maior número de registros (66) e espécies (15) do que as câmeras fotográficas. De acordo com o censo, na Área 3 foram encontrados 28 registros de oito espécies e na Área 4, 37 registros de sete espécies; apenas três e dois registros de uma mesma espécie foram obtidos pelas câmeras fotográficas nas Áreas 3 e 4, respectivamente.

Em ambas as Áreas, foram registradas 37 espécies de mamíferos, pertencentes a 15 famílias e oito ordens nas localidades de Paranã e Arraias / Conceição do Tocantins com fitofisionomia do tipo savana parque (tabela 4, anexo 1). Não foram contabilizados três registros com identificação duvidosa (*Dasyus* sp., *Mazama* sp. e Felidae).

A ordem Rodentia foi representada por oito espécies de Cricetidae e um Caviidae (discutido abaixo). Entre os Cricetidae, subfamília Sigmodontinae, as duas espécies de *Calomys* (tribo Phyllotini), *Oligoryzomys* sp. (tribo Oryzomyini) e *W. pyrhorhinus* (tribo Wiedomyini) foram as espécies mais comuns (55,4% dos 47 indivíduos capturados) registradas nas áreas, equanto as demais (os Oryzomyini *Oligoryzomys* aff. *fornesi* e *Oecomys* sp. e o Thomomyini *Rhipidomys* cf. *macrurus*) somaram 17%. Entre os marsupiais, *Gracilinanus agilis* representou 19,1% do total de indivíduos capturados (tabela 4, Anexo 1).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de nove espécies para a Área 3, apenas duas a mais do que a observada e a curva de acúmulo de espécies demonstra esse pequeno incremento (figura 7, anexo 2.). Para a Área 4, o estimador “Chao 1” indica riqueza em torno de oito espécies. Há uma pequena tendência de estabilização na curva de acumulação de espécies a partir dos dias 22 e 23 de outubro (figura 8, anexo 2). Levando-se em conta ambas as áreas, “Chao 1” indica uma riqueza em torno de onze espécies e a curva de acumulação de espécies apresenta um plateau a partir do sétimo dia de amostragem (figura 9, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon-Weaver foi de 0,31, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,30 e o índice de Simpson foi de 0,44.

Quatorze espécies de morcegos, pertencentes a quatro famílias, Phyllostomidae, Vespertilionidae, Molossidae, e Mormoopidae, foram observadas nessas localidades (tabela 4, Anexo 1). As duas espécies mais abundantes foram *Artibeus jamaicensis* (17,6%) e *Phyllostomus hastatus* (11,8%). O vespertilionídeo, *Rhogeessa* aff. *hussoni*, espécie raramente capturada, vem sendo objeto de estudo de alguns pesquisadores em taxonomia de quirópteros. Ao contrário de outras espécies de morcegos, descobriu-se que *Rhogeessa* spp. podem ser separados apenas por métodos cromossômicos e moleculares (NOWAK, 1994).

O estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de 16 espécies para a Área 3, sete espécies a mais do que o número observado. A curva de acúmulo de espécies não apresenta plateau e indica aumento no número de espécies para essa localidade (figura 10, anexo 2). Para a Área 4, o estimador “Chao 1” indica riqueza em torno de dez espécies. Há uma pequena tendência de estabilização na curva de acumulação de espécies a partir do dia 20 de outubro (figura 11, anexo

2). Levando-se em contas ambas as áreas, "Chao 1" indica uma riqueza em torno de 17 espécies e a curva de acumulação de espécies não apresenta um plateau, mas o crescimento é mais lento a partir do terceiro dia de amostragem (figura 12, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,46, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,40 e o índice de Simpson foi de 0,62.

Entre os grandes animais, onze espécies foram registradas na fitofisionomia durante a amostragem: pelo menos um tatu, um primata, um canídeo, dois procionídeos, dois felinos, dois veados, a anta e a capivara. Dentre os 65 registros obtidos durante o censo na transecção, o veado catingueiro teve o maior número de observações, seguido pela capivara, o veado mateiro, a jaguatirica, o cachorro do mato e o tatu galinha (tabela 4, Anexo 1).

Entre os pequenos mamíferos registrados, não há espécies com problemas de conservação, mas uma espécie é classificada como endêmica do bioma Caatinga (*W. pyrrhorhinus*). Para os morcegos, apenas *Rhogeessa* aff. *hussoni* encontra-se como deficiente em dados segundo a IUCN. Entre os grandes e médios mamíferos, contudo, três espécies são consideradas vulneráveis e/ou quase ameaçadas de acordo com a lista brasileira e a internacional: a jaguatirica, a onça pintada e a anta.

FLORESTA ESTACIONAL (TOCANTINS) – ÁREA 5

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos em Lavandeira / Combinado, TO (Área 5) encontram-se na tabela 5, Anexo 1. Para os pequenos mamíferos, o sucesso foi maior para as sherman, as quais capturaram um maior número de espécies (4, sendo duas exclusivamente capturadas por esse tipo de armadilha), do que os pitfalls (2 espécies). O sucesso foi baixo para a amostragem dos morcegos, tanto com o uso de redes de neblina como pela procura ativa, embora o primeiro método tenha sido mais eficiente do que o segundo. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em transecção revelou um maior número de registros (8) e espécies (8) do que as câmeras fotográficas (25 registros de duas espécies).

Foram registradas 17 espécies de mamíferos, pertencentes a dez famílias e sete ordens na localidade de Lavandeira / Combinado com fitofisionomia do tipo mata seca (tabela 6, anexo 1).

A ordem Rodentia foi representada por três espécies de Cricetidae, um Echimyidae e um Dasyproctidae (discutido abaixo). Entre os Cricetidae, subfamília Sigmodontinae, as tribos Phyllotini (*Calomys* spp.) e Oryzomyini (*Cerradomys* sp.) entre os Echimyidae, a subfamília Eumysopinae (*T. apereoides*) foram registradas na fitofisionomia. *Calomys* sp3 foi a espécie mais comum (57,7% dos 40 indivíduos capturados), seguido pelo Echimyidae *Thrichomys apereoides* (30,0% dos indivíduos) e por outra espécie de *Calomys* (10,0%). Ainda entre os pequenos mamíferos terrestres, um único Didelphidae foi encontrado na fitofisionomia e representou 12,5% do total de 8 registros obtidos pelo censo na transecção (tabela 6, anexo 1.).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de quatro espécies para a Área 5. As curvas de acúmulo de espécies esperada e observada são bastante semelhantes e tendem a desacelerar seu crescimento a partir do dia 21/10/09 (figura 13, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,31, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,52 e o índice de Simpson foi de 0,45.

Quatro espécies de morcegos, da família Phyllostomidae, foram observadas nessa localidade, sendo nove indivíduos capturados (tabela 6, anexo 1). As duas espécies hematófagas, *D. rotundus* e *D. ecaudata*, foram as mais abundantes. Esta última costuma apresentar menor abundância que *D. rotundus* (REIS *et al.* 2006), o que não foi observado neste trabalho. O estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de cinco espécies para a Área 5. A curva de acúmulo de espécies esperada não apresenta plateau, indicando que o número de espécies tende a aumentar (figura 14, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,26, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,43 e o índice de Simpson foi de 0,40.

Entre os grandes animais, sete espécies, sendo um tatu Dasypodidae não identificado em nível de espécie, dois canídeos, um identificado em nível de espécie (*C. thous*) e outro em nível de família, um felino (*L. tigrinus*), uma cutia e um coelho foram registrados na fitofisionomia durante a amostragem. Dentre os oito registros obtidos durante o censo na transecção, cada uma das espécies representou 12,5% (tabela 6, anexo 1).

Entre os pequenos mamíferos registrados nessa fitofisionomia, não há espécies com problemas de conservação, mas uma delas é classificada como endêmica do bioma Cerrado (*T. apereoides*). Entre os grandes e médios mamíferos, contudo, uma espécie é considerada vulnerável de acordo com a lista brasileira e a internacional: o gato do mato pequeno (*L. tigrinus*). Não foram capturados espécies de morcegos com problemas de conservação na Área 5.

SAVANA PARQUE (BAHIA) – ÁREA 6

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos em Roda Velha, São Desidério, BA (Área 6) encontram-se na tabela 7, anexo 1. De forma geral, o sucesso foi alto para os pequenos mamíferos, tanto com o uso das armadilhas de interceptação e queda como para as armadilhas tradicionais sherman. Apesar do sucesso ter sido semelhante entre ambos os tipos de armadilhas, as tradicionais shermans capturaram um maior número de espécies (7, sendo quatro exclusivamente capturadas pelas shermans), do que os pitfalls (3 espécies). O sucesso foi baixo para morcegos, tanto com o uso de redes de neblina como pela procura ativa. A única espécie registrada foi observada por procura ativa. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em transecção revelou uma maior número de registros do que as câmeras fotográficas.

Foram registradas 14 espécies de mamíferos, pertencentes a sete famílias e seis ordens na localidade de Roda Velha com fitofisionomia do tipo savana parque (tabela 8, anexo 1).

O grupo mais rico em espécies foi Rodentia, com cinco espécies de Cricetidae e um Echimyidae. Entre os Cricetidae, subfamília Sigmodontinae, as tribos Akodontini (*N. lasiurus* e *Thalpomys* sp.), Phyllotini (*Calomys* spp.) e Wiedomyni (*W. pyrhorhinus*) e entre os Echimyidae, a subfamília Eumysopinae (*T. apereoides*) foram registradas na fitofisionomia. *Necromys lasiurus* foi a espécie mais comum (41,2% dos 34 indivíduos capturados), seguido por duas espécies de *Calomys* (juntas corresponderam a 41,2% dos indivíduos) e as demais espécies representaram 14,7% dos indivíduos. Ainda entre os pequenos mamíferos terrestres, um único Didelphidae foi encontrado na área e representou apenas 2,9% dos 34 indivíduos capturado (tabela 8, anexo1).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de sete espécies para a Área 6. A curva de acúmulo de espécies ainda apresenta tendência ao crescimento, embora este tenha se tornado mais lento a partir do dia 12/10/09 (figura 15, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,36, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,37 e o índice de Simpson foi de 0,39.

Uma única espécie de Chiroptera, *Platyrrhinus lineatus*, da família Phyllostomidae, foi registrada nessa localidade, sendo observados apenas três indivíduos (tabela 8, anexo 1). Os indivíduos foram observados em um barracão abandonado. Por esse motivo, não foi elaborada uma curva de acúmulo de espécies ou calculado qualquer índice de riqueza ou diversidade. O menor número de capturas em formações mais abertas como savana parque pode estar relacionado a uma maior facilidade de detecção das redes e não necessariamente reflete um baixo número de espécie na região. Certamente a área do transecto não é capaz de abrigar espécies de morcegos por ser uma área extremamente aberta.

Entre os grandes animais, seis espécies, sendo dois tatus Dasypodidae (*T. tricinatus* e provavelmente uma espécie de *Dasyopus* ou *Euphractus sexcinctus*), dois canídeos (*C. thous* e *C. brachyurus*) e dois cervídeos (*Mazama* spp.) foram registrados na área durante a amostragem. Dentre os nove registros obtidos durante o censo na transecção, o veado catíngueiro (*Mazama gouazoubira*) representou 33,3% desse total, e cada uma das demais espécies representou 11,1% (tabela 8, anexo 1).

Entre os pequenos mamíferos registrados nessa fitofisionomia, não há espécies com problemas de conservação, mas três espécies são classificadas como endêmicas, sendo duas endêmicas do bioma Cerrado (*Thalpomys* sp. e *Thrichomys apereoides*) e uma do bioma Caatinga (*W. pyrhorhinus*). Entre os grandes e médios mamíferos, contudo, duas espécies são consideradas vulneráveis de acordo com a lista brasileira e a internacional: o tatu bola e o lobo guará. Não foram capturados espécies de morcegos com problemas de conservação na Área 6.

SAVANA ARBÓREA ABERTA (BAHIA) – ÁREAS 7 E 8

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos em São Desidério, BA (Áreas 7 e 8) encontram-se na tabela 9, anexo 1. O sucesso foi

alto para a amostragem dos pequenos mamíferos com armadilhas de interceptação e queda, as quais capturaram todas as quatro espécies registradas na fitofisionomia, mas baixo para as tradicionais sherman, que capturaram apenas uma espécie. Na Área 7 foram capturados 11 indivíduos de três espécies e na Área 8, três indivíduos de três espécies. O sucesso foi baixo para morcegos, tanto com o uso de redes de neblina como pela procura ativa. Na Área 7 foram capturados três indivíduos de uma espécie e na Área 8, dois indivíduos dessa mesma espécie. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em transecção revelou uma maior número de registros (14) e espécies (nove, contabilizando um pequeno mamífero) do que as câmeras fotográficas. Na Área 7 foram observados oito registros de três espécies e na Área 8, seis registros de cinco espécies.

Foram registradas 13 espécies de mamíferos, pertencentes a oito famílias e seis ordens nas localidades de São Desidério com fitofisionomia do tipo savana arbórea aberta (tabela 10, anexo 1).

O grupo mais rico em espécies foi Rodentia, com duas espécies de Cricetidae, um Echimyidae e um Caviidae (discutido abaixo). Entre os Cricetidae, subfamília Sigmodontinae, as tribos Akodontini (*N. lasiurus*) e Phyllotini (*Calomys* sp.) e entre os Echimyidae, a subfamília Eumysopinae (*Thrichomys inermis*) foram registrados nas áreas. *Calomys expulsus* foi a espécie mais comum (35,7% dos 14 indivíduos capturados), seguido por *Necromys lasiurus* (28,6%). Entre os marsupiais, dois Didelphidae, *Gracilinanus agilis* e *Marmosa murina*, foram encontrados nas áreas e representaram 21,4 e 14,3%, respectivamente, dos 14 indivíduos capturados (tabela 10, anexo 1).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de quatro espécies para a Área 7 e quatro espécies para a Área 8. Enquanto a curva de acúmulo de espécies para a Área 7 apresenta um *plateau* a partir do dia 14/10/09 (figura 16, anexo 2), o da Área 8 ainda não se estabilizou (figura 17, anexo 2). Levando-se em consideração ambas as áreas, “Chao 1” indica uma riqueza em torno de cinco espécies e a curva de acúmulo de espécies se estabiliza no quinto dia de amostragem (figura 18, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,16, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,17 e o índice de Simpson foi de 0,10.

Uma única espécie de Chiroptera, da família Phyllostomidae, foi observada nessa localidade, sendo capturados cinco indivíduos no total (tabela 10, anexo 1). Por esse motivo, não foi elaborada uma curva de acumulação de espécies para esse grupo de mamíferos. Como dito anteriormente, o menor número de capturas em formações mais abertas como savana arbórea aberta pode estar relacionado a uma maior facilidade de detecção das redes e não necessariamente reflete um baixo número de espécies. Contudo, outra área de savana arbórea aberta (Áreas 1 e 2 da FIOL) obteve mais registros do que as Áreas 7 e 8 da FIOL. Deste modo, espera-se que um aumento no esforço de captura deverá acrescentar espécies à lista dentre elas outros phyllostomídeos e representantes das demais famílias comumente encontrados neste tipo de fitofisionomia (RODRIGUES *et al.*, 2002, ZORTÉA & ALHO, 2008).

Entre os grandes animais, sete espécies, sendo quatro tatus Dasypodidae (*Cabassous unicinctus*, duas espécies de *Dasyopus*, e *Euphractus sexcinctus*), um primata (*Callithrix penicillata*), um cervídeo (*Mazama gouazoubira*) e um preá (*Galea spixii*), foram registradas na fitofisionomia durante a amostragem. Dentre os 13 registros obtidos durante o censo na transecção, o tatu *Dasyopus septemcinctus* representou 30,8%, o veado catíngueiro e o primata somaram cada um 15,4% do total e cada uma das demais espécies representou 7,7% (tabela 10, anexo 1). Um tatu-bola *Tolypeutes tricinctus* foi registrado fora do transecto.

A única espécie ameaçada encontrada nesta fitofisionomia foi o tatu-bola.

FLORESTA ESTACIONAL (BAHIA) – ÁREA 9

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos em São Félix do Coribe, BA (Área 9) encontram-se na tabela 11, anexo 1. Não foram capturados pequenos mamíferos nessa localidade. O sucesso foi baixo para a amostragem dos morcegos; foram capturados apenas 13 indivíduos com as redes de neblina e nenhum resultado foi obtido pela procura ativa. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em transecção revelou apenas um registro.

Foram registradas apenas cinco espécies de mamíferos, pertencentes a duas famílias e duas ordens na localidade de São Félix do Coribe (tabela 12, anexo 1).

Três espécies de morcegos da família Phyllostomidae e um morcego ainda não identificado foram observados nessa localidade, sendo 13 indivíduos capturados (tabela 12, anexo 1). *Glossophaga soricina* foi a espécie mais comum (38,5%), seguida por *Carollia perspicillata* e uma espécie em identificação. Apenas um indivíduo de *Phyllostomus hastatus* foi capturado. O estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de quatro espécies para a Área 9. A curva de acúmulo de espécies esperada não apresenta plateau, indicando que o número de espécies tende a aumentar (figura 19, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,55, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,91 e o índice de Simpson foi de 0,69.

Entre os grandes animais, apenas um tatu Dasypodidae não identificado em nível de espécie, foi observado em campo (tabela 12, anexo 1).

ESTEPE ARBÓREA ABERTA A OESTE DO SÃO FRANCISCO (BAHIA) – ÁREA 10

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos na Serra do Ramalho, BA (Área 10) encontra-se na tabela 13, anexo 1. Tanto as armadilhas de interceptação e queda quanto às tradicionais sherman obtiveram alto sucesso para a amostragem de pequenos mamíferos, capturando quatro espécies cada, totalizando 27 indivíduos. O sucesso foi baixo para morcegos com o uso de redes de neblina (nove indivíduos de três espécies) e nulo pela procura ativa. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, através do censo em transecção foram registradas apenas duas espécies, e nenhuma espécie foi registrada nas câmeras fotográficas.

No total foram registradas dez espécies de mamíferos, pertencentes a seis famílias e cinco ordens na localidade de Serra do Ramalho com fitofisionomia do tipo estepe arbórea aberta e várzea do S. Francisco (tabela 14, anexo 1).

Dessas dez espécies, cinco são pequenos mamíferos. A ordem Rodentia foi representada por três espécies de Cricetidae. O roedor *Oecomys* sp. foi o mais comum (18,5%), seguido por *Cerradomys* sp. e *Calomys* cf. *expulsus*, os quais juntos somaram 11% das capturas. No entanto, as duas espécies de marsupiais, *Gracilinanus agilis* e *Didelphis albiventris*, foram responsáveis pelo maior número de indivíduos capturados (70,4%) (tabela 14, anexo 1.).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de seis espécies para a Área 10. A curva de acúmulo de espécies começa a se estabilizar a partir do quinto dia de amostragem (figura 20, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,28, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,40 e o índice de Simpson foi de 0,44.

Apenas três espécies de Chiroptera foram registradas na Área 10, sendo que dois ainda estão em fase de indentificação. Uma espécie de Phyllostomidae foi a mais comum (66,7% das capturas), seguido por outro Phyllostomidae, *Platyrrhinus lineatus* (22,2%), e por uma espécie de Vespertilionidae (11,1%) (tabela 14, anexo 1).

O estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de três espécies de Chiroptera para Serra do Ramalho e a curva de acúmulo de espécies demonstra tendência de aumento de espécies (figura 21, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,36, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,77 e o índice de Simpson foi de 0,49.

Não foram encontradas espécies endêmicas ou com problemas de conservação nessa fitofisionomia.

ESTEPE ARBÓREA Densa (BAHIA) – ÁREAS 12, 13 E 14

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos na fitofisionomia estepe arbórea densa (Áreas 12 a 14) encontram-se na tabela 15, anexo 1. O sucesso foi baixo para a maioria das metodologias e dos grupos da mastofauna. Para a amostragem dos pequenos mamíferos, as armadilhas de interceptação e queda capturaram três indivíduos de três espécies, enquanto as tradicionais sherman capturaram seis indivíduos de três espécies (dois indivíduos de uma espécie na Área 12; três indivíduos de uma espécie na Área 13, e quatro indivíduos de quatro espécies na Área 14). O sucesso foi baixo também para morcegos, tanto com o uso de redes de neblina como pela procura ativa. No total, foram capturados 19 indivíduos de nove espécies. Na Área 12 foram capturados nove indivíduos de seis espécies (seis e cinco nas redes e três e uma por procura ativa); na Área 13, sete indivíduos de quatro espécies (seis e três por rede de neblina e um de uma espécie por procura ativa) e na Área 14, três indivíduos de uma espécie foram observados apenas por procura ativa. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em transecção revelou uma maior número de

espécies (oito, contabilizando um pequeno mamífero, em dez registros) do que as câmeras fotográficas (21 registros de uma única espécie). Na Área 12 foram observados sete registros de cinco espécies; na Área 13, não foram observados registros por censo na transecção e uma única espécie foi fotografada pela câmera automática (19 registros); na Área 14, três registros de três espécies foram observados por censo e uma espécie foi fotografada (4 registros).

Foram registradas 22 espécies de mamíferos, pertencentes a onze famílias e seis ordens nas localidades Caetitê, Lagoa Real/Livramento de Nossa Senhora e Brumado, BA, com fitofisionomia do tipo estepe arbórea densa (tabela 16, anexo 1).

A ordem Rodentia foi representada por três espécies de Cricetidae e uma de Muridae. Entre os Cricetidae, subfamília Sigmodontinae, as tribos Oryzomyini (*Cerradomys* cf. *subflavus*) e Wiedomyini (*Wiedomys pyrrhorhinos*) foram registrados nas áreas. O exótico *Mus musculus* e o roedor *Cerradomys* cf. *subflavus* foram os mais comuns nas áreas amostradas, embora todos tenham sido pouco capturados. Entre os marsupiais, quatro Didelphidae, *Gracilinanus agilis* e *Monodelphis* sp. foram igualmente abundantes, e representaram 33,3% dos nove indivíduos capturados. O gambá de orelha branca (*D. albiventris*) foi observado durante o censo e entre os dez registros obtidos, representou 10,0% do total de ocorrências (tabela 16, anexo 1).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de nove espécies para a fitofisionomia estepe arbórea densa e, quando analisada separadamente, indica seis espécies para a Área 14. Tanto a curva de acúmulo de espécies para a fitofisionomia como a da Área 14 ainda não se estabilizaram (figuras 22 e 23, anexo 2). Não foram elaboradas curvas de acúmulo de espécies para as Áreas 12 e 13, devido ao baixo sucesso de captura. Os dados não permitiram o cálculo dos índices de diversidade.

A ordem Chiroptera foi representada por cinco espécies da família Phyllostomidae, dois Vespertilionidae e dois Molossidae, sendo capturados 19 indivíduos no total (tabela 16, anexo 1). Levando se em conta apenas as capturas por rede de neblina, *Epitesicus brasiliensis* foi a espécie mais comum (33,3% de um total de 12 indivíduos capturados nas redes de neblina), seguido por *Glossophaga soricina* e *Myotis nigricans* (16,7% cada). As demais espécies representaram 24,9%.

Para aos dados de morcegos capturados por rede de neblina, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de nove espécies para a fitofisionomia estepe arbórea densa e, quando analisada separadamente, indica quatro espécies para cada uma das áreas, Caetitê e Lagoa Real. Tanto a curva de acúmulo de espécies para a fitofisionomia como para as duas áreas analisadas separadamente ainda não se estabilizaram (figuras 24, 25 e 26, anexo 2). Não foram elaboradas curvas de acúmulo de espécies para a Área 14, devido ao baixo sucesso de captura. Para a fitofisionomia, o índice de diversidade de Shannon foi de 0,45, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,53 e o índice de Simpson foi de 0,62.

Entre os grandes animais, sete espécies, sendo dois tatus (tatu bola-*Tolypeutes tricinctus* e uma espécie não identificada), o mico estrela (*Callithrix*

pennicillata), o cachorro do mato (*Cerdocyon thous*) e raposinha (*Lycalopex vetulus*), o mão pelada (*Procyon cancrivorus*) e a jaritaca (*Conepatus semistriatus*), foram registradas nas áreas durante a amostragem. Dentre os dez registros obtidos durante o censo nas transecções, a raposinha do campo e o mico estrela representaram cada 20,0% dos registros, e cada uma das demais espécies representou 10,0% (tabela 16, anexo 1).

O exótico *Mus musculus* e o roedor *Cerradomys* cf. *subflavus* foram os mais comuns nas áreas amostradas, embora todos tenham sido pouco capturados.

Entre os pequenos mamíferos, não foram registradas espécies com problemas de conservação, mas uma espécie é classificada como endêmica da Caatinga (*W. pyrrhorhinus*) e outra exótica (*Mus musculus*). Entre os grandes e médios mamíferos, contudo, uma espécie é considerada vulnerável de acordo com a lista brasileira e a internacional: o tatu bola (*Tolypeutes tricinctus*). A raposinha do campo (*Lycalopex vetulus*) é considerada endêmica do bioma Cerrado. Não foram capturados espécies de morcegos com problemas de conservação nas Áreas 12, 13 e 14.

ESTEPE ARBÓREA ABERTA A LESTE DO SÃO FRANCISCO (BAHIA) – ÁREAS 11 E 15

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos na fitofisionomia estepe arbórea aberta (Áreas 11 e 15) encontram-se na tabela 17, anexo 1. O sucesso de captura para pequenos mamíferos foi nulo na Área 11 e muito baixo em na Área 15, onde foram capturados apenas quatro indivíduos de uma espécie em armadilhas shermans. Em relação aos morcegos, o sucesso de captura também foi baixo nas duas áreas amostradas. Na Área 11 foram capturados três exemplares de três espécies e na Área 15, um indivíduo de outra espécie. No total foram registrados apenas cinco exemplares de quatro espécies de Chiroptera para a fitofisionomia do tipo Estepe Arbórea Aberta. Entre os médios e grandes mamíferos, o censo da transecção na Área 11 apresentou 23 registros de 11 espécies e na Área 15, três registros de apenas três espécies. Apenas uma espécie foi fotografada (três registros) pelas câmeras automáticas na Área 15.

Foram registradas 18 espécies de mamíferos, pertencentes a 15 famílias e oito ordens nas localidades de Riacho de Santana/Matina/Palmas de Monte Alto e Manoel Vitorino, BA, com fitofisionomia do tipo estepe arbórea aberta (tabela 18, anexo 1)

A ordem Rodentia foi representada por apenas uma espécie da família Cricetidae, além uma espécie da família Caviidae e uma espécie da família Erethizontidae, não considerados como pequenos mamíferos. Apenas o Cricetidae, subfamília Wiedomyni (*Wiedomys pyrrhorhinus*) foi registrado em armadilha sherman. Entre os marsupiais, dois Didelphidae, *Gracilinanus* sp e *Didelphis* cf. *aurita* foram registrados pelas câmeras fotográficas e censo. Dessa forma não foi possível elaborar uma curva de acúmulo de espécies para pequenos mamíferos nessas áreas, nem para a fitofisionomia do tipo Estepe Arbórea Aberta. Os dados também não permitiram o cálculo de índices de diversidade.

A ordem Chiroptera foi representada por duas espécies da família Phyllostomidae, um Vespertilionidae e um Molossidae, sendo capturados cinco indivíduos no total por redes de neblina (tabela 18). Apenas *Mimon crenulatum* teve mais de um indivíduo capturado, representando 40% dos cinco indivíduos. Para aos dados de morcegos capturados por rede de neblina, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza de quatro espécies para Riacho de Santana (Área 11) e em torno de seis espécies para a fitofisionomia estepe arbórea aberta. Tanto a curva de acúmulo de espécies analisada separadamente para a Área 11, quanto para a fitofisionomia como um todo, ainda não se estabilizaram (figuras 27 e 28, anexo 2). Em Manuel Vitorino foi capturado apenas um exemplar de *Artibeus lituratus* da família Phyllostomidae, e não foi possível elaborar a curva de acúmulo de espécies para morcegos nessa área, devido ao baixo sucesso de captura. Para a fitofisionomia, o índice de diversidade de Shannon foi de 0,28, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,47 e o índice de Simpson foi de 0,47.

Entre os grandes animais, 11 espécies, sendo dois tatus (tatu peba e uma espécie não identificada), o mico estrela (*Callithrix penicillata*), o tapeti, o gato mourisco, a raposinha (*Lycalopex vetulus*), o mão pelada (*Procyon cancrivorus*), o furão, uma espécie não identificada de veado, uma preá e um ouriço foram registradas nas áreas durante a amostragem. Dentre os 26 registros obtidos durante o censo nas transecções, a preá foi a mais avistada com nove registros (tabela 18, anexo 1).

Entre os pequenos mamíferos, não foram registradas espécies com problemas de conservação, mas uma espécie é classificada como endêmica da Caatinga (*W. pyrhorhinus*). Não foram capturados espécies de morcegos com problemas de conservação nas Áreas 11 e 15. Os morcegos da subfamília Phyllostominae, principalmente os insetívoros, são considerados como indicadores de ambientes mais conservados, pois aparecem com mais frequência nesses locais (FENTON *et al.*, 1992). Entre os morcegos encontrados nesse estudo, a espécie representante dessa categoria é *Mimon crenulatum*. Entre os grandes e médios mamíferos, a raposinha do campo (*Lycalopex vetulus*) é considerada endêmica do bioma Cerrado.

FLORESTA SEMIDECÍDUA (BAHIA) – ÁREA 16

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos na Floresta Semidecídua (Jequié, Área 16) encontram-se na tabela 19, anexo 1. O sucesso foi baixo para a maioria das metodologias e dos grupos da mastofauna. Para a amostragem de pequenos mamíferos tanto as armadilhas de interceptação e queda quanto às tradicionais sherman capturaram duas das quatro espécies registradas na área, com um total de 11 indivíduos. O sucesso também foi baixo para morcegos com o uso de redes de neblina (apenas seis indivíduos de três espécies) e nulo pela procura ativa. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, por meio do censo em transecção foram registrados apenas três espécies e seis registros. Nenhuma espécie foi registrada nas câmeras fotográficas.

No total foram registradas 10 espécies de mamíferos, pertencentes a seis famílias e seis ordens na localidade de Jequié com fitofisionomia do tipo Floresta Semidecídua (tabela 20, anexo 1).

O grupo dos Rodentia apresentou três espécies, enquanto Didelphimorphia foram representados por apenas uma espécie. No entanto foram capturados seis indivíduos de *Marmosops incanus* (54,5% da abundância) enquanto apenas cinco indivíduos dos três roedores (45,5% da abundância) (tabela 20, anexo 1).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de 5 espécies para a Área 16 e a curva de acúmulo de espécies não apresenta um *plateau* (figura 29, anexo 2). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,43, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,72 e o índice de Simpson foi de 0,61.

Os Chiroptera representam o segundo grupo de mamíferos em número de espécies, no entanto, apenas três espécies da família Phyllostomidae foram registradas na área, com uma abundância de apenas seis indivíduos (tabela 20, anexo 1). Desses, *Artibeus lituratus* representaram 50% da capturas. Para este grupo o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de 3 espécies para a Floresta Semidecídua e a curva de acúmulo de espécies para essa fitofisionomia apresenta *plateau* no 3º dia de amostragem (figura 30). O índice de diversidade de Shannon foi de 0,37, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,78 e o índice de Simpson foi de 0,56.

Entre os grandes animais, três espécies, sendo o guigó (*Callicebus cf. nigrifrons*), o tapeti (*Sylvilagus brasiliensis*) e o cachorro do mato (*Cerdocyon thous*) foram registradas nas áreas durante a amostragem. Dentre os sete registros obtidos durante o censo nas transecções, o cachorro do mato representou 42,9% dos registros, e cada uma das demais espécies representou 28,6% (tabela 20, anexo 1).

Dentre as espécies registradas para essa fitofisionomia destaca-se o guigó (*Callicebus cf. nigrifrons*) como a única que se encontra como vulnerável tanto na lista Brasileira de espécies ameaçadas de extinção (MMA, 2008) como na lista da IUCN (IUCN, 2008). A vocalização típica da espécie foi registrada em diversas oportunidades nas áreas mais elevadas do remanescente florestal. A região se encontra na suposta área de contato entre *C. nigrifrons* e do criticamente ameaçado *C. barbarabrownae*, sendo necessário definir a identidade específica desta população.

FLORESTA OMBRÓFILA (BAHIA) – ÁREAS 17, 18 E 19

O esforço amostral e o sucesso de captura para a amostragem de mamíferos na fitofisionomia floresta ombrófila (Áreas 17 a 19) encontram-se na tabela 21, anexo 1. Para a amostragem dos pequenos mamíferos, as armadilhas de interceptação e queda tiveram um sucesso maior do que as shermans, capturando 21 indivíduos de oito espécies (3 exclusivamente capturadas por essa metodologia); as tradicionais sherman capturaram dez indivíduos de seis espécies, sendo duas

exclusivas. Na Área 17, foram capturados três indivíduos de duas espécies, na Área 18, 30 indivíduos e oito espécies e na Área 19, 13 indivíduos e sete espécies. Para morcegos, foram capturados 167 indivíduos de 16 espécies, todos com o uso de redes de neblina. Na Área 17 foram capturados 47 indivíduos de duas espécies; na Área 18, 53 indivíduos de 14 espécies e na Área 19, 67 indivíduos de 11 espécies. Em relação aos mamíferos de médio e grande porte, o censo em transecção revelou uma maior número de espécies (nove, em 15 registros) do que as câmeras fotográficas (nenhum registro). Na Área 17 foram observados dois registros de duas espécies; na Área 18, quatro registros de três espécies; na Área 19, oito registros de cinco espécies.

Foram registradas 33 espécies de mamíferos, pertencentes a doze famílias e oito ordens nas localidades Itagibá, Uruçuca e Ilhéus, BA, com fitofisionomia do tipo floresta ombrófila (tabela 22, anexo 1).

A ordem Rodentia foi representada por cinco espécies de Cricetidae. *Hylaeamys laticeps* e *Oecomys catharinae* foram os mais comuns, representando 45,2% do total de capturas. Entre os marsupiais, *Marmospos incanus* e *Monodelphis americana* foram igualmente abundantes, e representaram cada um 12,9% dos indivíduos capturados. As demais espécies somaram 9,7% (tabela 22, anexo 1).

Em relação aos pequenos mamíferos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de nove espécies para a fitofisionomia floresta ombrófila; contudo, quando analisado separadamente, indica duas, 13 e 12 espécies para as Áreas 17, 18 e 19, respectivamente. Embora as curvas de acúmulo de espécies para as áreas isoladas sejam ascendentes e o estimador indique um maior número de espécies para cada área, a curva para a fitofisionomia se estabilizou no 16º dia de amostragem (figuras 31 a 34, anexo 2). Aparentemente, há uma superestimativa para a riqueza das áreas isoladas, uma vez que os dados somados, mais robustos, indicam o contrário. Para a fitofisionomia, o índice de diversidade de Shannon foi de 0,15, o índice de equitabilidade de Pielou de 0,16 e o índice de Simpson foi de 0,25.

A ordem Chiroptera foi representada por 15 espécies da família Phyllostomidae e uma de Vespertilionidae, sendo capturados 167 indivíduos no total (tabela 22, anexo 1). *Carollia perspicillata* foi a espécie mais comum (47,7% do total de indivíduos capturados nas redes de neblina), seguido por *Platyrrhinus helleri* (11,9%) e *Sturnira tildae* (11,0%). *Lasiurus egregius* capturado na Área 18, possui registro no Pará, Santa Catarina e nos brejos de altitude de Pernambuco. Não há citação para o estado da Bahia, sendo por isso necessária a confirmação por especialista do espécime coletado.

Para os dados de morcegos, o estimador “Chao 1” indica uma riqueza em torno de 19 espécies para a fitofisionomia floresta ombrófila e, quando analisado separadamente, indica duas, 42 e 11 espécies para as Áreas 17, 18 e 19, respectivamente. Com exceção da curva de acúmulo de espécies para a Área 18, as curvas para a fitofisionomia e para as Áreas 17 e 19 analisadas separadamente apresentam *plateau* ou pelo menos tendência a estabilização (figuras 35 a 38, anexo 2). A única exceção é para Área 18, onde ocorre uma superestimativa de

riqueza para a Área. A continuidade do monitoramento deve sanar esse viés do estimador. Para a fitofisionomia, o índice de diversidade de Shannon foi de 0,61, o índice de equitabilidade de Pielou de 1,0 e o índice de Simpson foi de 0,66.

Entre os grandes animais, oito espécies, sendo um tatu, um tamanduá, um primata, um coelho, dois carnívoros e dois artiodactilas foram registradas nas Áreas durante a amostragem. Dentre os quinze registros obtidos durante o censo nas transecções, a onça parda, o catitu e o tatu não identificado representaram cada 26,7, 20,0 e 13,3 % dos registros, e cada uma das demais espécies representou 6,7% (tabela 22, anexo 1).

Entre os pequenos mamíferos registrado, não há espécies com problemas de conservação, mas duas espécies são classificadas como endêmicas da Mata Atlântica (*Marmosops incanus* e *Hylaeamys laticeps*). Nas Áreas 18 e 19 foi capturada uma espécie de morcego classificada como vulnerável (*Platyrrhinus recifinus*), espécie frugívora de dossel especialista em figos silvestres e abundante em áreas primárias (REIS, 2006). O Chiroptera *Lasiurus egregius* é considerado deficiente em dados pela IUCN e o espécime coletado aguarda confirmação da identificação. Entre os grandes e médios mamíferos, contudo, uma espécie é considerada vulnerável de acordo com a lista brasileira: a onça parda.

ESPÉCIES ENCONTRADAS X ESPÉCIES ESPERADAS

Os resultados desta primeira campanha demonstram o registro de uma grande proporção de espécies que eram esperadas para a área de influência do empreendimento.

A lista de espécies esperadas para a região do Tocantins sob influência do empreendimento, elaborada com base em estudos recentes publicados, inclui 126 espécies (tabela 23, Apêndice 1). No levantamento preliminar haviam sido registradas 45 espécies e nesta campanha foram registradas 62 espécies, incluindo 18 espécies de Chiroptera (morcegos não foram amostrados no levantamento prévio) e mais outras 11 que foram acrescentadas à listagem prévia.

Dentre os cerca de 50 pequenos mamíferos esperados para a região, 10 foram registrados nas Áreas 1 e 2, sete foram registrados nas Áreas 3 e 4 e apenas dois foram registrados na Área 5. Portanto foram registrados para a região por volta de 32% dos micro-mamíferos terrestres com ocorrência no Cerrado do TO. Contudo, é importante salientar que muitas espécies ainda não foram identificadas em nível de espécie e esse número pode mudar.

O levantamento preliminar da mastofauna no trecho TO da FIOLE, com fitofisionomia semelhante, registrou cerca de sete pequenos mamíferos. Portanto, a presente amostragem realizada entre Figueirópolis e Conceição do TO elevou o número de espécies de pequenos mamíferos para 18-19, para o cerrado desse estado, somando-se os dados de ambos os levantamentos; ou seja, 36-38% das espécies esperadas, segundo dados bibliográficos.

Para os pequenos mamíferos, comparações entre trabalhos são por vezes difíceis devido às revisões mais recentes não incorporadas às referências. Além disso, muitas espécies acabam sendo registradas mais de uma vez na tabela, inflando o número de espécies esperadas, devido às identificações incertas ou em nível de o gênero. PASSAMANI (1999) realizou o levantamento de pequenos mamíferos na área de influência da Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães em Palmas - TO, com armadilhas tradicionais e pitfalls, amostrando as fisionomias de mata de galeria, cerradão, cerrado sensu stricto e campo limpo. Nesse trabalho foi registrada a ocorrência de 28 espécies (17 roedores e 11 marsupiais). Dez gêneros (*Didelphis*, *Gracilinanus*, *Thylamys* e *Micoureus*, entre os marsupiais e *Calomys*, *Necromys*, *Oligoryzomys*, *Oecomys*, *Wiedomys* e *Thrichomys*, entre os roedores) são comuns aos dois trabalhos e, portanto, às áreas de estudo. Contudo, o trabalho de PASSAMANI amostrou uma maior variedade de habitats, com um maior esforço (18.670 armadilhas-noite), e não reportou as distinções entre a composição de espécies nos vários habitats amostrados. Desta forma, comparações diretas podem ser errôneas e por isso não é esperado que todas as espécies citadas sejam encontradas nas áreas amostradas.

O monitoramento da ferrovia norte-sul, no trecho Figueirópolis-Peixe (OIKOS, 2009), registrou entre os pequenos mamíferos, o marsupial *Didelphis albiventris*, o Cricetidae *Hylaeamys megacephalus* (em mata semidecídua não amostrada no presente levantamento) e o *Echimyidae* *Thrichomys* sp. (em cerrado).

O levantamento e monitoramento da mastofauna para a construção da UHE Peixe Angical, municípios de Peixe e Paranã, entre 2000 e 2008, revelou a presença de cerca de 24 espécies de pequenos mamíferos na região, amostrando vários habitats diferentes.

O levantamento de pequenos mamíferos realizado na região faunística norte do Cerrado (na Estação Ecológica Serra geral do Tocantins-EESGT, CARMIGNOTTO 2004) revelou uma riqueza de 13 espécies (3 marsupiais e 10 roedores), amostrando diferentes fitofisionomias dentro do EESGT.

As espécies não se distribuem de maneira homogênea ao longo do Cerrado, e diferentes tipos de habitats abrigam espécies diferentes, o que por sua vez leva ao incremento da riqueza do bioma como um todo (CARMIGNOTTO, 2004). Desta forma, não se espera uma grande riqueza por ponto de amostragem, mas sim diante da somatória da riqueza de diferentes tipos de habitats. Dessa forma, esses dados bibliográficos apenas representam um *pool* de espécies com possível ocorrência nas áreas amostradas

Levando-se em conta apenas a fitofisionomia de mata seca dentro do bioma Cerrado de TO, o levantamento preliminar da mastofauna de Ponte Alta do Bom Jesus, TO, com fitofisionomia semelhante a Combinado/Lavandeira, registrou apenas 2 pequenos mamíferos. A atual amostragem realizada no Área 5 elevou o número de espécies de pequenos mamíferos para essa fitofisionomia, acrescentando dados mais robustos como o avistamento do gambá de orelha branca anteriormente registrado apenas por entrevista, e incluindo mais uma

espécie de *Calomys*, além de um *Cerradomys* e de um rato de espinho (*T. apereoides*). A diversidade para os pequenos mamíferos nesse tipo de fitofisionomia subiu para cinco. É interessante notar que por se tratar de uma fitofisionomia florestal, uma espécie da tribo Oryzomyini foi registrada no local. Devido à carência de inventários nas localidades próximas, é difícil prever quais espécies são esperadas especificamente para essa fitofisionomia.

Das 35 espécies de morcegos esperadas para a região de amostragem de acordo com dados da literatura para localidades próximas, oito espécies foram encontradas nas Áreas 1 e 2, 11 espécies nas Áreas 3 e 4 e quatro espécies na Área 5. Portanto, um total de 18 espécies ou 51% das espécies esperadas foi capturado apenas nesta presente campanha. O número de espécies capturadas aproxima-se com o encontrado em outras áreas de Cerrado, sem distinguir fitofisionomias, entre 16 e 25 espécies (WILLIG 1983, ZORTÉA & ALHO 2008). Dentre os levantamentos com fitofisionomia semelhante, o trabalho sobre a quiróptero-fauna cavernícola da Chapada Diamantina, com fitofisionomias de cerrado, florestas secas, além de campo rupestre, e estepe arbórea, registrou a ocorrência de 15 espécies de morcegos. Embora as riquezas sejam semelhantes, uma comparação direta não pode ser feita, pois o levantamento acima mencionado amostrou um mosaico de fitofisionomias diferente do trecho tocantinense da FIOLE.

O menor número de capturas em formações mais abertas como savana parque é esperado e pode estar relacionado a uma maior facilidade de detecção das redes. Acredita-se que a amostragem de locais mais propícios a esse grupo, ao invés de restringir-se ao transecto, possa acrescentar espécies à lista, dentre elas outros phyllostomídeos, como dos gêneros *Artibeus*, e molossídeos, como do gênero *Molossos*, detectados em outros trabalhos neste tipo de fitofisionomia (RODRIGUES *et al.*, 2002, ZORTÉA & ALHO 2008).

Também houve um baixo número de registros na Área 5 (mata seca). Em geral, áreas de vegetação mais florestais tendem a ter um maior número de registros do que áreas abertas. Assim, era esperado entre outras capturas, dentro da família Phyllostomidae, espécies da subfamília Stenodemartinae, a mais numerosa e comumente registradas neste tipo de levantamento em ambientes florestados (RODRIGUES *et al.* 2002; ZORTÉA, 2008). A falta de inventários para esse tipo de fitofisionomia, mata seca, dificulta comparações.

Dentre as 36 espécies de médios e grandes mamíferos esperados para a região segundo dados da literatura, em torno de 23-25 foram registrados nas Áreas 1 e 2, 12-15 foram registrados nas Áreas 3 e 4 e cinco foram registrados na Área 5. Portanto foram registrados para a região por volta de 28 ou 75% dos grandes terrestres com ocorrência no Cerrado do TO. As discrepâncias nas contagens ocorrem porque algumas espécies não estão identificadas em nível de gênero, como *Dasypus* sp., Felidae / Canidae / Dasypodidae não indentificados, e não foram contabilizadas nesta comparação, mas podem ter sido levadas em consideração quando as fitofisionomias foram analisadas separadamente.

Entre os dados da literatura sobre a mastofauna da região do Cerrado do TO atravessado pela FIOLE, uma das mais importantes é o trabalho de levantamento, resgate e monitoramento de fauna para a construção da UHE Peixe Angical, que registrou 33 espécies de grandes mamíferos até o momento, amostrando diversas fisionomias nos municípios de Paranã e Peixe. O levantamento prévio da FIOLE relacionou 38 espécies desse grupo da mastofauna amostrando uma região maior, entre Figueirópolis e Ponte Alta do Bom Jesus, e que acabou incluindo à listagem o mocó (fotografado), cangambá e uma preguiça. Desta forma, acreditamos que a mastofauna de grandes animais tenha sido bem amostrada quando levamos em conta as cinco áreas estudadas.

Em relação a cada fitofisionomia, é possível que o número de espécies aumente por área amostral, mas poucas espécies devem ser acrescentadas a lista geral. Embora tenha sido registrada entre 23 e 25 espécies de grandes animais nas Áreas 1 e 2, as entrevistas com moradores da região citaram 37 espécies, cerca de 12 a mais do que o observado em campo (tamanduá mirim, tatu do rabo mole, tatu galinha, tatu canastra, china, mico estrela, lontra, quati, gato maracajá, gato do mato pequeno, cervo do pantanal e tapeti). Algumas dessas espécies são de difícil visualização e até mesmo raras, sendo avistadas com baixa frequência por pessoas que residem no local.

Da mesma forma, as entrevistas realizadas nas Áreas 3 e 4 citaram 32 espécies, 20 a mais do que o observado em campo (tamanduá bandeira, tamanduá mirim, preguiça, tatu canastra, peba, china, cachorro vinagre, lobo guará, lontra, irara, jaguatirica, gato maracajá, gato mourisco, gato do mato pequeno, suçuarana, catitu, veado campeiro, ouriço, cutia e tapeti). É interessante notar que existe uma leve diferença na mastofauna entre essas duas áreas, com a presença de espécies mais florestais, como o bugio, e dependentes de água, como a capivara, na Área 4; isso se deve ao fato do transecto na Área 4 estar mais próximo da margem do Rio Palmas do que a Área 3.

Apenas sete-oito espécies de médios e grandes mamíferos foram registrados na Área 5, mas entrevistas com moradores da região citam 17 espécies, 12 a mais do que o observado em campo (tamanduá mirim, peba, bugio, raposa do campo, quati, jaguatirica, gato do mato pequeno, suçuarana, onça pintada, uma espécie de veado não identificada, catitu e paca).

É interessante notar a presença de dois primatas na Área 5, com fitofisionomia florestal, os quais não ocorrem em áreas com vegetação mais aberta ao longo da área de influência da FIOLE.

O Estado da Bahia, ao contrário do Tocantins, conta com uma listagem de espécies que sumariza todos os resultados obtidos no presente levantamento, incluindo três biomas diferentes. Este fato explica uma lista de espécies esperadas que soma 133 táxons. No levantamento preliminar haviam sido registradas 61 espécies de mamíferos. Durante o trabalho atual foram registrados 72 táxons, ou 54% das espécies esperadas, incluindo 24 espécies de Chiroptera (morcegos não foram amostrados no levantamento prévio) (tabela 24).

Na Área 6 (Roda Velha, BA) sete espécies de pequenos mamíferos foram registradas. De acordo com CARMIGNOTO (2004), as espécies não se distribuem de maneira homogênea ao longo do Cerrado, nem ocorrem em todos os tipos de habitat que compõem a paisagem do Cerrado. Estudos em escala local demonstraram que os diferentes tipos de habitats abrigam espécies diferentes, o que por sua vez leva ao incremento da riqueza do bioma. É interessante notar que nos sítios amostrados por CARMIGNOTO (2004), no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, com habitats abertos como campo limpo, campo úmido e carrasco, as espécies das tribos Akodontini, Phyllotini e Wiedomyni predominaram, assim como ocorreu na Área 6 da FIOL.

As espécies encontradas em habitats mais florestais como matas de galeria e cerrado arbóreo, principalmente os da tribo Oryzomyini, não foram capturadas na área 6, pois esses habitats não ocorrem no transecto amostrado. Desta forma, este sítio parece ter sido satisfatoriamente amostrado diante do esperado, mas ainda assim é possível que algumas espécies venham a ser encontradas em futuras amostragens como os marsupiais *Thylamys karimii*, *Mondelphis kunsii* e *Gracilicanus agilis*, e o roedor *Oxymycterus delator*.

O presente levantamento registrou cinco espécies de pequenos mamíferos em dois sítios, três em cada, com savana arbórea aberta (áreas 7 e 8 – São Desidério). Nessas áreas, o marsupial *Gracilicanus agilis* e certas espécies das tribos Akodontini (*N. lasirus*) e Phyllotini (*Calomys expulsus*) predominaram, assim como em trabalho na região do nordeste do Cerrado (CARMIGNOTO, 2004). As ausências de espécies da tribo Oryzomyini, mais florestais, também foram observadas nas áreas 7 e 8 da FIOL. Novamente este sítio parece ter sido satisfatoriamente amostrado diante do esperado segundo a literatura, mas ainda assim é possível que algumas espécies venham a ser encontradas em trabalhos futuros como o marsupial *Mondelphis kunsii* e os roedores *Oligoryzomys fornesi*, *Calomys tener* e *Oxymycterus delator*.

Em um levantamento na Chapada Diamantina (Pereira & Geise, 2007) foram registradas seis espécies de marsupiais e 11 de roedores. Esse trabalho amostrou áreas de cerradão, cerrado sensu stricto, campo rupestre, mata decídua e mata de galeria; isto é, um mosaico de fisionomias. Portanto, é possível que nem todas as espécies venham a ser encontradas nas áreas amostradas neste trabalho. O levantamento preliminar da mastofauna de Coribe (cerrado) e Santana (estepe) (LP) revelou uma riqueza de um e seis espécies, respectivamente. Durante esse inventário prévio, foram registrados entre os pequenos mamíferos, o gambá de orelha branca (*Didelphis albiventris*, animal encontrado atropelado), *Thylamys karimii*, *Calomys* cf. *expulsus*, *Necromys lasiurus*, *Wiedomys pyrrhorhinus* (capturados em sherman) e *Rattus rattus* (atropelado) em Santana, e apenas *Rhipidomys macrurus* (capturado em sherman) em Coribe.

Dentre os poucos inventários da mastofauna disponíveis para a fitofisionomia estepe, CARMIGNOTO (2004) registrou cinco espécies de pequenos mamíferos nesse tipo de vegetação: dois Didelphidae (*Gracilicanus agilis* e *Thylamys karimii*) e três Muridae (*Calomys tener*, *Thalpomys cerradensis* e *Wiedomys pyrrhorhinus*).

FREITAS e colaboradores (2005) citam seis espécies, três marsupiais (*Didelphis albiventris*, *G. agilis* e *Monodelphis domestica*) e três roedores (*Thrichomys apereoides*, *Wiedomys pyrrhorhinos* e *Galea spixii*) para Curuçá em região da Caatinga semiárida.

O levantamento da Chapada Diamantina (PEREIRA & GEISE, 2007) registrou seis espécies de marsupiais e 11 de roedores, amostrando um mosaico de fitofisionomias. Finalmente, de acordo com o trabalho de OLIVEIRA (2004), ainda podem ocorrer dentro do bioma Caatinga da BA, *Holochilus brasiliensis* (Bom Jesus da Lapa), *Echymys lamarum* e *Proechymys albispinus sertoni* (Lamarão), *Proechymys yonenagae* (Barra), *Thrichomys apereoides* (Senhor do Bonfim), entre os roedores, e *Marmosops cf. incanus* (Lamarão), entre os marsupiais.

Para os pequenos mamíferos da Floresta Ombrófila, tem-se o registro de nove marsupiais e 14 pequenos roedores. Dentre os marsupiais esperados, *Gracilinanus agilis*, *Marmosops incanus* e *Monodelphis americana* foram capturados neste levantamento, sendo os dois últimos os mais abundantes. De acordo com PARDINI (2001), *M. murina*, *M. americana* e *M. incanus* são as espécies mais comuns na região do Una, BA. As demais espécies (*Didelphis aurita*, *Chironectes minimus*, *Marmosa murina*, *Metachirus nudicaudatus*, *Micoureus paraguayanus* e *Philander frenatus*) podem ainda ser detectadas em amostragens futuras. O presente levantamento adicionou *Monodelphis domestica*, capturado em Itagibá, para a região.

Dentre os roedores esperados, *Hylaeamys laticeps*, *Oecomys* spp. e *Rhipidomys mastacalis*, foram registrados no trecho Ilhéus/Uruçuca/Itagibá, sendo os dois primeiros os mais comuns. Novamente, para a região de Una *Hylaeamys laticeps* e *Rhipidomys mastacalis* foram os mais comuns. Dez outros roedores (*Akodon cursor*, *Blarinomys breviceps*, *Cerradomys vivoi*, *Euryoryzomys russatus*, *Nectomys squamipes*, *Oligoryzomys nigripes*, *Oxymycterus cf. dasytrichus*, *Thaptomys nigrita*, *Callistomys pictus*, *Phyllomys pattoni*) ainda podem vir a ser registrados neste estudo.

Em relação aos morcegos, é interessante mencionar que a ausência de certas espécies pode estar relacionada ao método, o qual está restrito a amostragem de uma área pré-determinada ao invés de favorecer a escolha de locais mais propícios para esse grupo de mamíferos. Dentre os levantamentos com fitofisionomia semelhante, o trabalho sobre a quiróptero-fauna cavernícola da Chapada Diamantina, BA, com fitofisionomias de campo rupestre, cerrado, florestas secas e estepe arbórea, registrou a ocorrência de 15 espécies de morcegos, sendo um Emballonuridae, 12 Phyllostomidae, um Natalidae e um Mormoopidae (SBRAGIA & CARDOSO, 2008). Contudo, uma comparação direta não pode ser feita, pois o levantamento acima mencionado amostrou abrigos de morcegos dentro de um mosaico de fitofisionomias.

Dentre os poucos inventários de morcegos da caatinga, o levantamento de dados da coleção da Universidade Federal de Pernambuco registrou 32 espécies, (18 Phyllostomidae, seis Molossidae, três Vespertilionidae, dois Noctilionidae e uma

espécie de cada uma das famílias Emballonuridae, Furipteridae e Mormoopidae) para áreas próximas ao estado de Pernambuco (ASTÚA & GUERRA, 2008). A compilação de dados de mamíferos da Caatinga (OLIVEIRA *et al.* 2003), lista por volta de 40 espécies de morcegos para o bioma. Dentre as espécies mais comuns para este ambiente encontram-se *Glossophaga soricina*, *Artibeus lituratus* e *planirostris* (=jamaicensis), *Carollia perspicillata*, *Molossus molossus* e *Platyrrhinus lineatus*. É possível que algumas dessas espécies citadas, principalmente as da família Phyllostomidae, venham a ser encontradas em campanhas futuras na área 10.

Quanto mais restrita a área do levantamento, um menor número de espécies é esperado. O presente levantamento lista, por exemplo, apenas quatro espécies para as áreas 11 e 15, pois representa a riqueza de uma área pequena amostrada por um curto período de tempo e em apenas um período do ano. Dessa forma, acreditamos que algumas dessas espécies citadas, principalmente as da família Phyllostomidae, venham a ser encontradas em campanhas futuras nas Áreas 11, 15 (estepe arbórea aberta) e Áreas 12, 13 e 14 (estepe arbórea densa).

Sabe-se também que a rede de neblina, embora amplamente utilizada, não é o método mais eficiente para capturas de morcegos no Cerrado/Caatinga, principalmente para espécies insetívoras e carnívoras em geral. Foi observado em campo, em Caetitê, por exemplo, que espécies de morcegos Vespertilionidae, Molossidae e, possivelmente, Noctilionidae, sobrevoaram a rede de neblina sem serem capturados pelas mesmas. Todos esses fatores contribuíram para o baixo sucesso observado em algumas áreas.

A compilação de dados de morcegos para a região sul da Bahia (FARIA *et al.*, 2006), lista 60 espécies de morcegos. Dentre as espécies mais comuns para esta região encontram-se *Glossophaga soricina*, e *Carollia perspicillata*. No presente levantamento *Carollia perspicillata* foi também a espécie mais comum. O resultado obtido no presente levantamento de 18 espécies para a Floresta Ombrófila representa a riqueza amostrada por um curto período de tempo e em apenas um período do ano, diferentemente dos dados existentes para Una, BA (FARIA *et al.*, 2006).

Portanto, é possível que algumas dessas espécies citadas, principalmente as da família Phyllostomidae, venham a ser encontradas em campanhas futuras nas áreas 17, 18 e 19. Mesmo assim, fica bem evidenciada a diferença de sucesso de captura e riqueza de espécies de quirópteros em fisionomias florestais (18 espécies) quando comparadas com cerrados ou estepes (entre 1-14 espécies).

Apesar de ter sido detectado a presença de apenas seis espécies de médios e grandes mamíferos na Área 6, as entrevistas com moradores da região citaram 13 espécies, nove a mais do que o observado em campo (tamanduá bandeira, tamanduá mirim, jaguatirica, suçuarana, queixada, cervo do pantanal, capivara, preá e tapeti). De acordo com o levantamento prévio da FIOLE em Ponte Alta do Bom Jesus, TO (LP), a <100 km da Área 6, a ocorrência da cutia, mocó, catitu, quati, mão pelada, irara, raposinha do campo, gato mourisco e tatu do rabo mole foram

relatadas para a região e tais espécies também podem vir a ser detectadas em Roda Velha.

Deve-se destacar a confirmação de ocorrência do tatu bola (*Tolypeutes tricinctus*) na região, que havia sido registrado no Levantamento Preliminar, apenas por entrevistas. Essa espécie encontra-se na categoria Vulnerável nas listas de espécies ameaçadas do IBAMA (MMA, 2008) e da IUCN (IUCN, 2008).

Nas áreas 7 e 8 foram registradas a presença de apenas sete espécies de médios e grandes mamíferos no transecto, mas entrevistas com moradores da região citaram 25 espécies, 24 a mais do que o observado no transecto: gambá de orelha branca, tamanduá bandeira, tamanduá mirim, tatu canastra, macaco prego, bugio, gato mourisco, jaguatirica, onça pintada, cachorro do mato, lobo guará, cachorro vinagre, jaritataca, mão pelada, quati, anta, catitu, cervo do pantanal, capivara, paca e ouriço. Além de relatados em entrevistas, a carapaça de um tatu bola (*Tolypeutes tricinctus*), o gato do mato pequeno (*L. tigrinus*) e a suçuarana (*Puma concolor*) foram observados em área próxima ao transecto. Muitas dessas espécies também foram citadas no levantamento prévio da FIOLE (LP) para a região. Desta forma, é possível que pelo menos algumas dessas espécies possam vir a ser detectadas na área em amostragens futuras.

As entrevistas com moradores da região de São Feliz do Coribe (Área 9) citaram apenas três espécies (o gambá de orelha branca, tamanduá mirim e a suçuarana). Na Área 10 (Serra do Ramalho) apenas duas espécies de médios e grandes mamíferos foram detectadas no transecto, e outras sete foram citadas nas entrevistas com moradores da região (gambá de orelha branca, tamanduá bandeira, tatu galinha, veado campeiro, preá, mocó e cutia).

De acordo com o trabalho de OLIVEIRA (2004), tem ocorrência dentro do bioma Caatinga da BA e em área próxima da FIOLE, o tapeti (Senhor do Bonfim), o bugio (Cotegipe), guigó (Lamarão), o mocó (Barro Alto), a preá (Mundo Novo), e os tatus do rabo mole, galinha, peba e china (vários municípios cada). O levantamento preliminar da mastofauna de Coribe (cerrado) e Santana (estepe) (LP) revelou uma riqueza aproximada de 26 e 30 espécies (de grandes mamíferos), respectivamente, registrados principalmente por entrevistas. A ocorrência dos tamanduás, de cinco espécies de tatu, do macaco prego, dos gatos do mato pequeno, palheiro (encontrados atropelados) e mourisco, dos canídeos cachorro do mato, raposinha do campo e lobo guará, da irara, dos procionídeos quati e mão pelada, do veado catingueiro e do mocó (observado), entre outros, foi relatada para a região e tais espécies também podem vir a ser detectadas em São Felix do Coribe e Serra do Ramalho e amostragens futuras.

Para a estepe arbórea aberta (Áreas 11 e 15) foi detectada a presença de apenas onze espécies de médios e grandes mamíferos no transecto. No entanto, as entrevistas com moradores da região citaram 24 espécies, 13 a mais do que o observado no transecto: duas espécies de gambá, tamanduá mirim, tatu do rabo mole, tatu galinha, tatu bola, gato do mato pequeno, onça parda, onça pintada, quati, veado catingueiro, catitu, cutia e mocó. O levantamento prévio da FIOLE cita

para a região muitas dessas espécies, sendo possível que pelo menos algumas delas possam vir a ser detectadas em amostragens futuras.

Nas Áreas 12, 13 e 14 (estepe arbórea densa) foram registradas apenas sete espécies de médios e grandes mamíferos no transecto. Entrevistas com moradores da região citaram 27 espécies, 20 a mais do que o observado: tamanduá mirim, tatu do rabo mole, tatu galinha, peba, o bugio, gato mourisco, gato do mato pequeno, jaguatirica, onça parda, quati, furão, irara, veado mateiro, veado catingueiro, paca, cutia, ouriço, mocó e coelho.

Além de relatadas em entrevistas, a preá (*G. spixii*) foi avistada fora do transecto. O levantamento prévio da FIOLE cita para a região muitas dessas espécies, além do tatu china e do catitu. É possível que pelo menos algumas dessas espécies possam vir a ser detectadas nas áreas 12, 13 e 14 em amostragens futuras. Apesar da lista de espécies esperadas conter muitas espécies, os transectos amostrados eram locais bastante impactados, principalmente pela pecuária extensiva nas áreas 13 e 14 e pela retirada de lenha para fabricação de carvão na área 12, e por esse motivo, nem todas as espécies com ocorrência na região podem vir a ser encontradas nessas localidades.

Os fragmentos de vegetação nativa amostrados eram pequenos, com presença de gado, e a caça mostrou ser uma prática bastante comum nessas localidades. Além disso, a presença do camundongo (*Mus musculus*) indica tratar-se de uma área antropizada. Essas características dos transectos podem ter contribuído para o baixo sucesso de registros.

Algumas das localidades amostradas no presente trabalho são carentes de inventários, e por isso é muito difícil saber quais espécies são esperadas para algumas regiões. No levantamento preliminar da mastofauna da Fiol foram registradas 32 espécies terrestres para Jequié (área 16) através de entrevistas, sendo que o cachorro do mato (*Cerdocyon thous*) foi registrado também por outro método (câmeras fotográficas). Dessas 32 espécies, apenas o cachorro do mato e o tapeti foram registrados no presente trabalho.

A região de Jequié apresenta uma atividade intensa de caça (obs. pess.), o que pode ser uma das causas da difícil visualização de espécies de médio e grande porte, aliadas ao estado de conservação das áreas. Muitos locais estão antropizados, com plantações e remanescentes de vegetação nativa apenas em topos de morro. No entanto, de acordo com os moradores da região ainda podem ser encontradas quatro espécies de tatus, tamanduá mirim, preguiça comum, sagüi comum, três espécies de gato do mato, jaguatirica e suçuarana, lontra, irara, furão, jaritaca, quati, mão pelada, veado catingueiro, catitu, ouriço, preá, capivara, mocó, paca, cutia e esquilo. Parte dessas espécies ainda pode ser detectada em trabalhos futuros.

Apesar de ter sido detectado a presença de apenas oito espécies de médios e grandes mamíferos nos transectos das Áreas 17, 18 e 19 (Floresta Ombrófila), as entrevistas com moradores da região citaram 20 espécies, 13 a mais do que o observado em campo: peba, preguiça, bugio, guigó, mico, gato do mato

pequeno, cachorro do mato, irara, queixada, capivara, paca e dois ouriços. Segundo dados da literatura, 25 espécies são esperadas para a região: um tamanduá, uma preguiça, dois tatus, cinco primatas, um canídeo, três procionídeos, dois mustelídeos, dois felinos, um veado, dois ouriços, uma cutia, duas a três preás, uma paca e um coelho. De acordo com PARDINI (2001), a cutia, o tatu galinha e o quati estão entre os mais comuns para Una, BA. O levantamento prévio da FIOLE cita 25 espécies para Uruçuca. É possível que pelo menos algumas dessas espécies possam vir a ser detectadas nas Áreas 17, 18 e 19 em amostragens futuras.

A comparação entre as listas de espécies esperadas e aquelas efetivamente encontradas durante esta campanha (tabelas 23 e 24) aponta alguns aspectos comuns para as ausências tanto nas áreas do Tocantins como nas da Bahia.

O primeiro fator a ser considerado é que várias espécies são naturalmente raras e sua probabilidade de detecção é baixa, como é regra com os carnívoros predadores de topo. Além disso, grande parte dos mamíferos apresenta atividade noturna e não são tão facilmente visualizados. No que se refere aos pequenos mamíferos, é necessário ressaltar que esse grupo passa por constantes revisões sistemáticas, e os nomes de trabalhos mais antigos nem sempre são compatíveis com trabalhos mais atuais, embora tomamos o cuidado de considerar essas alterações sempre que possível. Além disso, muitas espécies foram apresentadas somente como gênero, o que pode ter elevado a contagem de espécies durante as comparações.

ANEXO 1 - TABELAS

TABELA 1 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	700 sherman x noite	2,9%
<i>Pitfall</i>	224 pitfall x noite	8,5%
Censo em transecto	32 km	5 registros/km
Câmera fotográfica	42 armadilhas x noite	2 registros - 2espécies
Rede de neblina	7776 hm ²	24 indivíduos
Procura ativa por morcegos	8 horas	2,25 indivíduos/h

TABELA 2 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice abundância	Status conservação	Nível endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Didelphis albiventris</i>	Cs (av)		1	1,2		
<i>Cryptonanus</i> sp	Sh	5,1	1			
<i>Gracilinanus agilis</i>	Pt, Sh	17,9	1, 2			
<i>Thylamys</i> cf. <i>karimii</i>	Pt	2,6	1		VU (IUCN)	
XENARTHRA						
Myrmecophagidae						
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Cs (pe, fz)		2	4,3	VU (BR), PA (IUCN)	
Dasypodidae						
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Cs (pe)		1	1,8		
Dasypodidae nid	Cs (fo)		2	3,7		
PRIMATES						
Cebidae						
<i>Cebus libidinosus</i>	Cs (vo)		1	1,8		
Atelidae						
<i>Alouatta caraya</i>	Cs (vo)		2	0,6		
CHIROPTERA						
Emballonuridae						
<i>Rhynconictes naso</i>	RN, PA	8,3	2			
Phyllostomidae						
<i>Desmodus rotundus</i>	RN	8,3	1, 2			
<i>Micronycteris minuta</i>	RN	4,2	2			
<i>Carollia perspicillata</i>	RN	29,2	2			
<i>Artibeus lituratus</i>	RN	12,5	2			
<i>Artibeus jamaicensis</i>	RN	4,2	1, 2			

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice abundância	Status conservação	Nível endemismo
<i>Plathyrrhinus lineatus</i>	RN	20,8	1			
Molossidae						
<i>Molossops temminikii</i>	RN	12,5	2			
CARNIVORA						
Felidae						
<i>Leopardus pardalis</i>	Cs (pe)		1, 2	3,7	VU (BR)	
<i>Leopardus sp.</i>	Cs (pe)		2	0,6		
<i>Puma concolor</i>	Cs (pe)		1, 2	3,7	VU (BR)	
<i>Puma yaguaroundi</i>	Cs (av)		1	0,6		
<i>Panthera onca</i>	Cs (pe, vo)		1	4,9	VU (BR), PA (IUCN)	
Felidae nid	Cs (vs)		1, 2	5,5		
Canidae						
<i>Cerdocyon thous</i>	Cs (pe, vs), CF		1, 2	12,3		
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Cs (pe, fz, vo), CF		1, 2	12,9	VU (BR), PA (IUCN)	
<i>Lycalopex vetulus</i>	Cs (pe, av)		1, 2	2,5		ED
Mustelidae						
<i>Eira barbara</i>	Cs (av)		2	0,6		
Mephitidae						
<i>Conepatus semistriatus</i>	Cs (pe)		1	1,2		
Procyonidae						
<i>Procyon cancrivorus</i>	Cs (pe)		1	0,6		
PERISSODACTYLA						
Tapiridae						
<i>Tapirus terrestris</i>	Cs (pe, fz)		1, 2	14,8	VU (IUCN)	
ARTIODACTYLA						
Tayassuidae						
<i>Pecari tajacu</i>	Cs (av, pe, vo)		1, 2	3,1		
Cervidae						
<i>Mazama americana</i>	Cs (pe)		1, 2	1,2		
<i>Mazama gouazoupira</i>	Cs (pe, av)		1, 2	3,7		
<i>Mazama sp.</i>	Cs (pe)		1, 2	8,6		
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	Cs (pe)		2	0,6	NT (IUCN)	
RODENTIA						
Cricetidae						
<i>Calomys tocantinsi</i>	Pt	2,6	1			
<i>Juliomys sp.</i>	Pt	2,6	2			
<i>Necromys lasiurus</i>	Pt	7,7	1			
<i>Oligoryzomys moojeni</i>	Sh, Pt	12,8	1			
<i>Oligoryzomys sp 1</i>	Sh	2,6	2			

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice abundância	Status conservação	Nível endemismo
<i>Oligoryzomys sp 2</i>	Sh	2,6	2			
<i>Oligoryzomys sp 3</i>	Pt	2,6	1			
<i>Oecomys bicolor</i>	Pt	12,8	1			
<i>Oecomys sp 1</i>	Sh	2,6	2			
Caviidae						
<i>Hidrochoerus hydrochaeris</i>	Cs (fz)		1	0,6		
Cuniculidae						
<i>Cuniculus paca</i>	Cs (pe)		2	0,6		
Dasyproctidae						
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cs (pe)		1, 2	3,1		
Erethizontidae						
<i>Coendou prehensilis</i>	Cs (pe)		2	1,2		
Echimyidae						
<i>Thrichomys sp</i>	Sh	25,6	1			

Número total de indivíduos ou registros: pequenos mamíferos - 39 indivíduos; morcegos - 24 (rede de neblina) e grandes - 163 (censo) e 2 registros (câmera fotográfica). Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, fz=fezes, vs=vestígios, vo=vocalização), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, DD= dados deficientes, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002; BONVICINO *et al.* 2002, CARMIGNOTTO 2004) ou da Caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2004), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 3 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM PARANÃ E ARRAIAS/CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREAS 3 E 4) COM SAVANA PARQUE

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	700 sherman x noite	6,7%
<i>Pitfall</i>	224 pitfall x noite	0,0%
Censo em transecto	32 km	2,0 registros / km
Câmera fotográfica	42 armadilhas x noite	5 registros-1 espécie
Rede de neblina	7776 hm ²	34 indivíduos
Procura ativa por morcegos	8 horas	0,0 indivíduos/h

TABELA 4 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM PARANÃ E ARRAIAS/CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREAS 3 E 4) COM SAVANA PARQUE

Espécie	Forma registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância / Fq ocorrência	Status conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						

Espécie	Forma registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância / Fq ocorrência	Status conservação	Nível de endemismo
<i>Gracilinanus agilis</i>	Sh	19,1	3, 4			
<i>Gracilinanus sp.</i>	Sh	4,3	3			
<i>Micoureus demerarae</i>	Sh	4,3	3			
XENARTHRA						
Dasypodidae						
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Cs (to)		3	9,1		
<i>Dasypus sp.</i>	Cs (to)		4	7,6		
PRIMATES						
Atelidae						
<i>Alouatta caraya</i>	Cs (vo)		4	3,0		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Anoura geoffroyi</i>	RN	8,8	3			
<i>Artibeus jamaicensis</i>	RN	17,6	3, 4			
<i>Artibeus sp.</i>	RN	5,9	3			
<i>Carollia perspicillata</i>	RN	2,9	4			
<i>Desmodus rotundus</i>	RN	2,9	3			
<i>Glossophaga longirostris</i>	Rn	2,9	3			
<i>Glossophaga soricina</i>	RN	8,8	3, 4			
<i>Phyllostomus discolor</i>	RN	8,8	4			
<i>Phyllostomus hastatus</i>	RN	11,8	4			
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	RN	5,9	3, 4			
Momooipidae						
<i>Pteronotus parnelli</i>	RN	8,8	4			
Molossidae						
<i>Cynomops planirostris</i>	RN	2,9	4			
<i>Molossops temmicki</i>	RN	8,8	3, 4			
Vespertilionidae						
<i>Rhogeessa aff. Hussoni</i>	RN	2,9	3		DD (IUCN)	
CARNIVORA						
Felidae						
<i>Leopardus pardalis</i>	Cs (pe)		3, 4	12,1	VU (BR)	
<i>Panthera onca</i>	Cs (vo)		3	1,5	VU (BR, PA(IUCN))	
Felidae nid	Cs (vs)		3	1,5		
Canidae						
<i>Cerdocyon thous</i>	CF, Cs (pe)		3	9,1		

Espécie	Forma registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância / Fq ocorrência	Status conservação	Nível de endemismo
Procyonidae						
<i>Nasua nasua</i>	Cs (av)		4	1,5		
<i>Procyon cancrivorus</i>	Cs (pe)		3	1,5		
PERISSODACTYLA						
Tapiridae						
<i>Tapirus terrestris</i>	Cs (vs)		3	1,5	VU (IUCN)	
ARTIODACTYLA						
Cervidae						
<i>Mazama americana</i>	Cs (pe, av)		3, 4	12,1		
<i>Mazama gouazoubira</i>	Cs (fz, pe)		3, 4	18,2		
<i>Mazama sp.</i>	Cs (pe)		3	3,0		
RODENTIA						
Cricetidae						
<i>Calomys sp1</i>	Sh	14,9	3, 4			
<i>Calomys sp2</i>	Sh	12,8	3, 4			
<i>Oecomys sp.</i>	Sh	4,3	4			
<i>Oligoryzomys aff. fornesi</i>	Sh	2,1	3			
<i>Oligoryzomys sp.</i>	Sh	14,9	4			
<i>Rhipidomys cf. macrurus</i>	Sh	2,1	4			
<i>Wiedomys pyrrhorhinus</i>	Sh	12,8	4			ED
<i>Roedor nid</i>	Sh	8,5	3, 4			
Caviidae						
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Cs (fz)		4	16,7		
Cuniculidae						
<i>Cuniculus paca</i>	Cs (pe)		4	1,5		

Número total de indivíduos ou registros: pequenos mamíferos - 47 indivíduos; morcegos - 34 (rede de neblina) e grandes - 65 (censo) e 5 registros (câmera fotográfica). Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, fz=fezes, vs=vestígios, vo=vocalização), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, DD= dados deficientes, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002; BONVICINO *et al.* 2002, CARMIGNOTTO 2004) ou da Caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2004), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 5 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	350 sherman x noite	10,3%
<i>Pitfall</i>	112 pitfall x noite	3,5%

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
Censo em transecto	16 km	0,50 registros/km
Câmera fotográfica	21 armadilhas x noite	25 registros-2 espécies
Rede de neblina	3888 hm ²	8 indivíduos
Procura ativa por morcegos	4 horas	0,25 indivíduos/h

TABELA 6. - ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA.

Espécie	Formas registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Didelphis albiventris</i>	Cs (av)		5	12,5%		
XENARTHRA						
Dasypodidae						
Dasypodidae nid	Cs (to)		5	12,5%		
PRIMATES						
Cebidae						
<i>Callithrix penicillata</i>	Cs (av)		5	12,5%		
<i>Cebus libidinosus</i>	Cs (av)		5	12,5%		
LAGOMORPHA						
Leporidae						
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Cs (fz)		5	12,5%		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Carollia brevicauda</i>	RN	12,5	5			
<i>Desmodus rotundus</i>	RN	37,5	5			
<i>Diphylla ecaudata</i>	RN, PA	37,5	5			
<i>Lonchorhina aurita</i>	RN	12,5	5			
CARNIVORA						
Felidae						
<i>Leopardus tigrinus</i>	CF		5	1 registro	VU (BR, IUCN)	
Canidae						
<i>Cerdocyon thous</i>	CF, Cs (av)		5	12,5%		
Canidae nid	Cs (vs)		5	12,5%		
RODENTIA						
Cricetidae						
<i>Calomys</i> sp3	Sh, Pt	57,7	5			
<i>Calomys</i> sp4	Sh, Pt	10,0	5			
<i>Cerradomys</i> sp.	Sh	2,5	5			
Dasyproctidae						
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cs (av)		5	12,5%		
Echimyidae						
<i>Thrichomys apereoides</i>	Sh	30,0	5			ED

Número total de indivíduos ou registros: pequenos mamíferos - 40 indivíduos; morcegos - 8 (rede de neblina) e 1 indivíduo (procura ativa) e grandes - 8 (censo) e 25 registros de duas espécies (câmera

fotográfica). Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, fz=fezes, vs=vestígios), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002; BONVICINO *et al.* 2002, CARMIGNOTTO 2004) ou da Caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2004), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 7 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM RODA VELHA-SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 6) COM SAVANA PARQUE, BA

Método de amostragem	Esforço amostral	Sucesso
<i>Shermans</i>	350 sherman x noite	7,1%
<i>Pitfall</i>	112 pitfall x noite	7,4%
Censo em transecto	16 km	0,56 registros/km
Câmera fotográfica	21 armadilhas x noite	0 registros
Rede de neblina	3888 hm ²	0 indivíduos
Procura ativa por morcegos	4 horas	0,75 indivíduos/hora

TABELA 8 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM RODA VELHA-SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 6) COM SAVANA PARQUE, BA

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa-%/ número de indivíduos	Área de registro	Índice de abundância (% Fq. ocorrência)	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Marmosa murina</i>	Sh	2,9%	6			
XENARTHRA						
Dasypodidae						
Dasypodinae	Cs (to)		6	11,1		
<i>Tolypeutes tricinctus</i>	Cs (av)		6	11,1	VU (BR, IUCN)	
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	PA	3	6			
CARNIVORA						
Canidae						
<i>Cerdocyon thous</i>	Cs (av)		6	11,1		
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Cs (av)		6	11,1	VU (BR), PA (IUCN)	
ARTIODACTYLA						
Cervidae						
<i>Mazama americana</i>	Cs (pe)		6	11,1		
<i>Mazama</i>	Cs (pe,		6	33,3		

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa-%/ número de indivíduos	Área de registro	Índice de abundância (% Fq. ocorrência)	Status de conservação	Nível de endemismo
<i>gouazoubira</i>	av)					
<i>Mazama sp.</i>	Cs (av)		6	11,1		
RODENTIA						
Cricetidae						
<i>Calomys sp1</i>	Sh, Pt	29,4	6			
<i>Calomys sp2</i>	Sh, Pt	11,8	6			
<i>Necomys lasiurus</i>	Sh, Pt	41,2	6			
<i>Thalpomys sp.</i>	Sh	2,9	6			ED
<i>Wiedomys pyrrhorhinus</i>	Sh	5,9	6			ED
Echimyidae						
<i>Thrichomys apereoides</i>	Sh	5,9	6			ED

Número total de indivíduos ou registros: pequenos mamíferos: 34 indivíduos; morcegos: 3 indivíduos e grandes: 9 registros. Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002; BONVICINO *et al.* 2002, CARMIGNOTTO 2004) ou da Caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2004), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 9 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREAS 7 E 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	700 sherman x noite	0,3%
<i>Pitfall</i>	224 pitfall x noite	5,3%
Censo em transecto	32 km	0,4 registros/Km
Câmera fotográfica	42 armadilhas x noite	0 registros
Rede de neblina	7776 hm ²	5 indivíduos
Procura ativa por morcegos	8 horas	0 indivíduos/h

TABELA 10 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREAS 7 E 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Gracilinanus agilis</i>	Pt	21,4	7			
<i>Marmosa murina</i>	Pt	14,3	8			
XENARTHRA						
Dasypodidae						

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
<i>Cabassous unicinctus</i>	Cs (to)		8	7,7		
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Cs (to)		8	7,7		
<i>Dasypus septemcinctus</i>	Cs (av), Sh		7	30,8		
<i>Euphractus sexinctus</i>	Cs (to)		8	7,7		
PRIMATES						
Cebidae						
<i>Callithrix penicillata</i>	Cs (av)	4 indivíduos	8	15,4		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Anoura caudifer</i>	RN	5 indivíduos	7, 8			
ARTIODACTYLA						
Cervidae						
<i>Mazama gouazoubira</i>	Cs (pe)		7, 8	15,4		
RODENTIA						
Cricetidae						
<i>Calomys expulsus</i>	Pt	35,7	7, 8			
<i>Necomys lasiurus</i>	Sh, Pt	28,6	7			
Caviidae						
<i>Galea spixii</i>	Cs (av)		8	7,7		
Echimyidae						
<i>Thrichomys inermis</i>	Cs (vs)		8	7,7		

Número total de indivíduos ou registros - pequenos mamíferos: 14 indivíduos; morcegos - 5 indivíduos e grandes - 13 registros. Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, vs=vestígios), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002; BONVICINO *et al.* 2002, CARMIGNOTTO 2004) ou da Caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2004), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 11 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM SÃO FÉLIX DO CORIBE, BA (ÁREA 9), COM FLORESTA ESTACIONAL

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	350 sherman x noite	0 registros
<i>Pitfall</i>	112 pitfall x noite	0 registros
Censo em transecto	16 km	0,06 registros/Km
Câmera fotográfica	21 armadilhas x noite	0 registros
Rede de neblina	3888 hm ²	13 indivíduos
Procura ativa por morcegos	4 horas	0 registros

TABELA 12 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM SÃO FÉLIX DO CORIBE, BA (ÁREA 9) COM FLORESTA ESTACIONAL

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
XENARTHRA						
Dasypodidae						
Dasypodidae sp.	Cs (To)		9	100		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Carollia perspicillata</i>		30,8%	9			
<i>Glossophaga soricina</i>		38,5%	9			
<i>Phyllostomus hastatus</i>		7,7%	9			
Chiroptera nid		23,1%	9			

Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado ou da Caatinga, segundo Marinho-Filho (2002), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 13 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S FRANCISCO, BA (ÁREA 10, SERRA DO RAMALHO, BA)

Método de Amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	350 sherman x noite	5,42%
<i>Pitfall</i>	112 pitfall x noite	6,25%
Censo em transecto	16 km	0,12 registros/km
Câmera fotográfica	21 armadilhas x noite	0 registros
Rede de neblina	3888 hm ²	9 indivíduos
Procura ativa por morcegos	4 horas	0 registros

TABELA 14 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S. FRANCISCO, BA (ÁREA 10, SERRA DO RAMALHO, BA)

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Didelphis albiventris</i>	Sh	3.7	10			
<i>Gracilinanus agilis</i>	Sh, Pt	66.7	10			
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						

<i>Platyrrhinus lineatus</i>	RN	22.2	10		
Phyllostomidae sp1	RN	66.7	10		
Vespertilionidae					
Vespertilionidae sp2	RN	11.1	10		
CARNIVORA					
Procyonidae					
<i>Procyon cancrivorus</i>	Cs (Pe)		10	1 registro	
ARTIODACTYLA					
Cervidae					
<i>Mazama sp</i>	Cs (Fz)		10	1 registro	
RODENTIA					
Cricetidae					
<i>Calomys cf. expulsus</i>	Pt	3.7	10		
<i>Cerradomys sp</i>	Sh, Pt	7.4	10		
<i>Oecomys sp</i>	Sh, Pt	18.5	10		

Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, Fz=fezes), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado ou da Caatinga, segundo Marinho-Filho (2002), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 15 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14) COM ESTEPE ARBÓREA DENSA

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	1050 sherman x noite	0,57%
<i>Pitfall</i>	336 pitfall x noite	0,89%
Censo em transecto	48 km	0,20 registros/km
Câmera fotográfica	63 armadilhas x noite	21 registros – 1 espécie
Rede de neblina	11664 hm ²	12 indivíduos
Procura ativa por morcegos	12 horas	0,67 indivíduos/h

TABELA 16 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14) COM ESTEPE ARBÓREA DENSA

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Didelphis albiventris</i>	Cs (av)		14	10,0		
<i>Gracilinanus agilis</i>	Pt	11,1	14			
<i>Monodelphis domestica</i>	Pt	11,1	14			

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
<i>Monodelphis sp</i>	Sh	11,1	14			
XENARTHRA						
Dasypodidae						
<i>Tolypeutes tricinctus</i>	CS (to)		12	10,0	VU (BR, IUCN)	
<i>Dasypodidae nid</i>	CS (to)		12	10,0		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Desmodus rotundus</i>	RN	8,3	12			
<i>Artibeus sp</i>	RN	8,3	12			
<i>Lonchophylla mordax</i>	PA	3 indivíduos	12			
<i>Glossophaga soricina</i>	RN	16,7	12			
<i>Phyllostomus hastatus</i>	RN	8,3	13			
Vespertilionidae						
<i>Eptesicus brasiliensis</i>	RN	33,3	13, 14			
<i>Myotis nigricans</i>	RN	16,7	12			
Molossidae						
<i>Molossus molossus</i>	RN	8,3	13			
<i>Molossus sp.</i>	PA	1 indivíduo	13			
PRIMATE						
Cebidae						
<i>Callithrix penicillata</i>	Cs (vo)		12, 14	20,0		
CARNIVORA						
Canidae						
<i>Cerdocyon thous</i>	CF		13, 14	21 registros		
<i>Lycalopex vetulus</i>	Cs (pe)		12	20,0		ED
Procyonidae						
<i>Procyon cancrivorus</i>	Cs (pe)		12	10,0		
Mephitidae						
<i>Conepatus semistriatus</i>	Cs (pe)		12	10,0		
RODENTIA						
Cricetidae						
<i>Cerradomys subflavus</i> cf.	Sh	22,2	12			
<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>	Cs (av)		14	10,0		ED
<i>Roedor nid</i>	Pt	11,1	14			
Muridae						
<i>Mus musculus</i>	Sh	33,3	13			EX

Número total de indivíduos ou registros: Área 12. pequenos mamíferos: 2 indivíduos; morcegos - 9 indivíduos (6 por rede de neblina e 3 por procura ativa) e grandes - 7 registros por censo; Área 13.

pequenos mamíferos: 3 indivíduos; morcegos - 7 indivíduos (6 por rede de neblina e 1 por procura ativa) e grandes – sem registros por censo e 19 registros por câmera automática; Área 14. pequenos mamíferos: 4 indivíduos; morcegos - 3 indivíduos por procura ativa e grandes - 3 registros por censo e 4 por câmera automática. Formas de registro: Sh=*sherman*, Pt=*pitfall*, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, vs=vestígios), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002; BONVICINO *et al.* 2002, CARMIGNOTTO 2004) ou da Caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2004), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 17 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM RIACHO DE SANTANA/MATINA/PALMAS DE MONTE ALTO E MANOEL VITORINO, BA (ÁREAS 11 E 15) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
<i>Shermans</i>	700 sherman x noite	0,6%
<i>Pitfall</i>	224 pitfall x noite	0
Censo em transecto	32 km	0,81 registros/km
Câmera fotográfica	42 armadilhas x noite	3 registros / 1 espécie
Rede de neblina	7776 hm ²	5 indivíduos
Procura ativa por morcegos	8 horas	0

TABELA 18 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM RIACHO DE SANTANA/MATINA/PALMAS DE MONTE ALTO E MANOEL VITORINO, BA (ÁREAS 11 15) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Didelphis cf. aurita</i>	CF		15	3 registros		
<i>Gracilinanus sp</i>	Cs(av)		11	3,8		
XENARTHRA						
Dasypodidae						
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Cs(To)		11	7,7		
<i>Dasypus sp</i>	Cs(Pe)		11	3,8		
PRIMATES						
Cebidae						
<i>Callithrix penicillata</i>	Cs (av)		15	3,8		
LAGOMORPHA						
Leporidae						
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Cs(Fz)		11	3,8		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Artibeus lituratus</i>	RN	20%	15			
<i>Mimon crenulatum</i>	RN	40%	11			
Molossidae						

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	Área de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
<i>Molossus cf molossus</i>	RN	20%	11			
Vespertilionidae						
<i>Myotis nigricans</i>	RN	20%	11			
CARNIVORA						
Felidae						
<i>Puma yaguaroundi</i>	Cs(av)		11	3,8		
Canidae						
<i>Lycalopex vetulus</i>	Cs (av)		11, 15	3,8		ED
Procyonidae						
<i>Procyon cancrivorus</i>	Cs (pe)		11	15,4		
Mephitidae						
<i>Galictis sp</i>	Cs (pe)		11	3,8		
ARTIODACTYLA						
Cervidae						
<i>Mazama sp</i>	Cs(fz,pe)		11	7,7		
RODENTIA						
Cricetidae						
<i>Wiedomys pyrrhorhinus</i>	Sh	100%	15			ED
Caviidae						
<i>Galea sp</i>	Cs (av)		11, 15	34,6		
Erethizontidae						
<i>Coendou prehensilis</i>	Cs (e)		11	3,8		

Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, Fz=fezes), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado ou da Caatinga, segundo Marinho-Filho (2002), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 19 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM UM PONTO AMOSTRAL (16, JEQUIÉ, BA) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA, BA

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
Shermans	350 sherman x noite	2%
Pitfall	112 pitfall x noite	3,6%
Censo em transecto	16 km	0,44 indivíduos/Km
Câmera fotográfica	21 armadilhas x noite	0
Rede de neblina	3888 hm ²	6 indivíduos
Procura ativa por morcegos	4 horas	0,0 indivíduos/h

TABELA 20 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM UMA ÁREA AMOSTRAL (16, JEQUIÉ, BA) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA, BA

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	ÁREA de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Marmosops incanus</i>	Sh	54.5	16			
PRIMATES						
Pitheciidae						
<i>Callicebus cf. nigrifrons</i>	Cs (vo)		16	28,6	VU (BR, IUCN)	
LAGOMORPHA						
Leporidae						
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Cs(av)		16	28,6		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Artibeus jamaicensis</i>	RN	33.3	16			
<i>Artibeus lituratus</i>	RN	50.0	16			
<i>Uroderma bilobatum</i>	RN	16.7	16			
CARNIVORA						
Canidae						
<i>Cerdocyon thous</i>	Cs(av)		16	42,9		
RODENTIA						
Sigmodontíneo não identificado	Pt	9.1	16			
Cricetidae						
<i>Oligorizomys nigripes</i> cf.	Pt	27.3	16			
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Sh	9.1	16			

Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (To=toca, pe=pegada, av=avistamento, vo=vocalização), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado ou da Caatinga, segundo Marinho-Filho (2002), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 21 – ESFORÇO AMOSTRAL E SUCESSO DE CAPTURA PARA AMOSTRAGEM DE MAMÍFEROS EM FLORESTA OMBRÓFILA (ÁREAS 17 - ITAGIBÁ, 18 - URUÇUCA E 19 - ILHÉUS, BA)

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
Shermans	1050 sherman x noite	0,9%
Pitfall	336 pitfall x noite	6,2%
Censo em transecto	48 km	0,31 registros/km

Método de amostragem	Esforço amostral	sucesso
Câmera fotográfica	63 armadilhas x noite	0 registros
Rede de neblina	11664 hm ²	167 indivíduos
Procura ativa por morcegos	12 horas	0 registros

TABELA 22 – ESPÉCIES DE MAMÍFEROS, ABUNDÂNCIA RELATIVA, ÍNDICE DE ABUNDÂNCIA E STATUS DE CONSERVAÇÃO EM FLORESTA OMBRÓFILA (ÁREAS 17. ITAGIBÁ, 18. URUÇUCA E 19. ILHÉUS, BA)

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	ÁREA de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
DIDELPHIMORPHIA						
Didelphidae						
<i>Gracilinanus agilis</i>	Pt	6,5	18, 19			
<i>Marmosops incanus</i>	Sh, Pt	12,9	17, 18, 19			ED
<i>Monodelphis americana</i>	Pt	12,9	18, 19			
<i>Monodelphis domestica</i>	Sh, Pt	3,2	17			
XENARTHRA						
Myrmecophagidae						
<i>Tamandua tetradactyla</i>				6,7		
Dasypodidae						
<i>Dasypus novemcintus</i>	Cs (pe)			6,7		
<i>Dasypodidae</i> nid	Cs (to)			13,3		
PRIMATE						
Cebidae						
<i>Callithrix penicillata</i>	Cs (av)			6,7		
LAGOMORPHA						
Leporidae						
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Cs (av)			6,7		
CHIROPTERA						
Phyllostomidae						
<i>Desmodus rotundus</i>	RN	2,8	18			
<i>Glossophaga soricina</i>	RN	4,6	17, 18, 19			
<i>Lonchorhina aurita</i>	RN	0,9	18			
<i>Phyllostomus discolor</i>	RN	1,8	18, 19			
<i>Trachops cirrhosus</i>	RN	0,9	19			
<i>Carollia brevicauda</i>	RN	2,8	18			
<i>Carollia perspicillata</i>	RN	47,7	17, 18, 19			
<i>Rhinophylla pumilio</i>	RN	2,8	18, 19			
<i>Artibeus jamaecensis</i> (= <i>planirostris</i>)	RN	7,3	18, 19			
<i>Artibeus obscurus</i>	RN	6,4	18, 19			
<i>Platyrrhinus helleri</i>	RN	11,9	18, 19			
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	RN	5,5	18, 19			
<i>Platyrrhinus recifinus</i>	RN	2,8	19		VU (BR)	
<i>Sturnira lilium</i>	RN	0,9	18			
<i>Sturnira tildae</i>	RN	11,0	18, 19			
Vespertilionidae						

Espécie	Formas de registro	Abundância relativa	ÁREA de registro	Índice de abundância	Status de conservação	Nível de endemismo
<i>Lasiurus egregius?</i>	RN	0,9	18		DD (IUCN)	
CARNIVORA						
Procyonidae						
<i>Nasua nasua</i>				6,7		
Felidae						
<i>Puma concolor</i>	Cs (pe)			26,7	VU (BR)	
ARTIODACTYLA						
Tayassuidae						
<i>Pecari tajacu</i>	Cs (pe)			20,0		
Cervidae						
<i>Mazama cf. americana</i>				6,7		
RODENTIA						
Crecitidae						
<i>Hylaeamys laticeps</i>	Sh, Pt	22,6	18, 19			ED
<i>Oecomys catherinae</i>	Pt	22,6	18, 19			
<i>Oecomys sp.</i>	Sh, Pt	9,7	18, 19			
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Sh, Pt	6,5	18, 19			
<i>Rhipidomys sp.</i>	Sh	3,2	18			

Número total de indivíduos ou registros: Área 12. pequenos mamíferos: 2 indivíduos; morcegos - 9 indivíduos (6 por rede de neblina e 3 por procura ativa) e grandes - 7 registros por censo; Área 13. pequenos mamíferos: 3 indivíduos; morcegos - 7 indivíduos (6 por rede de neblina e 1 por procura ativa) e grandes - sem registros por censo e 19 registros por câmera automática; Área 14. pequenos mamíferos: 4 indivíduos; morcegos - 3 indivíduos por procura ativa e grandes - 3 registros por censo e 4 por câmera automática. Formas de registro: Sh=sherman, Pt=pitfall, CF= câmera fotográfica, Cs=censo em transecção (T=toca, pe=pegada, av=avistamento, vs=vestígios), RN=rede de neblina, PA=procura ativa em abrigo. Status de conservação: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2003, 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado (MARINHO-FILHO, 2002; BONVICINO *et al.* 2002, CARMIGNOTTO 2004) ou da Mata Atlântica (PARDINI, 2001), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

TABELA 23 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA ESPERADAS E OBSERVADAS NO TOCANTINS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE - FIOLE

Taxa	Registros dessa campanha por área savana	LP	Bibliografia
DIDELPHIMORPHIA			
Didelphidae			
<i>Caluromys lanatus</i>			3b
<i>Caluromys philander</i>			2, 5b
<i>Cryptonanus sp.</i>	1		6
<i>Didelphis albiventris</i>	1		1, 2,3 a /b/c,
<i>Didelphis marsupialis</i>			2, 3b
<i>Gracilinanus agilis</i>	1,2,3,4		1, 2, a/b/c

Taxa	Registros dessa campanha por área savana	LP	Bibliografia
<i>Gracilinanus emiliae</i>			3b
<i>Gracilinanus sp.</i>	3		2
<i>Marmosa murina</i>			2, 3a/c,
<i>Micoureus demerarae</i>	3		1,2
<i>Micoureus sp</i>			3
<i>Monodelphis domestica</i>			2, 3a/b/c
<i>Monodelphis kunsi</i>			2, 3a
<i>Thylamys karimii</i> VU**ED(CA)	1		1, 2
<i>Thylamys sp</i>			3
XENARTHRA			
Mymercophagidae			
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> VU* PA**	2		3a/b/c,
<i>Tamandua tetradactyla</i>			3a/b/c
Bradypodidae			
<i>Bradypus variegatus</i>			
Dasypodidae			
<i>Dasypus novemcinctus</i>	3		3a/b/c
<i>Dasypus septemcinctus</i>			3b/c
<i>Euphractus sexcinctus</i>	1		3a/b/c,
<i>Cabassous unicinctus</i>			3b/c,
<i>Priodontes maximus</i>			3a/c
CHIROPTERA			
Phyllostomidae			
Phyllostominae			
<i>Phyllostomus discolor</i>	4		5
<i>Phyllostomus hastatus</i>			5
<i>Tonatia brasiliense</i>			4
<i>Phylloderma stenops</i>			4
<i>Micronycteris minuta</i>	2		10
<i>Micronycteris megalotis</i>			4
<i>Lonchorhina aurita?</i>	5		
Carollinae			
<i>Carollia brevicaudata</i>	5		
<i>Carollia perspicillata</i>	2,4		4,5
Stenodermatinae			
<i>Sturnira tildae</i>			4,5
<i>Artibeus cinereus</i>			5

Taxa	Registros dessa campanha por área savana	LP	Bibliografia
<i>Artibeus jamaicensis</i>	1,2		5
<i>Artibeus lituratus</i>	2		4
<i>Platyrrhinus helleri</i>			3c
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	1,3,4		4
<i>Chiroderma doriae</i>			3c
<i>Chiroderma villosum</i>			3c
<i>Uroderma bilobatum</i>			3c
<i>Vampyressa bidens</i>			3c
<i>Vampyressa pusilla</i>			3c
Glossophaginae			
<i>Glossophaga longirostris</i>	3		
<i>Glossophaga soricina</i>	3,4		4,5
<i>Anoura caudifer</i>			7
<i>Anoura geoffroyi</i>	3		4
Desmodontinae			
<i>Desmodus rotundus</i>	1,2,3,5		4,5
<i>Diphylla ecaudata</i>	5		7
Molossidae			
<i>Cynomops planirostris</i>	4		
<i>Molossops temminckii</i>	2,3,4		3c,5
<i>Molossus rufus</i>			4
<i>Molossus sp.</i>			3c
Mormoopidae			
<i>Pteronotus parnelli</i>	4		4
<i>Pteronotos gymnonotus</i>			7
Vespertilionidae			
<i>Myotis albescens</i>			3c
<i>Myotis nigricans</i>			5
<i>Rhogheessa cf. hussoni</i>	3		4
Noctilionidae			
<i>Noctilio cf. leporinus</i>			5
Família Natalidae			
<i>Natalus stramineus</i>			3c
Emballonuridae			
<i>Pteropteryx macrotis</i>			7
<i>Saccopteryx bilineata</i>			3c,5
<i>Rhynchonycteris naso</i>	2		

Taxa	Registros dessa campanha por área savana	LP	Bibliografia
PRIMATES			
Atelidae			
<i>Alouatta caraya</i>	2, 4		3a
Cebidae			
<i>Callithrix penicillata</i>	5		3a
<i>Cebus libidinosus</i>	1,5		3a
CARNIVORA			
Canidae			
<i>Cerdocyon thous</i>	1,2,3,5		3a/b/c
<i>Lycalopex vetulus</i> ED(CE)	1, 2		3a/c
<i>Speothos venaticus</i>			3
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	1,2		3
Procyonidae			
<i>Procyon cancrivorus</i>	1,3		3c
<i>Nasua nasua</i>	4		3a/b/c
Mephitidae			
<i>Conepatus semistriatus</i>	1		
Mustelidae			
<i>Lontra longicaudis</i>			3a
<i>Eira barbara</i>	2		3c
<i>Pteronura brasiliensis</i>			3c
Felidae			
<i>Leopardus pardalis</i> VU*	1,2,3		3a
<i>Leopardus tigrinus</i> VU	5		3c
<i>Leopardus sp.</i>	2		
<i>Panthera onca</i> VU* Pa	1,3		3a
<i>Puma concolor</i> VU*r	1,2		3a/c
<i>Puma yagouaroundi</i>	1		3b/c
PERISSODACTYLA			
Tapiridae			
<i>Tapirus terrestris</i>	1,2,3		3a/c
ARTIODACTYLA			
Tayassuidae			
<i>Pecari tajacu</i>	1,2		3a/b/c
<i>Tayassu pecari</i>			3c
Cervidae			
<i>Mazama americana</i>	1,2,3,4		3a/b/c

Taxa	Registros dessa campanha por área savana	LP	Bibliografia
<i>Mazama gouazoubira</i>	1,2,3,4		3a/c
<i>Ozotoceros bezoarticus</i> PA**	2		3a
<i>Blastocerus dichotomus</i> VU			
RODENTIA			
Cricetidae			
<i>Akodon cursor</i>			2
<i>Akrodon</i> sp.			3b
<i>Calomys</i> cf. <i>expulsos</i>			1
<i>Calomys tener</i> ED(CE)			1
<i>Calomys tocantinsi</i>	1		
<i>Calomys</i> spp.	3,4,5		2, 3a
<i>Cerradomys vivoi</i> (= <i>Oryzomys</i> gr. <i>subflavus</i> 5a)			1, 3a
<i>Cerradomys scotti</i>			1
<i>Cerradomys marinhos</i>			1
<i>Oryzomys</i> sp.			2, 3a/c
<i>Oryzomys</i> (= <i>Hylaeamys</i>) <i>megacephalus</i>			1, 3a
<i>Necomys lasiurus</i>	1		1, 2, 3a/b
<i>Nectomys rattus</i>			3c
<i>Nectomys squamipes</i>			1
<i>Oecomys concolor</i> (?)			2
<i>Oecomys bicolor</i>	1		2, 3c
<i>Oecomys paricola</i>			1
<i>Oecomys</i> sp.	2,4		1, 3a/b
<i>Oligoryzomys fornesi</i>			1
<i>Oligoryzomys nigripes</i> (= <i>O. elurus</i> 26; <i>O. sp</i> 28)			1, 2
<i>Oligoryzomys</i> spp. (<i>O. fornesi</i> , <i>O. stramineus</i>)	3,4		1,2, 3a/b
<i>Oligoryzomys moojeni</i>	1		1
<i>Oxymycterus delator</i> ED(CE)			1
<i>Oxymycterus</i> sp.			3a
<i>Pseudoryzomys simplex</i> ED(CE)			1, 3a
<i>Rhipidomys macrurus</i>			1
<i>Rhipidomys mastacalis</i>			2
<i>Rhipidomys</i> sp.			3a/b
<i>Thalpomys cerradensis</i> ED(CE)			1
<i>Wiedomys pyrrhorhinus</i> ED(CA)	4		1, 2, 3a,
Caviidae			
<i>Cavia aperea/porcellus</i>			2
<i>Galea spixii</i>			3b

Taxa	Registros dessa campanha por área savana	LP	Bibliografia
<i>Cavia aperea/ Galea spixii</i>			
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	1,4		3a/b/c
<i>Kerodon rupestris</i>			
Cuniculidae			
<i>Cuniculus paca</i>	2,4		3a/b/c
Dasyproctidae			
<i>Dasyprocta agouti/ prymnolopha#</i>			3a
<i>Dasyprocta azarae / nigriclunis</i>	1, 2,5		3a/b/c
Erethizontidae			
<i>Coendou prehensilis</i>	2		3a/b/c
Echimyidae			
<i>Carterodon sulcidens</i> CR** ED(CE)			1
<i>Dactilomys dactylinus</i>			2, 3c
<i>Echimyus armatus</i>			3b
<i>Mesomys</i> sp.			2
<i>Proechimys roberti</i> VU**			1, 3c
<i>Proechimys longicaudatus (roberti?)</i>			2
<i>Proechimys</i> sp			3a/b/c
<i>Trichomys apereoides</i>	5		1, 2, 3a/b
<i>Trichomys</i> sp1	1		1

Espécies registradas nessa campanha e no levantamento preliminar

LP = Levantamento Preliminar

ED = Espécies endêmicas do Bioma Cerrado –ED(CE) (Marinho-Filho *et al.* 2002), Caatinga – ED(CA) (Oliveira 2004) ou Mata Atlântica –ED(MA) (Vivo 1997), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

Categorias de Ameaças: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008)

Áreas de amostragem

1. Figueirópolis/Sucupira
2. Peixe
3. Paranã e Arraias
4. Conceição do Tocantins
5. Lavandeira/Combinado, TO

Bibliografia

1. CARMIGNOTTO, A. P. **Pequenos mamíferos terrestres do bioma Cerrado: padrões faunísticos locais e regionais.** 2004. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

2. PASSAMANI, M. Levantamento de pequenos mamíferos não-voadores da Região Central do Tocantins. **Humanitas**, 55-60, 1999.

3a. Levantamento de fauna – fase pré enchimento do reservatório UHE Peixe Angical (2000); 3b. Resgate de Fauna-Enchimento do Reservatório UHE Peixe Angical (2006); 3c. Monitoramento de animais silvestres – fase pós enchimento do reservatório – X relatório técnico parcial (abril 2008). Dados para os municípios de Paraná e Peixe, To.

4. OIKOS PESQUISA APLICADA. Avaliação ecológica rápida sobre a mastofauna da região leste do estado do Tocantins / Jalapão. 2006.

5. ARRUDA, M. B. & VON BEHR, M. (orgs.). Jalapão: Expedição Científica e Conservacionista. Brasília: Ibama. 2002.

6. VOSS, R., LUNDE, D. P., JANSÁ, S. A. On the Contents of *Gracilinanus* Gardner and Creighton, 1989, with the Description of a Previously Unrecognized Clade of Small Didelphid Marsupials. **American Museum Novitates** 3482, 34 pp., 2005.

7. Sbragia, I.A. & Cardoso, A. Quiróptero-fauna (Mammalia: Chiroptera) cavernícola da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. **Chiroptera Neotropical** 14(1):360-365, 2008.

TABELA 24 – ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS E ESPERADAS NA BAHIA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE - FIOI

Taxa	Registros dessa campanha por área				Bibliografia
	savana	estepe	FO	LP	
DIDELPHIMORPHIA					
Didelphidae					
<i>Chironectes minimus</i>					13
<i>Didelphis aurita</i>		15			11, 13
<i>Didelphis albiventris</i>		10,11			8
<i>Gracilinanus agilis</i>	7	10	18, 19		13
<i>Gracilinanus microtarsus</i>					8, 11
<i>Marmosa murina</i>	6,8				10, 11, 13,
<i>Marmosops incanus</i>			16, 17, 18, 19		10, 13, 11
<i>Metachirus nudicaudatus</i>					13, 11
<i>Micoureus demerarae</i>					8, 11, 13
<i>Micoureus paraguayanus</i>					10
<i>Monodelphis americana</i>			18, 19		10, 11, 13
<i>Monodelphis domestica</i>		14			8
<i>Monodelphis sp</i>		14			
<i>Philander frenatus</i> (=frenata)					13
<i>Thylamys karimii</i> VU**ED(CA)					8
<i>Marsupial não id.</i>					
XENARTHRA					
<i>Myrmecophagidae</i>					
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> VU* PA**					

Taxa	Registros dessa campanha por área				Bibliografia
	savana	estepe	FO	LP	
<i>Tamandua tetradactyla</i>			19		11, 13
Bradypodidae					
<i>Bradypus variegatus</i>					
<i>Bradypus torquatus</i> VU* EN** ED(MA)					13
Dasypodidae					
<i>Cabassous unicinctus</i>	8				11
<i>Dasypus septemcinctus</i>	7				
<i>Dasypus novemcinctus</i>	8	11	19		11, 13
<i>Euphractus sexcinctus</i>	8	11			
<i>Tolypeutes tricinctus</i> VU* **	6	12			
CHIROPTERA					
Phyllostomidae					
Phyllostominae					
<i>Chrotopterus auritus</i>					12, 14
<i>Lamproncycteris brachyotis</i>					12
<i>Lonchorhina aurita</i>			18		12
<i>Lophostoma brasiliense</i>					12
<i>Lophostoma silvicolum</i>					12
<i>Macrophyllum macrophyllum</i>					12
<i>Micronycteris hirsuta</i>					12
<i>Micronycteris microtis</i>					12
<i>Micronycteris minuta</i>					12,14
<i>Micronycteris schmidtorum</i>					12
<i>Micronycteris schmidtorum</i>					12
<i>Mimon bennettii</i>					12
<i>Mimon crenulatum</i>		11			12
<i>Phylloderma stenops</i>					12
<i>Phyllostomus discolor</i>			18, 19		12, 14
<i>Phyllostomus hastatus</i>		9,13			12, 14
<i>Phyllostomus elongatus</i>					12
<i>Tonatia bidens</i>					12
<i>Tonatia brasiliense</i>					12
<i>Tonatia saurophila</i>					12
<i>Tonatia sp</i>					14
<i>Trachops cirrhosus</i>			19		12
<i>Trinycteris nicefori</i>					12
Carollinae					
<i>Carollia brevicaudata</i>			18		12

Taxa	Registros dessa campanha por área				
	savana	estepe	FO	LP	Bibliografia
<i>Carollia perspicillata</i>		9	17, 18, 19		12, 14
<i>Rhinophylla pumilio</i>			18, 19		12
Stenodermatinae					
<i>Sturnira tildae</i>			18		12
<i>Sturnira lilium</i>			18, 19		12, 14
<i>Artibeus fimbriatus</i>					12
<i>Artibeus sp.</i>		12			14
<i>Artibeus cinereus</i>					12, 14
<i>Artibeus gnomus</i>					12
<i>Artibeus jamaicensis (=planirostris)</i>			16, 18, 19		12, 14
<i>Artibeus lituratus</i>		15	16		12, 14
<i>Artibeus obscurus</i>			18, 19		12
<i>Platyrrhinus helleri</i>			18, 19		12
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	6	10	18, 19		12,14
<i>Platyrrhinus recifinus VU(BR)</i>			19		12
<i>Chiroderma villosum</i>					12
<i>Pygoderma bilabiatum</i>					12
<i>Uroderma bilobatum</i>			16		12
<i>Uroderma magnirostrum</i>					14
<i>Vampyressa pusilla</i>					12
<i>Vampyrodes caraccioli</i>					12
Glossophaginae					
<i>Anoura caudifer</i>	7,8				12
<i>Anoura geoffroyi</i>					12
<i>Glossophaga longirostris</i>					12
<i>Choeroniscus minor</i>					12
<i>Glossophaga soricina</i>		9,12	17, 18, 19		12, 14
<i>Lichonycteris obscura</i>					12
<i>Lonchophylla mordax</i>					12, 14
Desmodontinae					
<i>Desmodus rotundus</i>		12	18		12, 14
<i>Diphylla ecaudata</i>					12, 14
Molossidae					
<i>Cynomops planirostris</i>					12
<i>Eumops perotis</i>					14
<i>Molossus rufus</i>					12
<i>Molossus ater</i>					14
<i>Molossus molossus</i>		11,13			12, 14

Taxa	Registros dessa campanha por área				
	savana	estepe	FO	LP	Bibliografia
Vespertilionidae					
<i>Eptesicus brasiliensis</i>		13,14			12, 14
<i>Eptesicus furinalis</i>					14
<i>Lasiurus egregius</i>			18		
<i>Myotis nigricans</i>		11,12			12
<i>Myotis SP</i>					14
Noctilionidae					
<i>Noctilio leporinus</i>					12, 14
Família Natalidae					
<i>Natalus stramineus</i>					12
Emballonuridae					
<i>Diclidurus albus</i>					12
<i>Pteropteryx kappleri</i>					12, 14
<i>Pteropteryx macrotis</i>					12, 14
<i>Saccopteryx bilineata</i>					12 14
<i>Rhynchonycteris naso</i>					12 14
Família Thyropteridae					
<i>Thyroptera tricolor</i>					12
PRIMATES					
Atelidae					
<i>Alouatta caraya</i>					
<i>Alouatta guariba CR *</i>					13
<i>Callicebus melanochir VU* **</i>			16		13
Cebidae					
<i>Cebus xanthosternos CR* **</i>					13
<i>Cebus libidinosus</i>					
<i>Callithrix jachus</i>					
<i>Callithrix penicillata</i>	8	12,14,15	17		
<i>Callithrix kuhlii PA** ED(MA)</i>					13
<i>Leontopithecus chrysomelas EN* ** ED(MA)</i>					13
LAGOMORPHA					
Leporidae					
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>		11	16,17		11
CARNIVORA					
Canidae					
<i>Cercopithecus thous</i>	6	13,14	16		11, 13
<i>Chrysocyon brachyurus VU* Pa**</i>	6				

Taxa	Registros dessa campanha por área				
	savana	estepe	FO	LP	Bibliografia
<i>Lycalopex vetulus</i> ED(CE)		11, 12,15			
Procyonidae					
<i>Procyon cancrivorus</i>		10,11,12			11, 13
<i>Nasua nasua</i>			19		11
<i>Potos flavus</i>					13
Mephitidae					
<i>Conepatus semistriatus</i>		12			
Mustelidae					
<i>Eira barbara</i>					11
<i>Gallictis vittata/ sp.</i>		11			13
<i>Lontra longicaudis</i>					
<i>Pteronura brasiliensis</i> VU*, EN**					
Felidae					
<i>Leopardus (Oncifelis) colocolo</i> VU*, PA**					
<i>Leopardus pardalis</i> VU*					
<i>Leopardus sp</i> VU* **					11
<i>Leopardus tigrinus</i> VU* **					
<i>Leopardus wiedii</i> VU* Pa**					
<i>Puma yagouaroundi</i>		11			
<i>Puma concolor</i> VU*			18,19		11
<i>Panthera onca</i> VU* Pa**					
PERISSODACTYLA					
Tapiridae					
<i>Tapirus terrestris</i> VU**					
ARTIODACTYLA					
Tayassuidae					
<i>Pecari tajacu</i>			18,19		13
Cervidae					
<i>Mazama gouazoubira</i>	6,7,8				11
<i>Mazama americana</i>	6		19		
<i>Mazama sp.</i>	6	11			
RODENTIA					
Cricetidae					
<i>Akodon cursor</i>					11, 13
<i>Blarinomys breviceps</i>					11, 13
<i>Calomys expulsus</i>	7,8	10			8
<i>Calomys sp.</i>	6				
<i>Cerradomys vivoi</i> (= <i>Oryzomys gr. subflavus</i>)					9, 10, 11

Taxa	Registros dessa campanha por área				Bibliografia
	savana	estepe	FO	LP	
5a, C. subflavus 13, Oryzomys subflavus 28)					
Cerradomys sp.		10,12			8
Euryoryzomys (= Oryzomys) russatus					11, 13
Hylaeamys (= Oryzomys) laticeps			18, 19		10, 11,13
Necomys lasiurus	7				8
Nectomys squamipes					11, 13
Nectomys sp.					8
Oecomys catherinae			18, 19		
Oecomys sp.		10			11,13
Oligoryzomys fornesi					8
Oligoryzomys nigripes (=O. eliurus 26; O. sp 28)			16		8, 11, 13
Oligoryzomy rupestris					8
Rhipidomys macrurus					8
Rhipidomys mastacalis			16, 18, 19		10, 11
Rhidpidomys sp			18		
Thalpomys sp	6				
Thaptomys nigrita (T. sp 28)					11, 13
Wiedomys pyrrhorhinus ED(CA)	6	14,15			8
Muridae					
Rattus rattus/Mus musculus		13			13
Caviidae					
Cavia (aperea/pocellus)#					13
Galea spixii	8	11, 15			13
Hydrochoeris hydrochaeris					
Kerodon rupestris ED(CA)					14
Cuniculidae					
Cuniculus paca					11, 13
Dasyproctidae					
Dasyprocta agouti/ prymnolopha#					
Erethizontidae					
Chaetomys subspinosus VU* **ED(MA)					13
Coendou prehensilis		11			
Sphiggurus insidiosus					13
Echimyidae					
Callistomys pictus VU* EN** ED(MA)					10, 13
Phyllomys pattoni					13
Trichomys inermis	8				8

Taxa	Registros dessa campanha por área				
	savana	estepe	FO	LP	Bibliografia
<i>Trichomys apereoides</i>	6				
Sciuridae					
<i>Guerlinguetus ingrami</i>					11

OBS. Os dados coletados para floresta decídua da área 9 (São Félix do Coribe foram anotados em Estepe, enquanto para a área 16 (Jequié) foram anotados em floresta ombrófila devido a proximidade (transição).

= espécies registradas nessa campanha e no levantamento preliminar

FO = Floresta Ombrófila

LP = Levantamento Preliminar

LP = Levantamento Preliminar

ED: Espécies endêmicas do Bioma Cerrado –ED(CE) (Marinho-Filho *et al.* 2002), Caatinga –ED(CA) (Oliveira 2004) ou Mata Atlântica –ED(MA) (Vivo 1997), EX = espécie exótica (introduzida de outro país).

Categorias de Ameaças: vu = vulnerável, cr = criticamente em perigo, en = em perigo, pa = provavelmente/quase ameaçada, BR = Brasil (MMA 2008), IUCN = lista vermelha da IUCN (2008), (<http://www.redlist.org/search>)(2008)

Áreas de amostragem

6. São Desidério, com savana parque
- 7 e 8. São Desidério, com savana arbórea aberta
9. São Félix do Coribe
10. Serra do Ramalho
11. Riacho de Santana/Matina/Palmas de Monte Alto
12. Caetitê
13. Lagoa Real/Livramento de Nossa Senhora
14. Brumado
15. Manoel Vitorino
16. Jequié
17. Itagiba
8. Uruçuca
19. Ilhéus

Bibliografia

Cerrado Bahia

8. PEREIRA, L.G. & GEISE, L. Karyotype composition of some rodents and marsupials from Chapada Diamantina (Bahia, Brasil). **Brazilian Journal of Biology**, v.67, n.3, p.509-518, 2007.

Floresta ombrófila

9. PERCEQUILLO, A. R.; HINGST-ZAHER, E. & BONVICINO, C. R. **Systematic review of genus *Cerradomys* Weksler, Percequillo and Voss** (Rodentia: Cricetidae: Sigmodontinae: Oryzomyini), with description of two new species from eastern Brazil. 2008.

10. GEISE, L. & GUEDES-PEREIRA, L. Rodents (Rodentia) and marsupials (Didelphimorphia) in the municipalities of Ilhéus and Pau Brasil, State of Bahia, Brazil. **Check List**, v. 4, n.2, p.174-177, 2008.

11. PARDINI, R. **Pequenos mamíferos e a fragmentação da Mata Atlântica de Una, sul da Bahia** – Processos e Conservação. 2001. 147 f. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2001.

12. Faria, D., Soares-Santos, B. & Sampaio, E. Bats from the Atlantic rainforest of southern Bahia, Brazil. *Biota Neotropica* 6(2): 1-13, 2006.

13. VAZ, S. M. Mamíferos Colecionados pelo Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela nos Municípios de Ilhéus e Buerarema, Estado da Bahia, Brasil. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v.63, n.1, p.21-28. 2005.

Caatinga

8. PEREIRA, L.G. & GEISE, L. Karyotype composition of some rodents and marsupials from Chapada Diamantina (Bahia, Brasil). **Brazilian Journal of Biology**, v.67, n.3, p.509-518, 2007.

14. OLIVEIRA, J. A.; GONÇALVES, P. R. & BONVICINO, C. R. Mamíferos da Caatinga. In: **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Ed. Universitária da UFPE: Recife, 2003.

APÊNDICE – NOMES POPULARES DAS ESPÉCIES DA MASTOFAUNA REGISTRADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE - FIOLE

Taxa	Nomes populares
DIDELPHIMORPHIA	
Didelphidae	
<i>Cryptonanus sp</i>	catita
<i>Didelphis albiventris</i>	mucura, saruê, gambá de orelha branca
<i>Didelphis aurita</i>	mucura, saruê, gambá de orelha preta
<i>Gracilinanus agilis</i>	catita
<i>Gracilinanus sp.</i>	catita
<i>Marmosa murina</i>	catita
<i>Marmosops incanus</i>	catita
<i>Micoureus demerarae</i>	catita
<i>Monodelphis americana</i>	catita
<i>Monodelphis domestica</i>	catita
<i>Monodelphis sp</i>	catita
<i>Thylamys karimii</i> VU**ED(CA)	catita
XENARTHRA	
Myrmecophagidae	
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> VU* PA**	Tamanduá bandeira
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá mirim, meleta
Dasypodidae	
<i>Cabassous unicinctus</i>	tatu de rabo mole, rabo de couro
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu galinha, verdadeiro, asa branca
<i>Dasypus septemcinctus</i>	China, tatuí
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu Peba
<i>Tolypeutes tricinctus</i> VU* **	Tatu bola
CHIROPTERA	
Phyllostomidae	
Phyllostominae	
<i>Mimon crenulatum</i>	morcego
<i>Phyllostomus discolor</i>	morcego
<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego
<i>Micronycteris minuta</i>	Morcego
<i>Lonchorhina aurita?</i>	Morcego
<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego
Carollinae	
<i>Carollia brevicaudata</i>	Morcego
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego
<i>Rhinophylla pumilio</i>	Morcego
Stenodermatinae	
<i>Sturnira tildae</i>	Morcego
<i>Sturnira lilium</i>	Morcego
<i>Artibeus sp.</i>	Morcego
<i>Artibeus jamaicensis (=planirostris)</i>	Morcego
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego
<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego

Taxa	Nomes populares
<i>Platyrrhinus helleri</i>	Morcego
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego
<i>Platyrrhinus recifinus</i> VU(BR)	Morcego
<i>Uroderma bilobatum</i>	Morcego
Glossophaginae	
<i>Glossophaga longirostris</i>	Morcego
<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego
<i>Anoura caudifer</i>	Morcego
<i>Anoura geoffroyi</i>	Morcego
Desmodontinae	
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego hematofago
<i>Diphylla ecaudata</i>	Morcego hematófago
Molossidae	
<i>Cynomops planirostris</i>	Morcego
<i>Molossus molossus</i>	Morcego
<i>Molossops temminckii</i>	Morcego
Mormoopidae	
<i>Pteronotus parnelli</i>	Morcego
Vespertilionidae	
<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego
<i>Lasiurus egregius</i>	Morcego
<i>Myotis nigricans</i>	Morcego
<i>Rhogheessa</i> cf. <i>hussoni</i>	Morcego
Emballonuridae	
<i>Rhynchonycteris naso</i>	Morcego
PRIMATES	
Atelidae	
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio, barbado, capelão
<i>Callicebus</i> sp.	Sauá, guigó, zogue-zogue
Cebidae	
<i>Callithrix penicillata</i>	Mico estrela
<i>Cebus libidinosus</i>	Macaco prego
LAGOMORPHA	
Leporidae	
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti, lebre
CARNIVORA	
Mustelidae	
<i>Gallictis vittata</i> sp.	Furão
Canidae	
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro do mato
<i>Lycalopex vetulus</i> ED(CE)	Raposinha
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará
Procyonidae	
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão pelada, guaxinim
<i>Nasua nasua</i>	Quati
Mephitidae	
<i>Conepatus semistriatus</i>	Jaritataca

Taxa	Nomes populares
Mustelidae	
<i>Eira barbara</i>	Irara, papa mel
Felidae	
<i>Leopardus pardalis</i> VU*	Jaguaritica
<i>Leopardus tigrinus</i> VU	Gato do mato pequeno
<i>Leopardus</i> sp.	Gato do mato
<i>Panthera onca</i> VU* Pa	Onça pintada/preta
<i>Puma concolor</i> VU*r	Suçuarana, onça parda, onça vermelha
<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato mourisco
PERISSODACTYLA	
Tapiridae	
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta
ARTIODACTYLA	
Tayassuidae	
<i>Pecari tajacu</i>	Catitu
Cervidae	
<i>Mazama americana</i>	Veado mateiro
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado catingueiro
<i>Ozotoceros bezoarticus</i> PA**	Veado campeiro
RODENTIA	
Cricetidae	
<i>Akodon</i> sp.	Rato
<i>Calomys expulsos</i>	Rato
<i>Calomys tocantinsi</i>	Rato
<i>Calomys</i> spp.	Rato
<i>Cerradomys</i> sp.	Rato
<i>Hylaeamys (= Oryzomys) laticeps</i>	Rato
<i>Necomys lasiurus</i>	Rato
<i>Oecomys bicolor</i>	Rato
<i>Oecomys catherinae</i>	Rato
<i>Oecomys</i> sp.	Rato
<i>Oligoryzomys</i> spp. (<i>O. fornesi</i> , <i>O. stramineus</i>)	Rato
<i>Oligoryzomys moojeni</i>	Rato
<i>Oligoryzomys nigripes</i> (= <i>O. eliurus</i> 26; <i>O. sp</i> 28)	Rato
<i>Rhipidomys macrurus</i>	Rato
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Rato
<i>Rhipidomys</i> sp.	Rato
<i>Thalpomys</i> sp.	Rato
<i>Wiedomys pyrrhorhinus</i> ED(CA)	Rato bico de lacre
Muridae	
<i>Rattus rattus</i> / <i>Mus musculus</i>	Rato do telhado/camundongo
Caviidae	
<i>Galea spixii</i>	
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara
Cuniculidae	
<i>Cuniculus paca</i>	Paca
Dasyproctidae	

Taxa	Nomes populares
<i>Dasyprocta azarae / nigriclunis</i>	Cutia
Erethizontidae	
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço, porco espinho
Echimyidae	
<i>Thrichomys inermis</i>	Punaré
<i>Thrichomys apereoides</i>	Punaré
<i>Thrichomys sp1</i>	Punaré

ANEXO 2 – FIGURAS E REGISTROS FOTOGRÁFICOS

FIGURA 1 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA (ÁREA 1) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

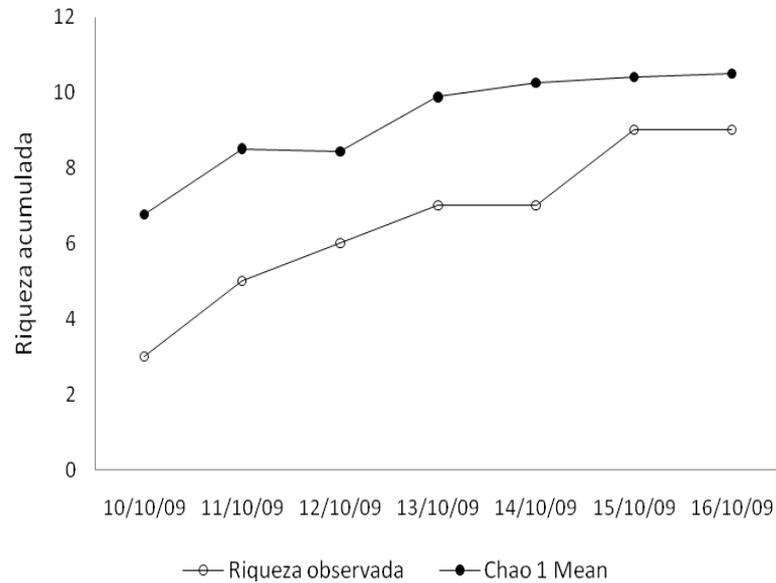


FIGURA 2 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM PEIXE (ÁREA 2) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

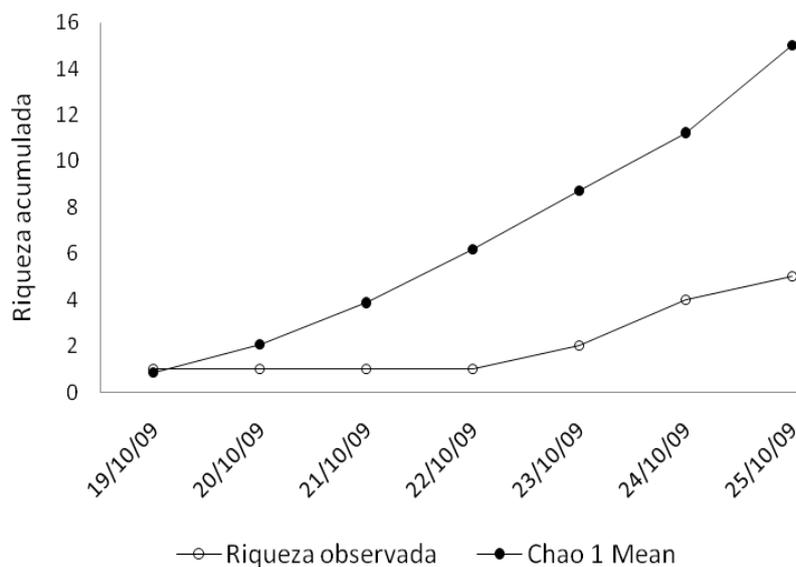


FIGURA 3 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)

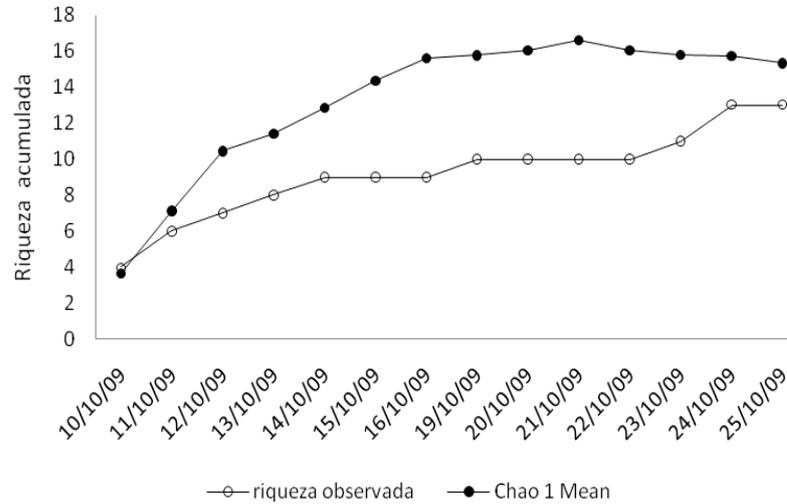


FIGURA 4 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA (ÁREA 1) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

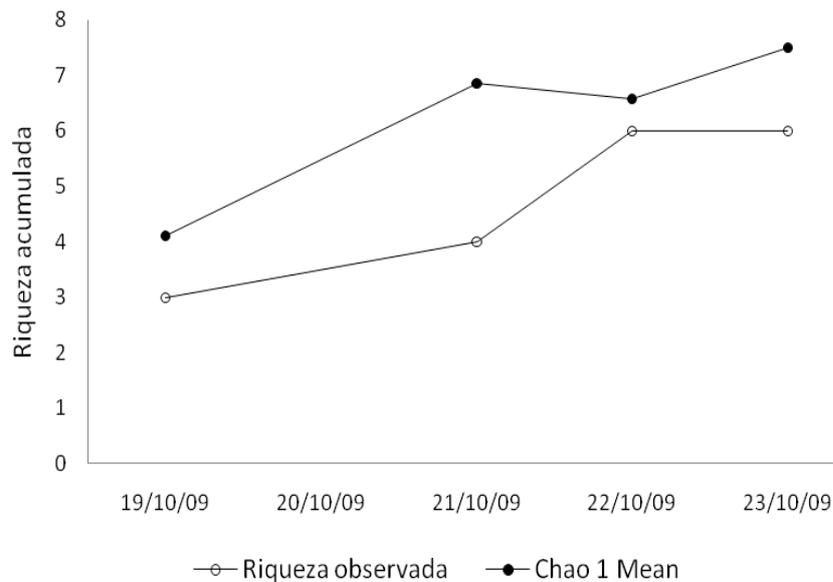


FIGURA 5 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM PEIXE (ÁREA 2) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

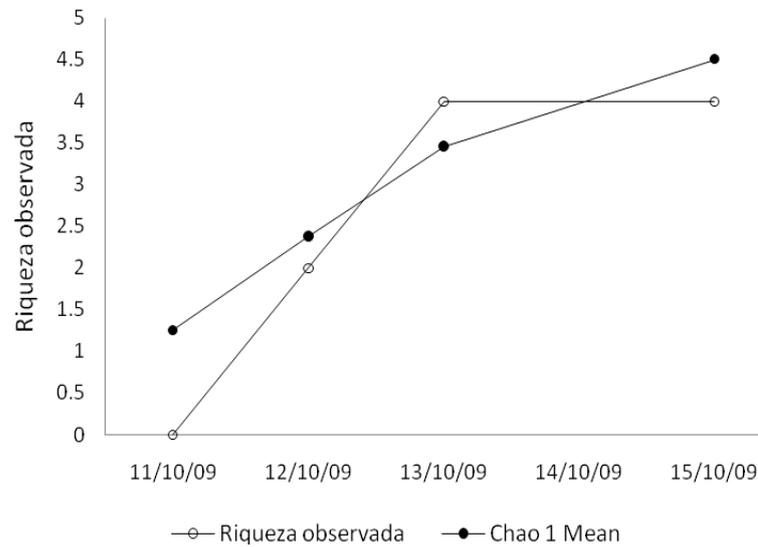


FIGURA 6 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM ÁREA DE SAVANA ARBÓREA ABERTA (ÁREAS 1. FIGUEIRÓPOLIS/SUCUPIRA E 2. PEIXE)

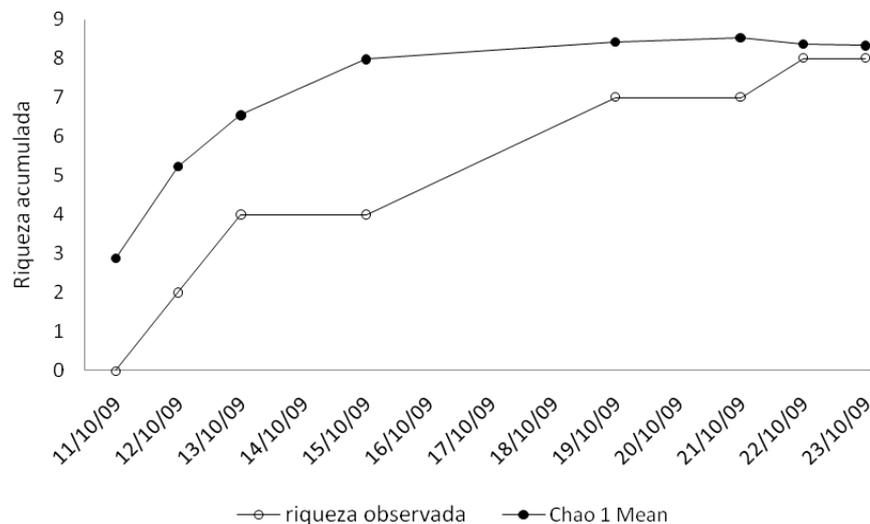


FIGURA 7 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM PARANÃ, TO (ÁREA 3) COM SAVANA PARQUE

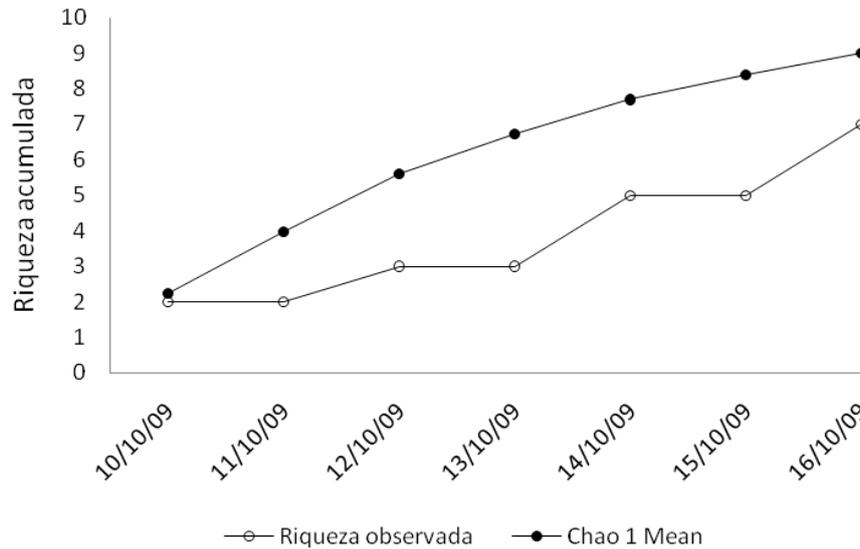


FIGURA 8 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREA 4) COM SAVANA PARQUE

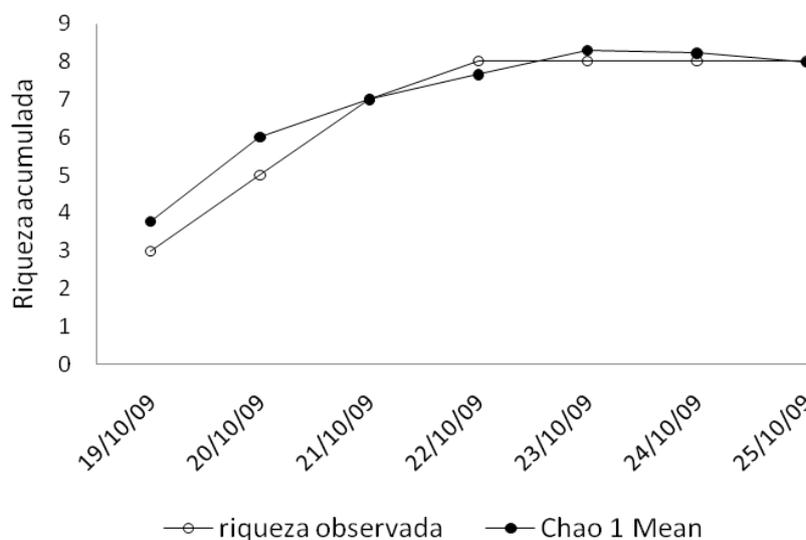


FIGURA 9 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS NA FITOFISIONOMIA SAVANA PARQUE (ÁREAS 3 E 4)

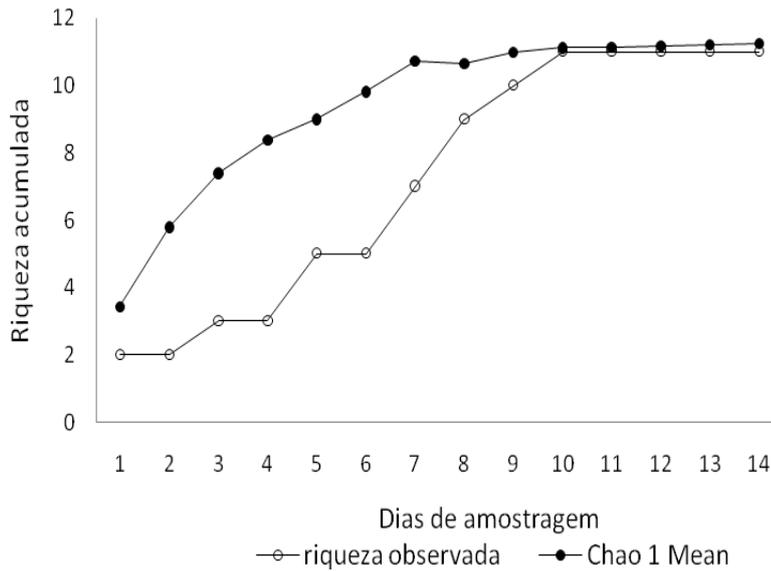


FIGURA 10 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM PARANÃ, TO (ÁREA 3) COM SAVANA PARQUE

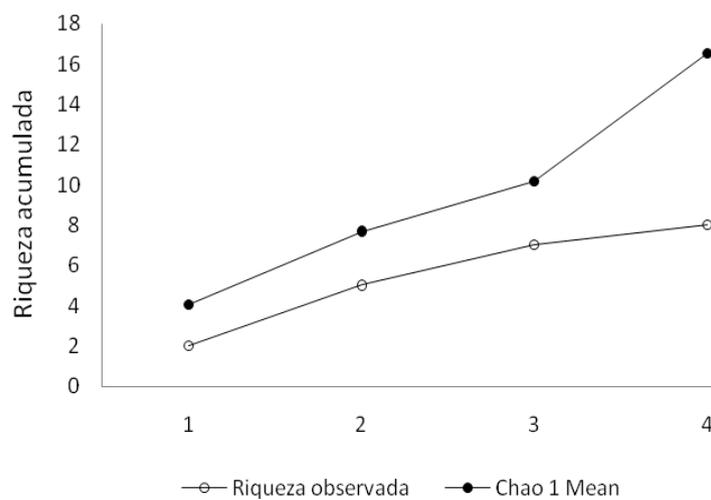


FIGURA 11 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM CONCEIÇÃO DO TOCANTINS, TO (ÁREA 4) COM SAVANA PARQUE

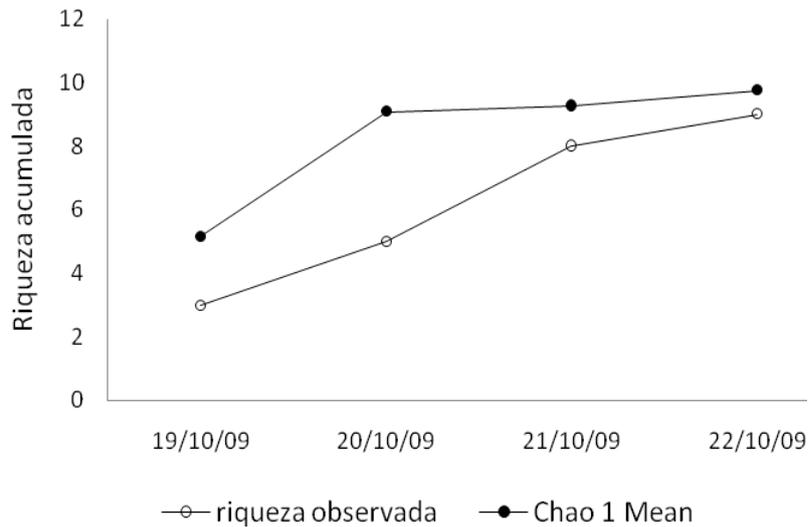


FIGURA 12 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS NA FITOFISIONOMIA SAVANA PARQUE (ÁREAS 3 E 4)

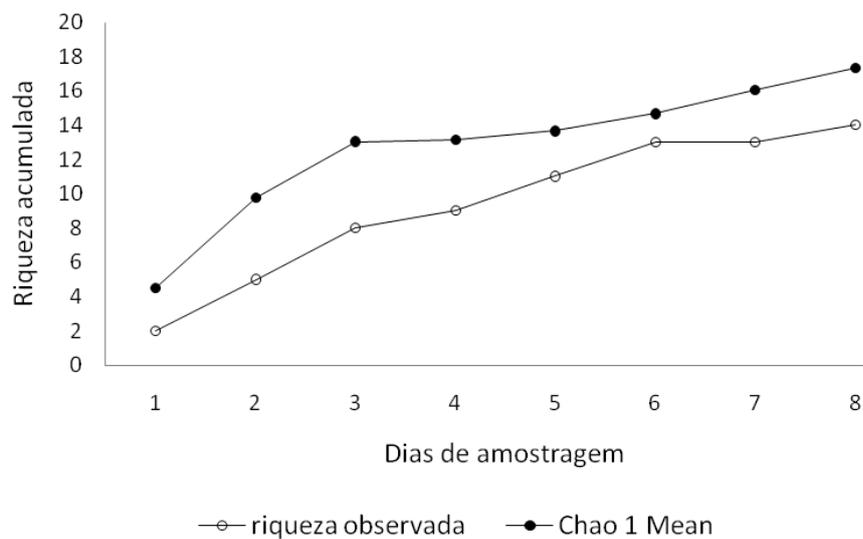


FIGURA 13 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA

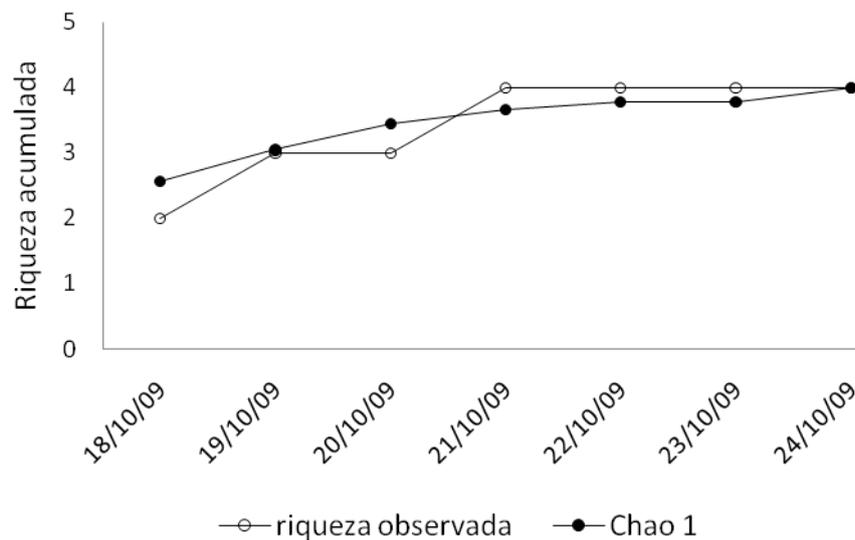


FIGURA 14 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM LAVANDEIRA/COMBINADO, TO (ÁREA 5) COM FLORESTA DECÍDUA

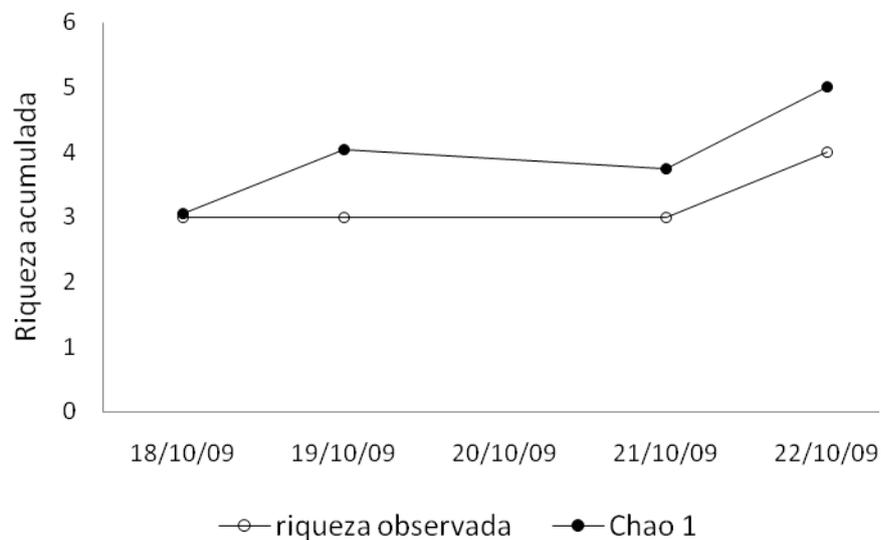


FIGURA 15 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM RODA VELHA-SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 6) COM SAVANA PARQUE, BA

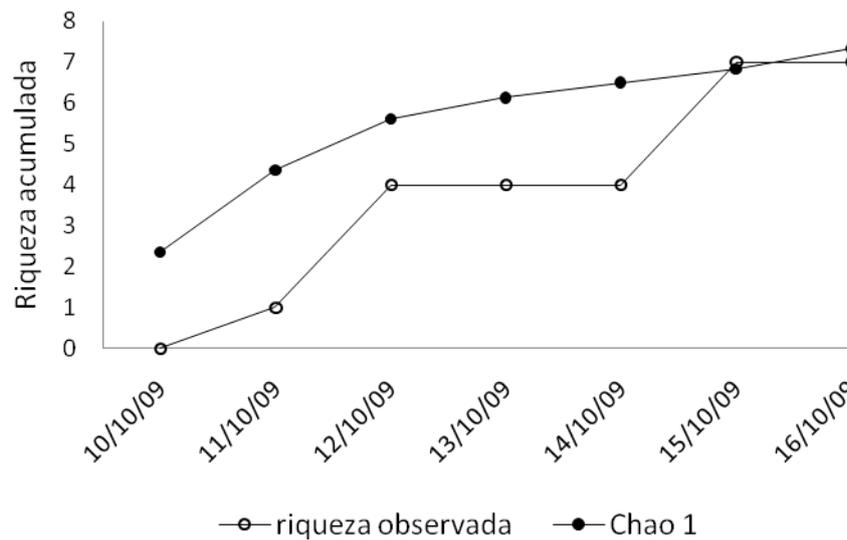


FIGURA 16 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 7) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

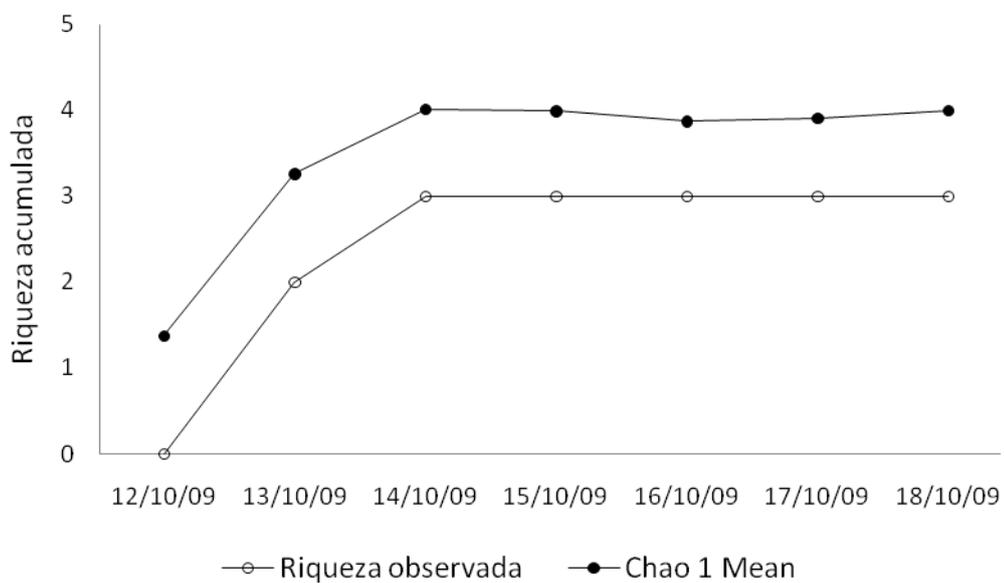


FIGURA 17 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREA 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

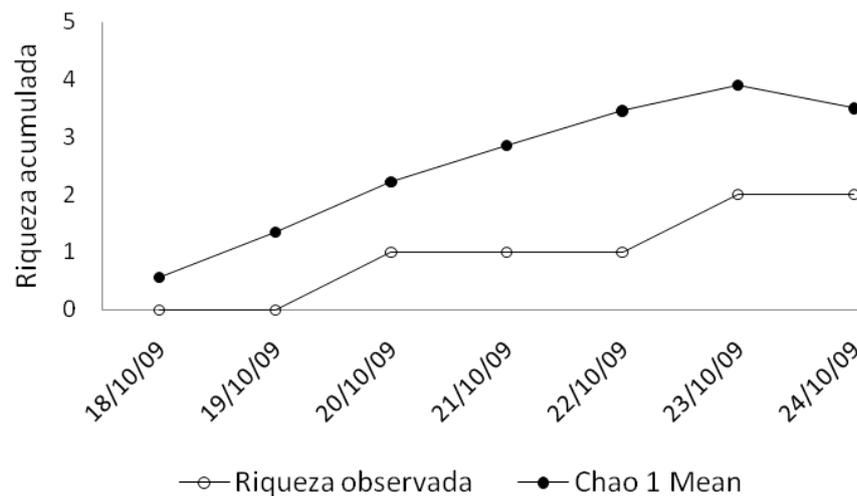


FIGURA 18 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM SÃO DESIDÉRIO, BA (ÁREAS 7 E 8) COM SAVANA ARBÓREA ABERTA

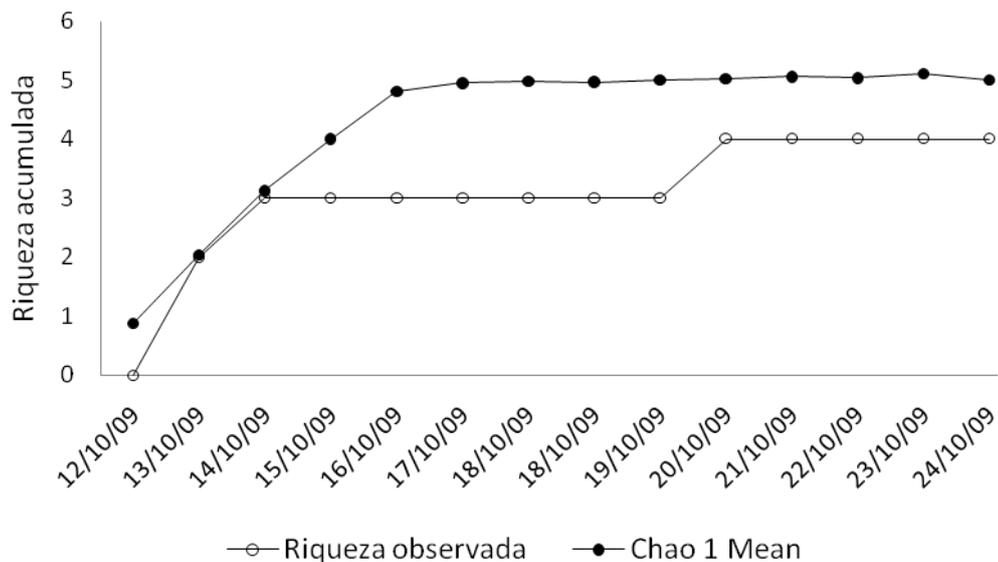


FIGURA 19 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM SÃO FELIX DO CORIBE, BA (ÁREA 9) COM FLORESTA ESTACIONAL

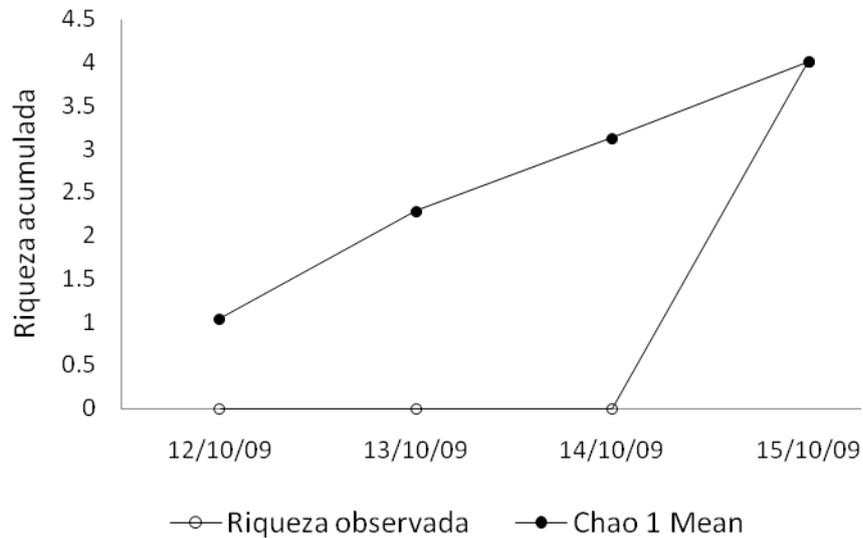


FIGURA 20 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S. FRANCISCO (ÁREA 10. SERRA DO RAMALHO, BA)

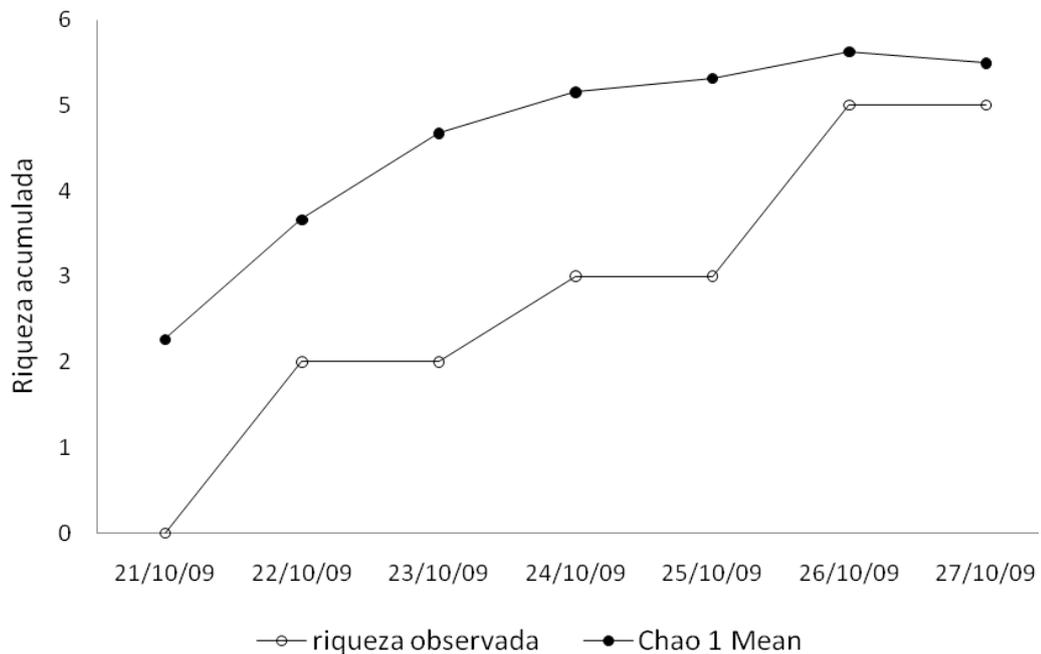


FIGURA 21 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM ESTEPE ARBÓREA ABERTA COM VÁRZEA A OESTE DO S. FRANCISCO (ÁREA 10. SERRA DO RAMALHO, BA)

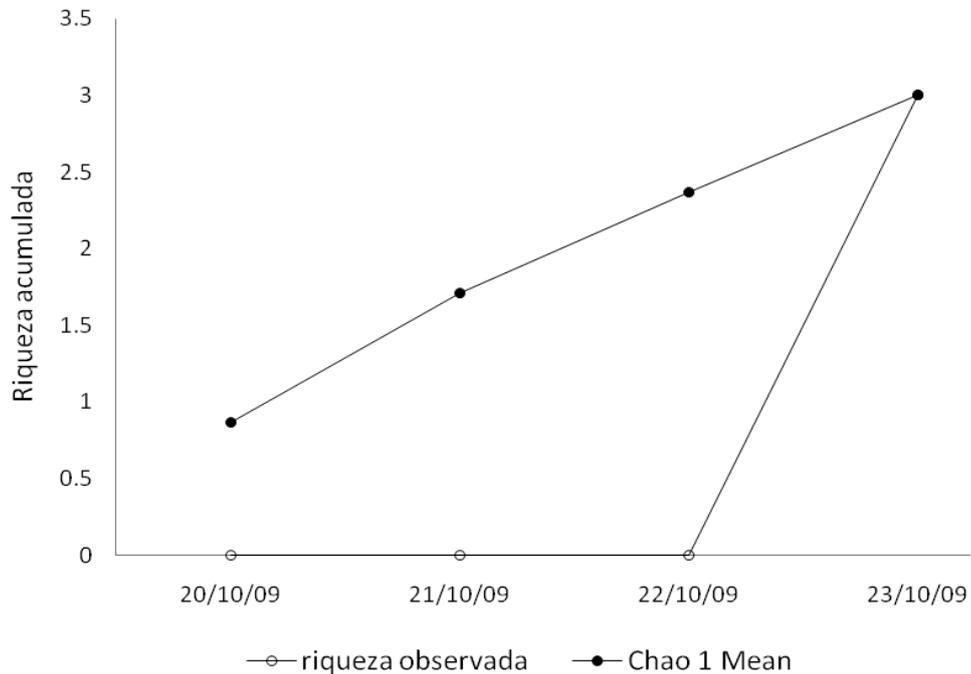


FIGURA 22 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM BRUMADO, BA (ÁREA 14) COM ESTEPE ARBÓREA DENSA

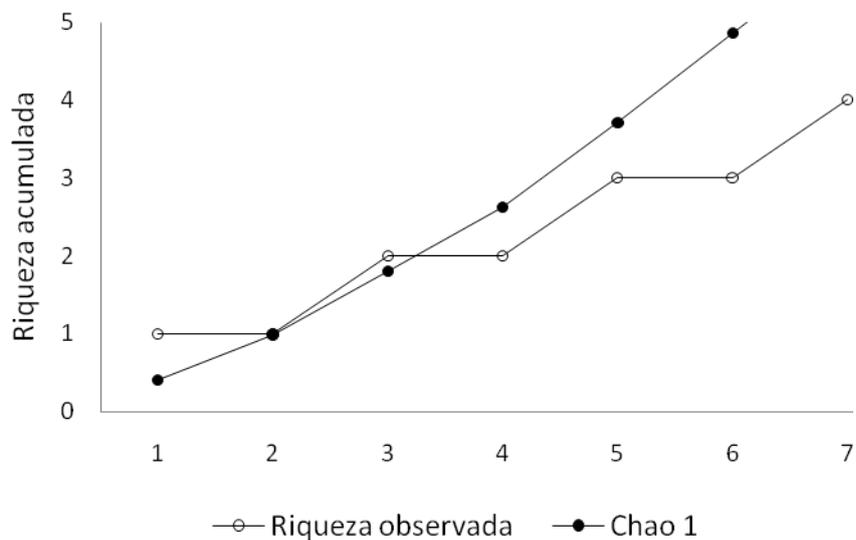


FIGURA 23 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14).COM ESTEPE ARBÓREA DENSA

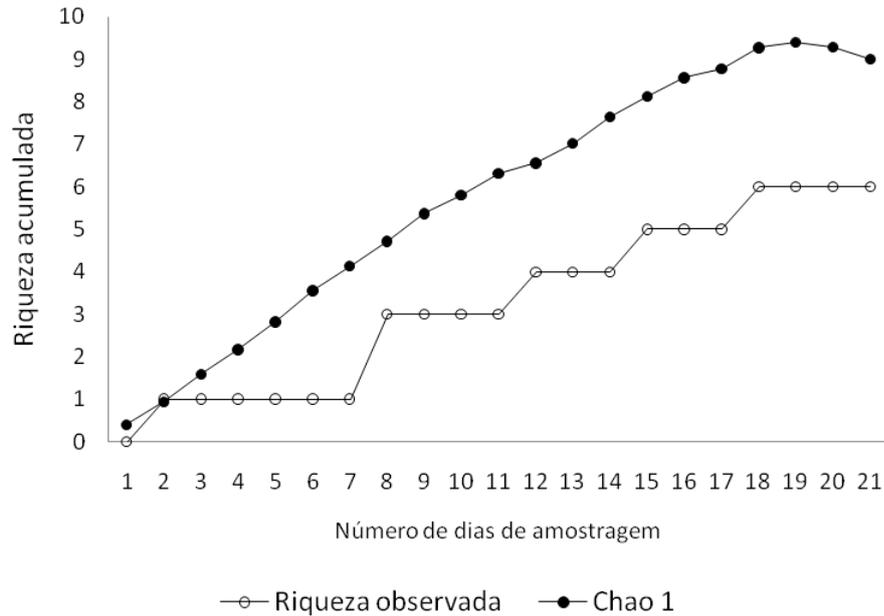


FIGURA 24 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM CAETITÉ, BA (ÁREA 12).COM ESTEPE ARBÓREA DENSA

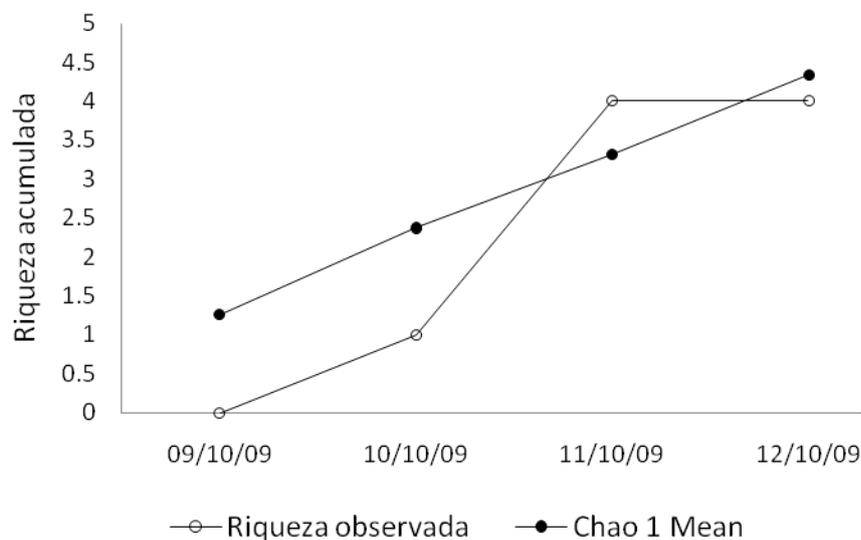


FIGURA 25 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM LAGOA REAL, BA (ÁREA 13).COM ESTEPE ARBÓREA DENSA

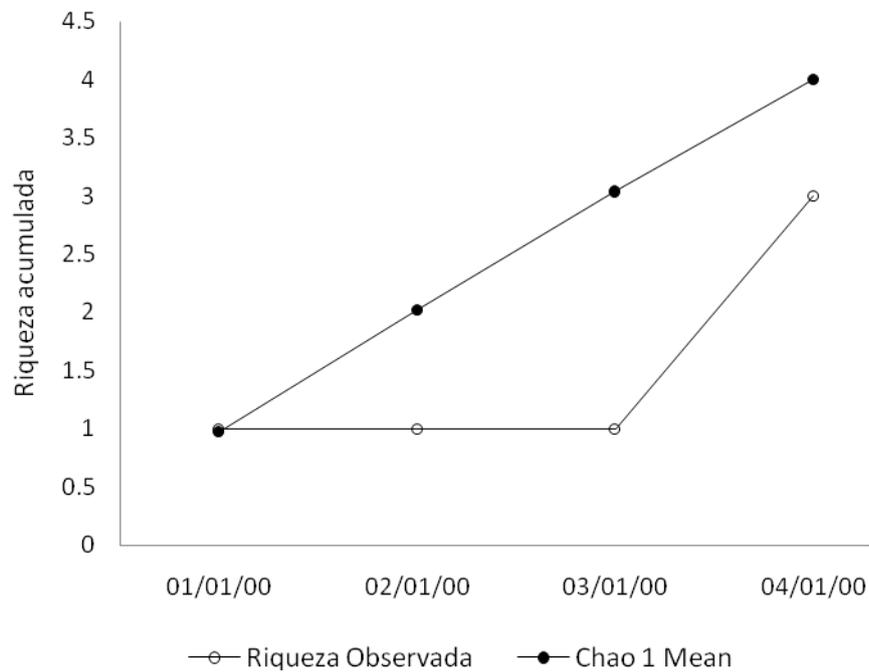


FIGURA 26 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM CAETITÉ, LAGOA REAL/LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA E BRUMADO, BA (ÁREAS 12, 13 E 14).COM ESTEPE ARBÓREA DENSA

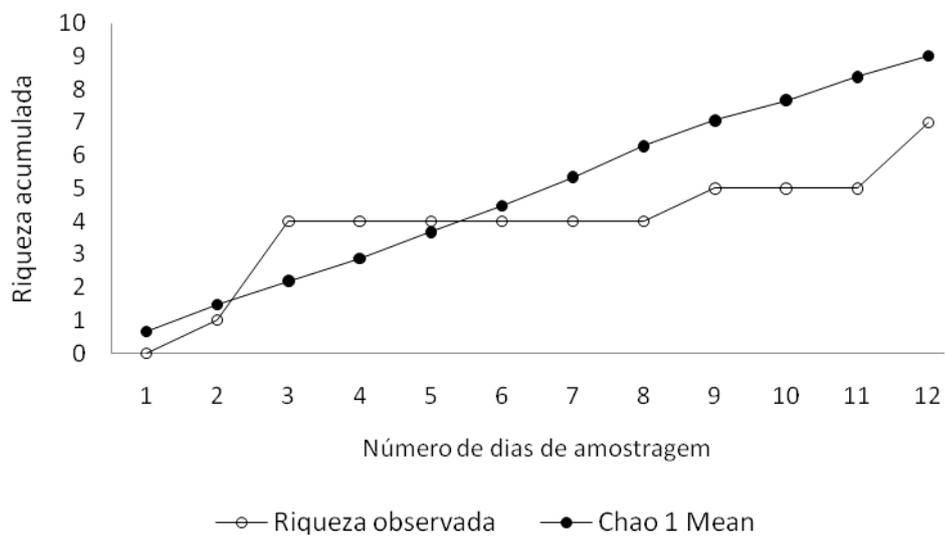


FIGURA 27 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM RIACHO DE SANTANA, BA (ÁREA 11) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA

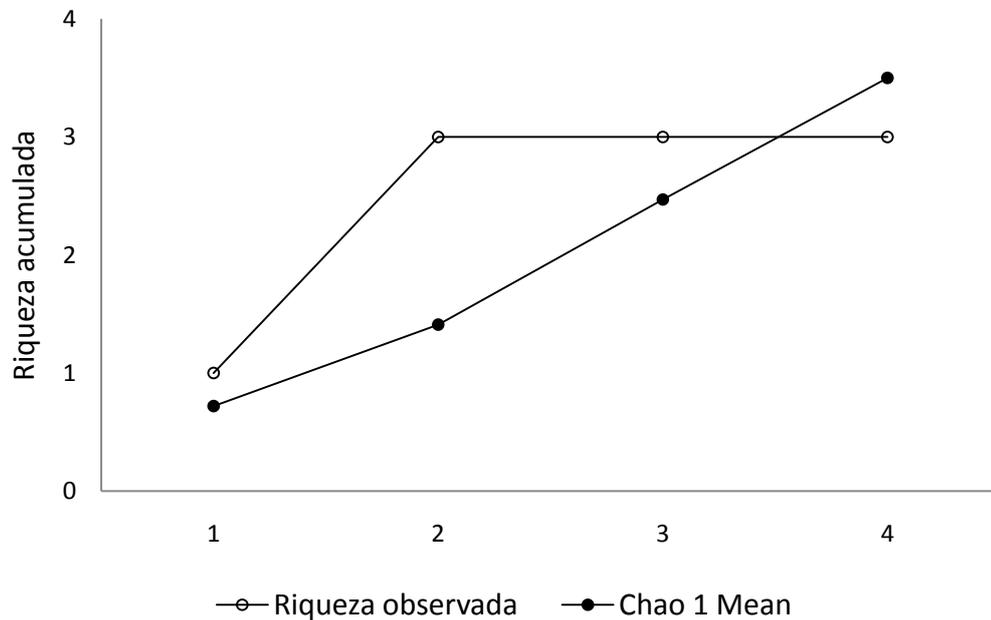


FIGURA 28 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM RIACHO DE SANTANA E MANOEL VITORINO, BA (PONTOS 11 E 15) COM ESTEPE ARBÓREA ABERTA

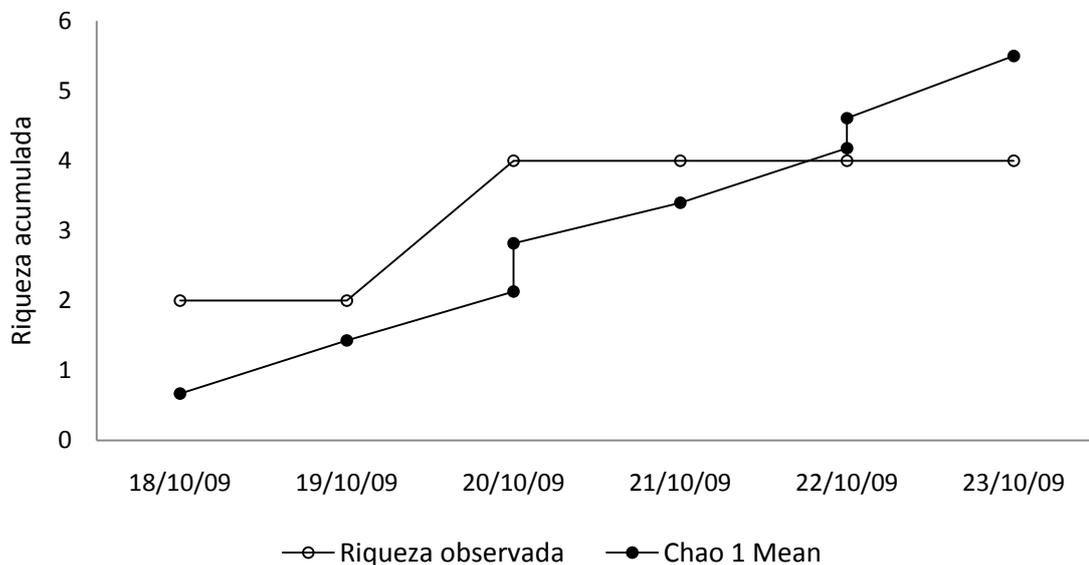


FIGURA 29 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM JÉQUIÉ, BA (ÁREA 16) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA

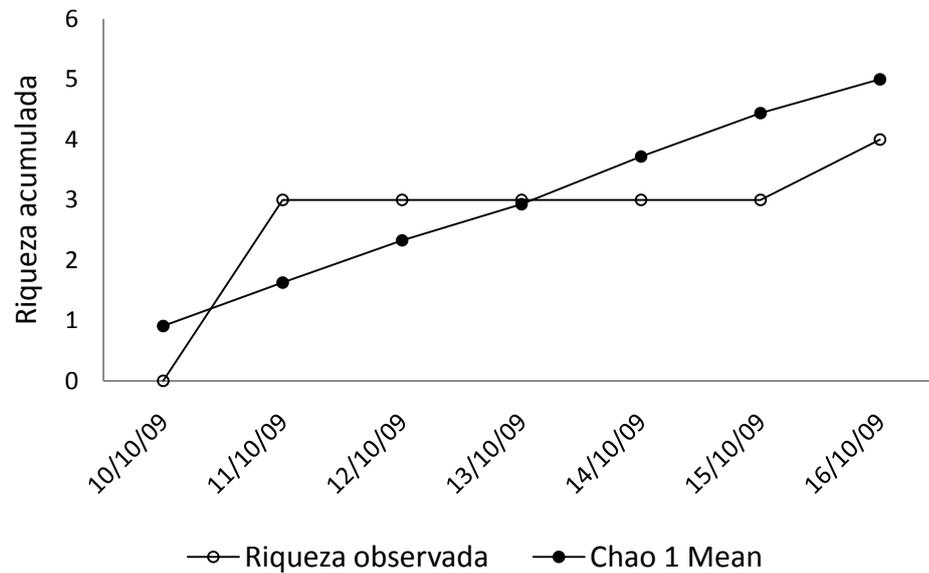


FIGURA 30 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM JEQUIÉ, BA (ÁREA 16) COM FLORESTA SEMIDECÍDUA

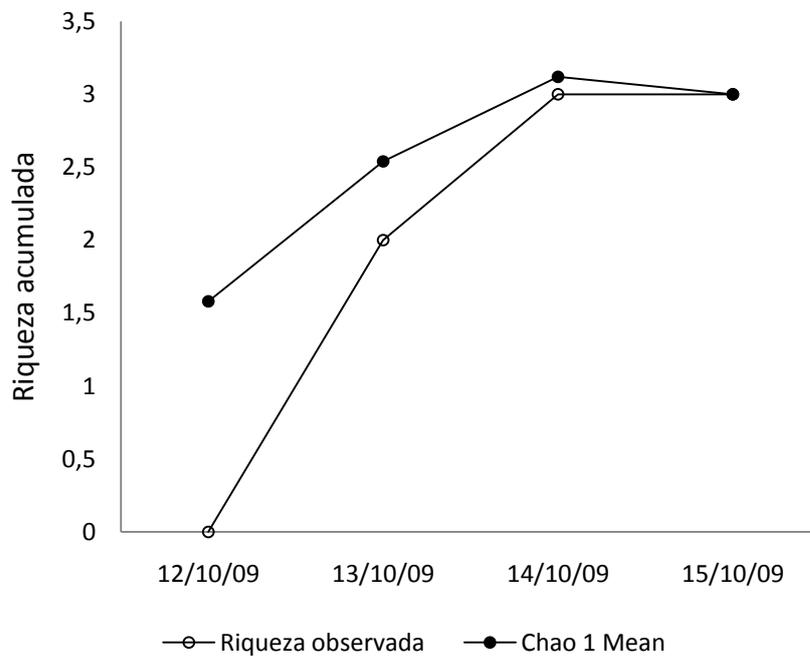


FIGURA 31 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ITAGIBÁ, BA (ÁREA 17) COM FLORESTA OMBRÓFILA

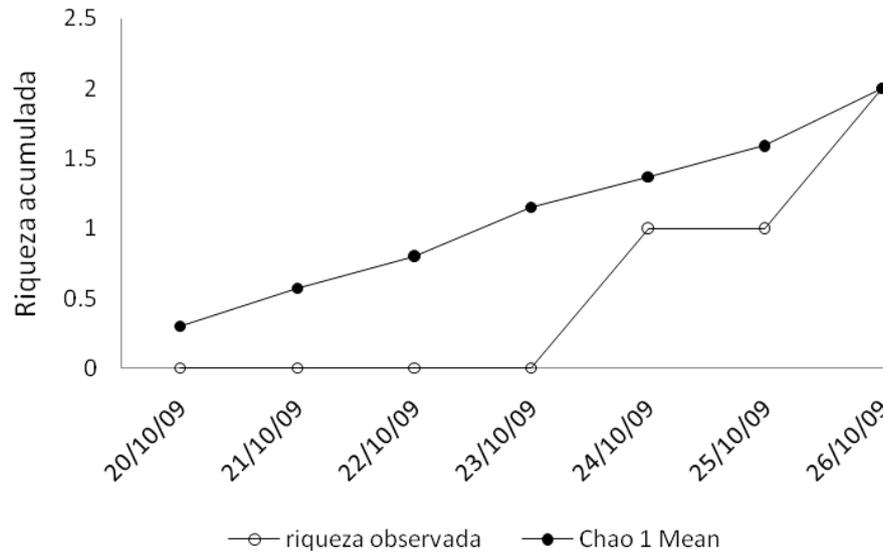


FIGURA 32 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM URUÇUCA, BA (ÁREA 18) COM FLORESTA OMBRÓFILA

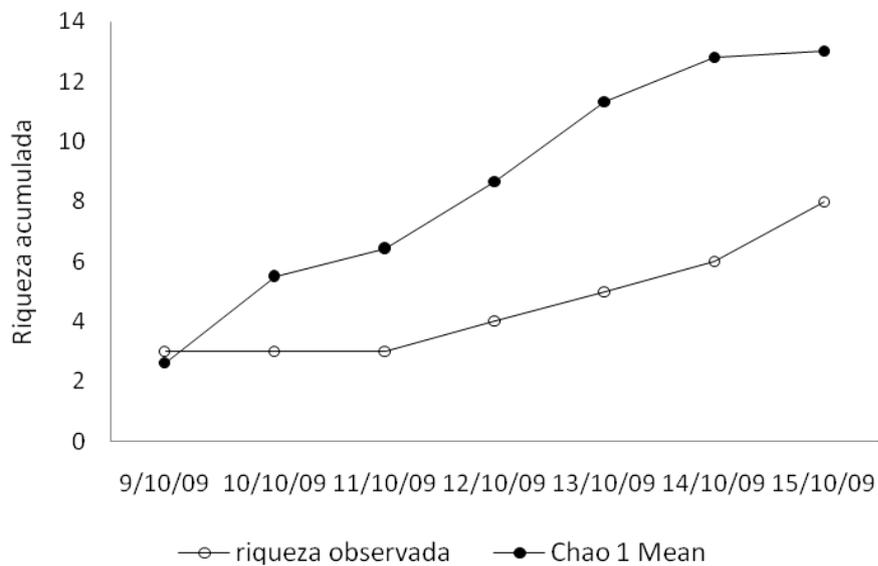


FIGURA 33 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ILHÉUS, BA (ÁREA 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA

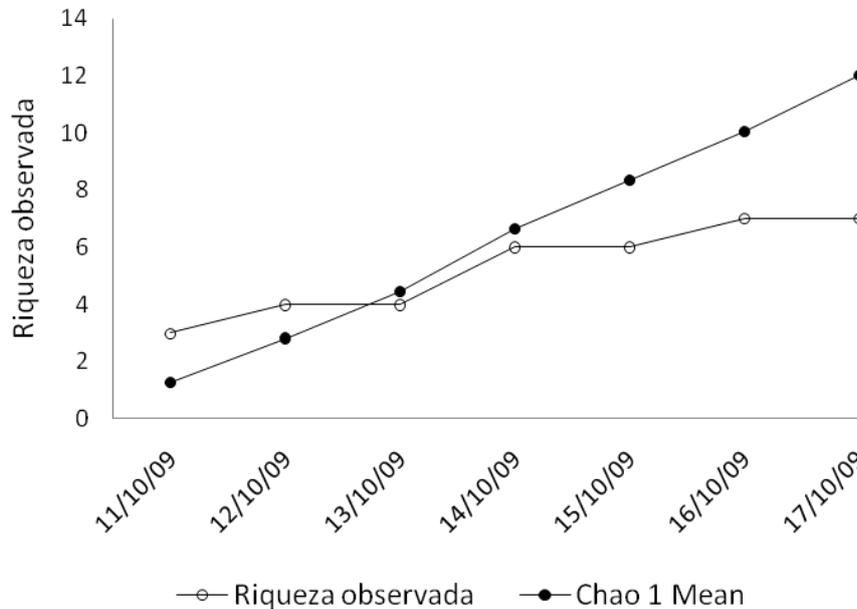


FIGURA 34 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS OBSERVADAS EM ITAGIBÁ, URUÇUCA E ILHÉUS, BA (ÁREAS 17, 18 E 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA

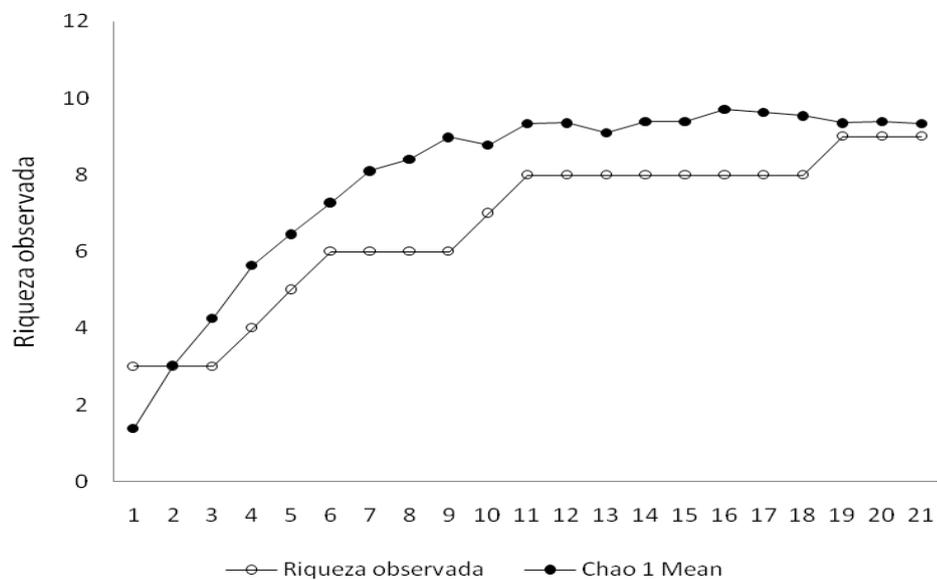


FIGURA 35 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM ITAGIBÁ, BA (ÁREA 17) COM FLORESTA OMBRÓFILA

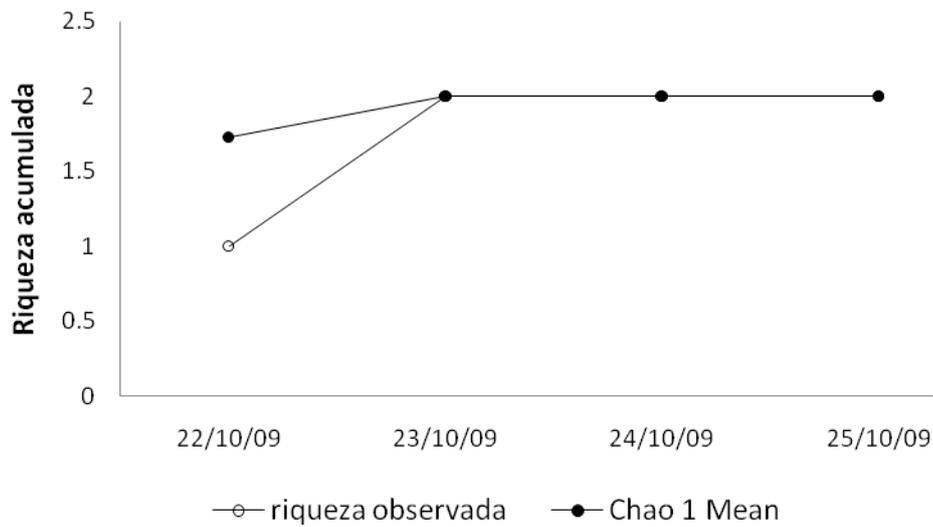


FIGURA 36 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM URUÇUCA, BA (ÁREA 18) COM FLORESTA OMBRÓFILA

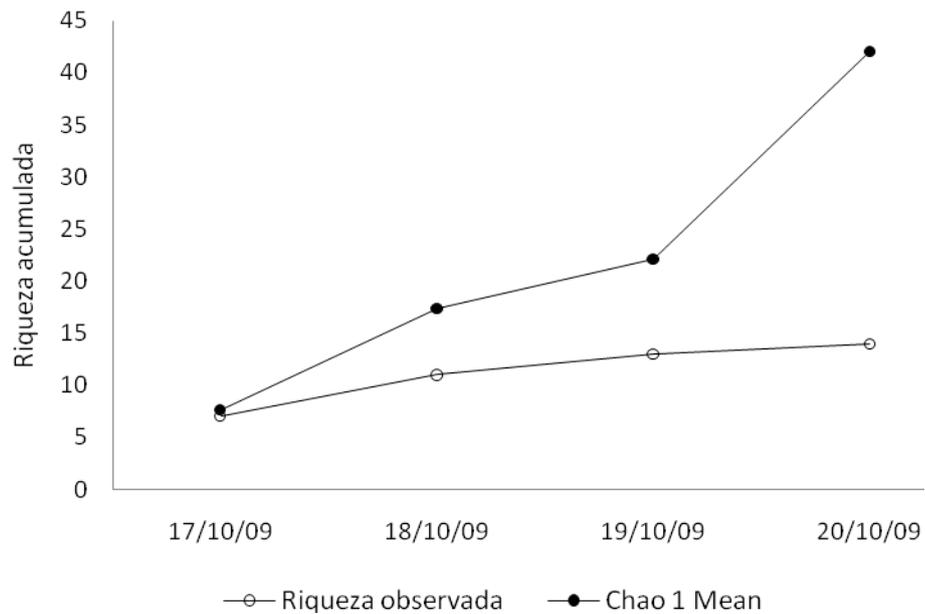


FIGURA 37 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA DE MORCEGOS OBSERVADAS EM ILHÉUS, BA (ÁREA 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA

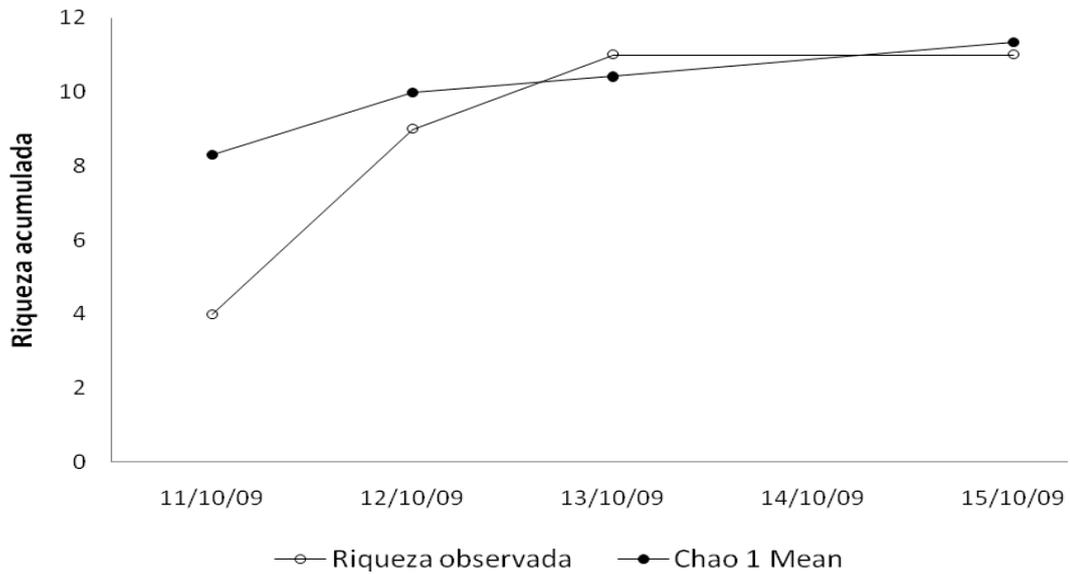
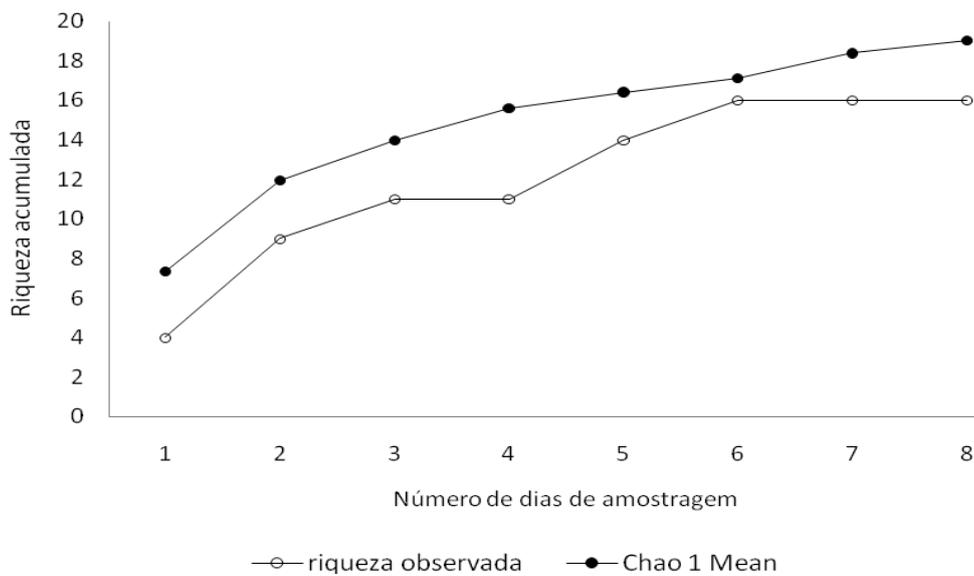


FIGURA 38 – CURVA DE ACÚMULO DE ESPÉCIES E RIQUEZA OBSERVADA DE MORCEGOS EM ITAGIBÁ, URUÇUCA E ILHÉUS, BA (ÁREAS 17, 18 E 19) COM FLORESTA OMBRÓFILA



ANEXO FOTOGRÁFICO (MASTOFAUNA)



***Marmosa murina* capturada com armadilha sherman na Área 6**



***Calomys* sp. capturado com armadilha sherman na Área 6**



***Calomys* sp1 capturado com armadilha sherman na Área 6**



***Necomys lasiurus* capturado em pitfall na Área 6**



***Wiedomys pyrhorhinos* capturado com armadilha sherman na Área 6**



***Trichomys apereoides* capturado com armadilha sherman na Área 6**



Tolypeutes tricinctus observado durante os censos na Área 6



Tolypeutes tricinctus observado durante os censos na Área 6



Toca de Dasypodinae encontrada durante censo



Mazama guazoupira observado durante censo na Área 6



Rastros de *Mazama* sp. observados durante censo



Platyrrhinus lineatus encontrado durante busca ativa



Calomys cf. expulsus capturado na Área 7



Necromys lasiurus capturado na Área 7



Gracilinanus agilis capturado na Área 7



Marmosa murina capturada na Área 7



Galea spixii observada na Área 8



Trichomys inermis encontrado na Área 8



Toca de *Dasytus* sp. encontrada na Área 8



Toca de *Cabassous* sp. encontrada na Área 8



Toca de *Euphractus sexcinctus* encontrada na Área 8



Dasytus septemcinctus encontrado na Área 8



Casco de *Cabassous* sp. encontrado na Área 8



Fezes de *Alouatta caraya* encontradas na Área 8



Pegada de *Cerdocyon thous* encontrada na Área 7



Pegada de *Chrysocyon brachyurus* encontrada na Área 8



Pegada de *Panthera onca* jovem encontrada na Área 8



Pegada de *Dasyprocta prymnolopha* encontrada na Área 7



Pegada de *Mazama guazoubira* observada na Área 7



Galhada de *Ozotoceros bezoarticus* encontrada na Área 7



Gambá de orelha branca



Catita



Roedor ainda em identificação



Registro oportuno de uma catita



Rato bico de lacre



Rastro de tatu galinha ou china



Mico estrela



Rastro de mão pelada



Preá



Gambá de orelha branca



Catita *Monodelphis domestica*



Rato bico de lacre



Desmodus rotundus



Myotis nigricans



Cachorro do mato



Catita *Marmosops incanus*



Catita



Oecomys catharinae



Artibeus obscurus



Carollia perspicillata



Glossophaga soricina



Lonchorhina aurita



Phyllostomus discolor



Platyrrhinus helleri



Platyrrhinus lineatus



Sturnira tilde



Trachops cirrhosus